

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ABNER BEN DE MORAIS

“LE CHAMPION DU CHRIST” A EXALTAÇÃO DO CONDE SIMÃO DE
MONTFORT NA CRÔNICA *HISTOIRE ALBIGEOISE* (1209-1218)

CURITIBA

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ABNER BEN DE MORAIS

“LE CHAMPION DU CHRIST” A EXALTAÇÃO DO CONDE SIMÃO DE
MONTFORT NA CRÔNICA *HISTOIRE ALBIGEOISE* (1209-1218)

Dissertação apresentada ao curso
de Pós-Graduação em História,
Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná,
como requisito parcial à obtenção
do título de Mestre em História

Orientadora: Prof^a Dr^a Fátima
Regina Fernandes Frighetto

CURITIBA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Morais, Abner Ben de

"Le Champion Du Christ" a exaltação do Conde Simão de Montfort na crônica
Histoire Albigeoise (1209-1218). / Abner Ben de Moraes. – Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Profª. Drª. Fátima Regina Fernandes Frighetto

1. França - Idade média – História. 2. Montfort, Simon, 1165-1218.
3. Cruzadas - Albigeense, 1209-1229. 4. Legitimidade. I. Frighetto, Fátima Regina
Fernandes, 1962-. II. Título.

CDD – 909.7



MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **ABNER BEN DE MORAIS** intitulada: **"LE CHAMPION DU CHRIST" A EXALTAÇÃO DO CONDE SIMÃO DE MONTFORT NA CRÔNICA HISTOIRE ALBIGEOISE (1209-1218)**, sob orientação da Profa. Dra. FATIMA REGINA FERNANDES FRIGHETTO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 02 de Outubro de 2020.

Assinatura Eletrônica

02/10/2020 17:48:18.0

FATIMA REGINA FERNANDES FRIGHETTO

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

02/10/2020 16:47:38.0

CARLOS EDUARDO ZLATIC

Avaliador Interno Pós-Doc (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

04/10/2020 12:27:39.0

JOSÉ RIVAI MACEDO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL)

Rua General Carneiro, 460, Ed.D. Pedro I, 7º andar, sala 716 - Campus Reitoria - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5086 - E-mail: cpghis@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 54562

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 54562

AGRADECIMENTOS

Ao longo de pouco mais de dois anos de Mestrado sinto-me constrangido a agradecer a muitas pessoas que de forma direta ou indireta fizeram cooperaram na produção deste trabalho. Infelizmente, o espaço é curto para dizer a exatamente todos que ajudaram e em como o fizeram. Segue um genuíno esforço de agradecer a todas essas pessoas.

À CAPES pela bolsa concedida que possibilitou a realização da pesquisa.

À Cristina Parzwski, por todo o empenho em ajudar e resolver qualquer dificuldade e pela disposição em tirar qualquer dúvida. A todo o Programa de Pós-Graduação em História por todo o auxílio nas diferentes etapas do mestrado.

Aos colegas das disciplinas de Seminário por todos as sugestões que certamente podem ser vistas nas páginas dessa dissertação.

À Ana, ao Alisson e ao Savius pelas discussões acadêmicas que também cooperaram com essa pesquisa, pelos conselhos e principalmente pela companhia durante todo o mestrado.

Ao professor Carlos Eduardo Zlatic, pelas aulas ministradas no primeiro ano de mestrado com muita dedicação e paciência. Agradeço também pelas conversas e conselhos que aconteciam fora das aulas. Agradeço por ter aceitado participar da banca de qualificação e sugestões após ela. À professora Eliane Veríssimo por ter aceitado participar da banca de qualificação e pela contribuição nos comentários e pelo auxílio até o término deste trabalho.

À professora Fátima Regina Fernandes Frighetto pela enorme dedicação e empenho ao orientar este trabalho, por toda disposição em aconselhar, animar e quando necessário falar com mais seriedade. Agradeço também pela amizade construída até aqui e pela inspiração de como levar a sério uma pesquisa acadêmica. Ao professor Renan Frighetto por ter ministrado as disciplinas de seminário e pela orientação nos rumos deste trabalho e pela amizade oferecida durante todo o mestrado.

Aos restantes amigos que mesmo não pertencendo ao meio acadêmico, foram como irmãos apoiando e sempre perguntado do andamento da dissertação.

Aos meus pais, Claudimir e Karin, e à minha irmã, Stephanie por todo apoio e compreensão quando precisei ficar horas trancado no quarto trabalhando. Obrigado pelo apoio e amor incondicional em todo esse tempo, que me constrangeu e muito contribuiu para a realização deste trabalho. À Beatriz, minha noiva, por todo amor, carinho e cuidado dispensado e paciência em me dividir com os livros e computadores nesse tempo.

Finalmente, ao meu Amado Senhor, por quem tudo existe e para quem são todas as coisas, aquele que espero que logo encontrar. Sei que foi pela Tua graça que consegui concluir este trabalho.

RESUMO

A Cruzada Albigense (1209-1229) foi uma guerra anti-herética conclamada pelo Sumo Pontífice, Inocêncio III no começo do século XIII. Através dela, a Santa Sé pretendia exterminar os membros da heresia albigense que estavam no sul da França, na região do Languedoc. O Conde Simão de Montfort (1160-1218), vassalo de Filipe Augusto e considerado um nobre menor, quando comparado com outros nobres na França, foi eleito líder militar da Cruzada e comandou as hostes na conquista de várias localidades na região. Como líder da Cruzada, Simão IV se tornaria o senhor de todas as localidades que conquistasse no Languedoc. Por mais que, na teoria, o Languedoc estivesse sob o domínio do monarca capeto Filipe Augusto, na prática, seu poder era pouco efetivo. O rei de Aragão, Pedro II e o Conde de Toulouse, Raimundo VI possuíam mais hegemonia na região. As complexas relações de poder dificultavam que as conquistas de Simão IV fossem reconhecidas por Inocêncio III. No decorrer da Cruzada, Simão IV conseguiu conquistar boa parte das localidades do Languedoc, se tornando senhor da maioria delas e repassando para seus companheiros mais próximos. Aqueles que faziam frente a sua hegemonia, Pedro II e o Raimundo VI foram como que vencidos por Simão IV; Pedro II foi morto em 1213 numa batalha contra as hostes lideradas por Simão IV e Raimundo VI foi excomungado e teve suas terras e domínios repassados por Inocêncio III ao Conde de Montfort no IV Concílio de Latrão em 1215. Simão IV se tornou o Conde de Toulouse, mas numa batalha por conta de uma revolta de Raimundo VI acabou sendo morto em 1218. A crônica *Historie Albigeoise* escrita pelo monge cisterciense, Pierre des Vaux-de-Cernay, narra os eventos da Cruzada entre 1209 e 1218. A obra, que ganhou um status de versão oficial da Santa Sé, tem Simão IV de Montfort como o grande protagonista, narra a Cruzada buscando apresentar Simão IV como herói da Cristandade Latina e legítimo senhor das terras conquistadas. Neste trabalho buscamos compreender os motivos para essa exaltação, trabalhando com o contexto do século XIII e como era a relação de Pierre com Simão IV. Também trabalharemos com os artifícios utilizados pelo cronista para exaltar o Conde de Montfort, fazendo com que ele fizesse sombra aos outros representantes do poder temporal; podendo compreender o que a Cristandade Latina do século XIII entendia como legítimo.

Palavras-chave: Simão de Montfort; Cruzada Albigense; Languedoc; Legitimidade.

ABSTRACT

The Albigeian Crusade (1209-1229) was an anti-heretic war called by Sovereign Pontiff, Innocent III at the beginning of 13th century. Through this war, the Holy See intended to exterminate members of albigeian heresy in south of France, at Languedoc region. The Count Simon of Montfort (1160-1218), vassal of Philip Auguste and considered a smaller noble when compared with other French nobles, was elected military leader of the Crusade and commanded the hostes in conquering several locations in the region. As the leader of the Crusade, Simon IV would become the lord of all lands that conquered in Languedoc. However Languedoc was under the capet monarch Philip Auguste domain in theory, in effect, his power was ineffective. The king of Aragon, Peter II and the count of Toulouse, Raimond VI had more hegemony in the region. The complex power relations made it difficult for Simon IV's achievements to be recognized by Innocent III. During the Crusade, Simon IV was able to conquer good part of Languedoc region, becoming lord of most of its localities and passing them for his close partners. Those that faced his hegemony, Peter II and Raimond VI were as defeated by Simon IV; Peter II was killed in 1213 in the battle against the hostes led by Simon IV and Raimond IV was excommunicated, and his territories and domains were passed by Innocent II to the Count of Montfort in IV Lateran Council in 1215. Simon IV became the Count of Toulouse, but due to Raimond VI's revolt, he was killed during the battle in 1218. The chronicle *Historie Albigeoise* written by cistercian monk, Pierre des Vaux-de-Cernay, narrates the events of the Crusade between 1209 and 1218. The work - that gained a status of final version of the Holy See, has Simon IV of Montfort as the major player - reports the Crusade aiming to present Simon IV as the hero of Latin Christianity and the legitim lord of conquered lands. In this work, we seek to understand the reasons for this exaltation, working with 13th century context and how the relationship between Pierre and Simon IV was. Also, we will work with artifices used by the chronicler to exalt the Count of Montfort, turning him as a shadow of other representatives of temporal power; thus, we will be able to comprehend what the Latin Christianity of 13th century understood as legitim.

Keywords: Simon of Montfort; Albigeian Crusade; Languedoc; Legitimacy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 - MENÇÕES A SIMÃO IV DE MONTFORT E À EXPRESSÃO HEREGES.....	24
FIGURA 1 - LA PIERRE DU SIÈGE.....	76
GRÁFICO 2 - MENÇÕES A SIMÃO IV E A PEDRO II.....	94
GRÁFICO 3 - MENÇÕES A SIMÃO IV E A RAIMUNDO IV.....	98
ANEXO I - ÁRVORE GENEALÓGICA DA LINHAGEM DE MONTFORT.....	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	
	Erro! Indicador não definido.
1 DE SENHOR DE MONTFORT À CONDE DE TOULOUSE.....	22
1.1 A LINHAGEM DOS MONTFORT	27
1.2 PARTICIPAÇÃO DE SIMÃO IV NA IV CRUZADA E SUA IMPORTÂNCIA.....	34
1.3 A COMPLEXIDADE DA ELEIÇÃO DE SIMÃO IV COMO LÍDER DA CRUZADA ALBIGENSE E A ESCRITA DE <i>HISTOIRE ALBIGEOISE</i>	40
1.3.1 A Hegemonia no Languedoc	42
1.3.2 Simão IV de Montfort é eleito líder da Cruzada Albigense	48
1.4 PIERRE DES VAUX-DE-CERNAY E SIMÃO IV	50
2 SIMÃO DE MONTFORT, O PERFEITO.....	
	Erro! Indicador não definido.
2.1. EIXOS DE LEGITIMIDADE	57
2.1.1 Primeiro Eixo: O cavaleiro ideal	57
2.1.1.1 Fortaleza	63
2.1.1.2 Caridade.....	68
2.1.1.3 Fé.....	70
2.1.2 Segundo eixo de Legitimidade: Providencialismo na vida do Conde Simão IV de Montfort.....	77
2.1.3 Terceiro eixo de legitimidade: as relações feudo-vassálicas durante a Cruzada Albigense.	79
2.2 APLICAÇÃO DOS TRÊS EIXOS DE LEGITIMIDADE NA NARRATIVA DA CRUZADA	84
2.3 PROTAGONISMO DE SIMÃO IV FRENTE AOS OUTROS AGENTES DA CRUZADA ALBIGENSE.....	90
2.3.1 Pedro II, o Católico	90

2.3.2 Raimundo VI.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS.....	109
ANEXO I – ÁRVORE GENALÓGICA DE MONTFORT.....	116

INTRODUÇÃO

En avant chevaliers du Christ! En avant, courageuses recrues de Kl'armée chrétienne! Que l'universel cri de douleur de la sainte Eglise vous entraîne! Qu'un zèle pieux vous enflamme pour venger une si grande offense faite à votre Dieu! Souvenez-vous que votre Créateur n'avait nul besoin de vous quand il vous créa.¹

O trecho acima foi retirado da crônica do monge cisterciense Pierre des Vaux-de-Cernay, *Histoire Albigeoise*, escrita na primeira metade do século XIII; a crônica narra alguns dos principais eventos da Cruzada Albigena no período de 1209 até 1218. O trecho citado é um excerto da bula papal enviada por Inocêncio III em 1209 para toda a Cristandade Latina convocando todos para a Cruzada Albigena.

Estritamente falando, a Cruzada Albigena foi um enfrentamento militar no Sul da França entre os vassallos do monarca capeto, Filipe Augusto e os nobres na região; o objetivo principal era exterminar aqueles que haviam sido acusados de heresia, os cátaros, começando em 1209 e terminando em 1229.

Os historiadores que trabalham com a Cruzada Albigena a dividem de diferentes maneiras; alguns, como o francês Michel Roquebert e o norte americano Walter Wakefield, a dividem em duas fases: a primeira chamada de “*inocenciana*”, teria ocorrido no período de 1209-1215 e uma segunda chamada de “*capetiana*”, por ter sido encabeçada por monarcas capetos, ocorrendo no período de 1225-1229. Outros dividem em mais fases; Martín Alvira Cabrer, por exemplo, divide em sete fases².

- 1ª fase: 1209 – Desde as pregações da Cruzada no Languedoc até a conquista de Béziers em junho do mesmo ano.
- 2ª fase: 1209-1211 – Cobrir todas as conquistas do Conde Simão IV de Montfort na região de Trencavel
- 3ª fase: 1211-1212 – Ataque fracassado das hostes cruzadas Toulouse.
- 4ª fase: 1212-1213 – Intervenção do Rei de Aragão
- 5ª fase: 1213-1216 – Vitória das hostes cruzadas e aparente submissão dos senhores no Languedoc.

¹ CERNAY, 1951, p.31

² ALVIRA CABRER, 2009, p.111

- 6ª fase 1216-1214 – Rebelião dos nobres do Languedoc liderados por Raimundo VII.
- 7ª fase: 1224-1229 – Intervenção do monarca capeto, Luís VIII até a assinatura dos Tratados de Meux e Paris em 1229.

Neste trabalho daremos preferência para abordagem que segmenta a Cruzada Albigense em diferentes fases, por entendermos que a narrativa de Pierre se assemelha mais a abordagem que segmenta a Cruzada em menores eventos.

Ao longo dos anos, a Cruzada Albigense passou a ser abordada por vários autores e sob diferentes perspectivas. A primeira obra monográfica sobre o assunto foi escrita no século XVIII, pelo jesuíta Jean-Baptiste Langlois, intitulada, *Historie de La Croisade Albigeoise*, esta ficou marcada por uma abordagem mais literal dos textos medievais. No século XIX, historiadores como Sismonde de Sismondi, Augustin Thierry, François Guizot e Mary-Lafon estabeleceram uma base que serviria como um rumo para a abordagem da Cruzada Albigense até meados da década de 70.

Segundo Martín Alvira Cabrer, esse rumo teria quatro aspectos principais: o primeiro enfatiza o antagonismo entre a região de Paris e o sul da França. O segundo ressaltaria como a Cruzada Albigense devastou a população no Languedoc, no momento que eles estavam para se mostrar como uma “entidade política própria e diferenciada”³. O terceiro descrevia a Cruzada Albigense como uma invasão de “bárbaros” a um lugar próspero. Por último, uma ênfase na existência de uma identidade occitana que foi completamente destruída por Simão de Montfort. Paralelamente a essa ênfase da distinção cultural do Languedoc, surgiu uma ênfase religiosa com autores protestantes como, por exemplo, Pierre-Henri Moulingier e Charles Schmidt.

Na primeira metade do século XX as publicações em torno do assunto foram influenciadas pelo momento que a Europa estava passando. Por exemplo, o alemão Otto Rahn, membro da SS escreveu o livro, *Cruzada contra el Grial* (1933), onde relacionava a crença dos albigenses com a mitologia ocultista germânica⁴. Outra obra, esta considerada por Cabrer como mais relevante para historiografia, é *La Croisade contre les Albigeois y la unión du Languedoc*, do francês Pierre Belperron; nela o autor

³ CABRER, 2009, p. 115

⁴ IDEM, p. 122

descreve o Languedoc como segmentado e debilitado e por isso teria sido invadido pelos cruzados.

Na década de 50 foi criada na França a revista *Cahiers d'Études Cathares*. Suas publicações focavam um neocatarismo de caráter antropológico relacionando as crenças albigenses com o maniqueísmo. Essas produções tinham pensamento dominante de “resistencialismo”⁵.

A partir da década de 60, as publicações sobre a Cruzada Albigense deixaram de girar unicamente em torno do assunto da identidade occitana ou das crenças cátaras e começou-se a abordar aspectos políticos da Cruzada Albigense. Um exemplo disso foi a criação do periódico *Cahiers de Fanjeaux*⁶, periódico dedicado a abordar questões sociopolíticas do sul da França.

Desde então surgiram historiadores que publicaram e tem publicado uma importante análise dos aspectos políticos da Cruzada Albigense, dentre eles citamos Robert Kovarik, Yves Dossat, Monique Zerner, Hélène Débax, Pliar Sanchez, Martin Aurell, Elaine Graham Leigh, R.I. Moore, Alvira Cabrer, Gregory Lippiat, Megan Welch e muitos outros que tem contribuído com essa discussão. No Brasil o número de historiadores a trabalhar com a Cruzada Albigense tem crescido cada vez mais; um dos primeiros trabalhos produzidos sobre o assunto foi o artigo produzido por Maria Henriqueta Fonseca na *Revista de História* em 1954 sob o título: *O Catarismo e a Cruzada contra os Albigenses*, nesse artigo a historiadora apenas introduz os principais eventos da Cruzada Albigense. Em 2000, José Rivair Macedo publicou *Heresia, Cruzada e Inquisição na França Medieval*, obra na qual o autor faz uma análise da disputa pelo poder entre a nobreza na região do Languedoc. Em 2015 Philippe Rosa Lima escreveu sua dissertação intitulada *Negotium Fidei et Pacis no Languedoc. A Igreja e as relações de poder na Cruzada Albigense*, também trabalhando com as disputas na região. Mais recentemente, em 2018, Magda Duarte defendeu sua tese de doutorado intitulada *Negotium Fidei et Pacis no Languedoc. A Igreja e as relações de poder na Cruzada Albigense*, na qual a autora analisa o processo decisório de Inocêncio III nos julgamentos do Conde de Toulouse, Raimundo VI.

⁵ IDEM, p. 124

⁶ Cahiers de Fanjeaux. Publication annuelle d'histoire religieuse du Midi de la France au Moyen Age. Toulouse: Éditions Privat, 1966 – 2017.

Neste trabalho, seguiremos nesse rumo de analisar alguns aspectos políticos da Cruzada Albigense. Nossa atenção vai recair sobre a construção, que o cronista Pierre des Vux-de-Cernay, faz em torno de Simão IV de Montfort. Como demonstraremos, o personagem principal dessa obra não é o grupo de hereges, ou os pregadores, tampouco as batalhas da Cruzada, mas o Conde Simão IV de Montfort. Portanto, nosso objetivo é ver quais foram os motivos dessa exaltação, contextualizando com as múltiplas relações de poder na Cruzada Albigense. Faremos isso através de uma contextualização da própria linhagem de Simão IV e de suas relações com alguns dos principais personagens da Cruzada Albigense: o Sumo Pontífice Inocêncio III, o monarca capeto Filipe Augusto, o monarca plantageneta João Sem Terra, o monarca aragonês Pedro II e o Conde de Toulouse, Raimundo VI.

Além de vermos os motivos para essa exaltação veremos como essa exaltação aconteceu; ou seja: quais foram os meios que o cronista usou para fazer essa construção. Tendo em vista que os artifícios utilizados pelo cronista não poderiam estar relacionados com aspectos aleatórios, mas com aquilo que a Cristandade Latina do século XIII considerava digno de ser realçado; logo, tangenciaremos o imaginário do homem medieval no contexto de uma Cruzada.

Como aludimos no início, a crônica com a qual trabalharemos será *Historia Albigensis* de Pierre des Vaux de Cernay. Pierre, um monge cisterciense da abadia de Vaux de Cernay (localizada no sudoeste de Paris) começou a redigir a crônica em 1212 e a concluiu em 1218. Ele foi testemunha ocular da maioria dos eventos da Cruzada Albigense, o que faz com que essa obra tenha uma grande importância para se pesquisar a Cruzada Albigense.

Originalmente escrita em latim, a obra ganhou uma das primeiras versões em francês entre 1926 e 1939 numa tradução de Pascal Guébin e Ernest Lyon. Em 1951, Pascal Guébin fez uma nova tradução, desta vez com Henri Maisonneuve; esta última é a versão que utilizamos nesta dissertação.

Para o historiador⁷ Yves Dossat, Pierre se transformou numa espécie de “historiador oficial da Cruzada”⁸. Outros historiadores como Alvira Cabrer e José Rivair

⁷ Existem outras discussões historiográficas a respeito da obra de Pierre, como por exemplo a discussão se esta obra pode ser considerado uma crônica ou não. Monique Zerner, por exemplo, defende que *Histoire Albigoise* não pode ser considerado como uma crônica, mas como uma história cuidadosamente composta (ZERNER, 2005, p.65).

⁸ Citação retirada de ALVIRA CABRER, 2000, p.771.

Macedo reforçam esse argumento de que a obra de Pierre seria considerada como a versão oficial da Santa Sé que teria justificado o conflito⁹.

Todos os historiadores citados concordam que o principal personagem da obra de Pierre é Simão IV de Montfort. Tal propósito pode ser comprovado quando nos deparamos com o título original da obra: *De factis et triumphis memorabilibus nobilis viri domini Simonis, comitis de Monteforti o Hystoria Albigensis*. Ou seja, o próprio título da obra aponta para a intenção do autor: relatar os triunfos do Conde Simão IV de Montfort.

Ao longo dessa dissertação passaremos por alguns conceitos cuja definição inserimos ao longo do texto, mas outros conceitos optamos por definirmos nesse espaço, são eles os conceitos de heresia, Cruzada Albigense e Crônica.

Começando pelo conceito de heresia, precisamos primeiramente pontuar que a heresia faz parte da história dos primórdios do Cristianismo; o apóstolo Pedro disse numa das suas cartas: "... como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição, e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição." ¹⁰. Sendo assim, a palavra heresia (do grego *hairesis*, que significa escolher) possuía nos dias dos apóstolos um significado de ensinamentos que divergiam da doutrina ensinada pelos apóstolos e os hereges seriam os adeptos dessas.

Segundo José D'Assunção Barros, os hereges seriam aqueles que se desviariam da ortodoxia, "isto é do pensamento de Cristo ou dos primeiros Padres da Igreja conforme as autoridades eclesiásticas dominantes"¹¹. De acordo com o historiador Falbel, as primeiras heresias negavam pontos fundamentais da Trindade e da natureza divina e humana de Cristo¹².

Todavia, até meados do século XIII, o conceito da palavra heresia passou por algumas modificações, passando a abarcar não somente desvios da doutrina Ortodoxa, mas também os ensinamentos que geravam novas práticas e representações religiosas. De acordo com Barros, os cátaros se encaixam perfeitamente nessa descrição. Também passaram a ser considerados hereges aqueles que pregavam sem a autorização da Santa Sé, como os valdenses. Ou seja,

⁹ CABRER, 2009, p. 112.

¹⁰ BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1331

¹¹ BARROS, 2010, p.34

¹² FALBEL, 1976, p.13

passou a também ser considerado como heresia tudo aquilo que de alguma forma concorria com práticas e ensinamentos da Santa Sé. Portanto, quando nos referirmos a heresia nesta dissertação, estaremos nos referindo a este conceito mais abrangente de heresia vigente no século XIII.

O conceito de crônica com o qual trabalharemos está ligado com o que se entende como uma crônica medieval, gênero que possui características próprias. Por se tratar de uma crônica medieval, ela está inserida num contexto onde as crônicas medievais eram escritas de um determinado modo. Entendemos uma crônica medieval da seguinte maneira:

Crônica histórica tardo-medieval é uma realização discursiva narrativa, construída a partir de pressupostos de uma tradição literária cristã, retomada e recriada por seus cultores, com intenção de verdade, ainda que incorpore elementos ficcionais que servem a essa verdade¹³.

Portanto, intentamos tratar esta obra como uma construção de narrativa que tem uma intenção de verdade; não que ela mesma seja verdadeira, mas como obra que deseja construir uma narrativa verdadeira. Essa definição é extremamente importante para entendermos que Pierre projeta uma imagem em no Conde Simão IV que tem a intenção de verdade, não correspondendo com a realidade.

Com alguma frequência utilizaremos a expressão Cruzada Albigense; mas como entendemos que essa expressão contenha dois conceitos distintos, é necessário contextualizarmos e definirmos cada uma de forma separada. Começaremos pelo conceito de Cruzada.

A expressão “Cruzada” começou a ser usada na primeira metade do século XIII; antes disso, para se referir a ela eram utilizadas expressões relacionadas a peregrinação ou empreendimento bélico; como por exemplo: *peregrinatio*, *passagium generale*, *iter crucis*, *negotium*, *via expeditio*, *bellum*, *causa* e outras. Isto posto, concordamos Magda Duarte quando diz que este termo não foi inventado pela historiografia, mas foi por ela significado¹⁴. Assim esse conceito teria conseguido atravessar:

...séculos e gerações, o conceito chegou aos nossos dias, carregado de complexidade, mas, sobretudo, repleto de sentidos, ao sabor da memória. E

¹³ GUIMARÃES. 2012, p. 57

¹⁴ DUARTE, 2018, p.334

na travessia dos tempos, o termo ganhou lugar de tradição ao integrar o próprio discurso histórico.¹⁵

Na historiografia é possível ver essa complexidade através das diferentes correntes sobre a Cruzada. Um dos principais debates giram em torno dos objetivos da Cruzada e se os enfrentamentos militares, que ocorreram depois da Cruzada convocada pelo Papa Urbano II em 1095, podem ser chamados de Cruzada ou não. Por mais que nas fontes apareça a palavra Cruzada¹⁶, existe um debate do que pode ser considerado Cruzada ou não.

A partir dessa discussão, surgiram algumas correntes de pensamento, uma delas é a tradicionalista, endossada por historiadores como Jean Flori e Hans Maier; eles entendem Cruzada como uma guerra que tinha por objetivo restaurar a cidade de Jerusalém e o Santo Sepulcro dando suporte para cristãos que habitavam lá. Sendo que as duas principais características da Cruzada seriam a peregrinação e a Guerra Santa. Logo, a o conceito de Cruzada abrangeria desde a conclamação de Urbano II em 1095, até a conquista de Acre em 1291.

Outra corrente historiográfica é a pluralista; citamos Jonatan Riley-Smith como um dos principais expoentes. Para os pluralistas a autorização pontifícia é a principal característica de uma Cruzada. Segundo Smith, “a cruzada era uma guerra penitencial que tomou posição como e com muitos atributos de uma peregrinação” e “manifestou-se em muitos palcos de guerra: na Palestina e na região oriental do Mediterrâneo, claro, mas também na África do Norte, Espanha, nas costas do Báltico, Polônia, Hungria, no Balcãs e mesmo na Europa Ocidental”¹⁷.

A terceira corrente é a generalista, cuja ênfase está na motivação de cumprir os desígnios da Providência Divina, onde a execução da vontade divina, com ou sem a autorização do Papa, acarretaria o alcance da recompensa de receber o perdão dos pecados¹⁸. Portanto, estariam inclusas no conceito de Cruzada inúmeros enfrentamentos militares que estariam ligados aos interesses em obter alguma recompensa.

Por último citamos a corrente daqueles que destacam as iniciativas populares, privilegiando as motivações espirituais e psicológicas dos líderes cruzados e das

¹⁵ DUARTE, 2018, p.348-49.

¹⁶ Como é o caso da principal fonte que trabalharemos nessa dissertação, *Histoire Albigeoise*.

¹⁷ RILEY-SMITH, Jonathan. *Crusading as an act of love*. History, Vol. 65, n° 214, 1980, p. 177. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/24419031>. Acesso em 19 de junho 2020.

¹⁸ CONSTABLE, 2001, p.13-14.

próprias hostes. Para historiadores como Paul Alphandéry e Alphonse Dupront, a Cruzada teria influenciado aqueles que eram mais desfavorecidos, e como consequência de um “arrebato religioso”, tomavam a cruz e iam para os enfrentamentos militares.

Um caminho possível, e talvez mais fácil, seria indicar a qual corrente esse trabalho mais se adequa e seguirmos em frente para definirmos outro conceito. Mas entendemos que não seja possível escolher uma delas como a verdade absoluta, em detrimento das outras. Essas correntes são complementares, por isso entendemos que escolher alguma delas, seja deixar de lado algum aspecto do significado da Cruzada.

Entretanto, existe um ponto que precisamos frisar. Por mais que seja discutível as características de alguns desses enfrentamentos militares, podemos arrazoar que em boa parte desses eventos houve uma construção por parte daqueles que os registraram, em chamá-los de Cruzada. Assim, defendemos que todos esses enfrentamentos militares passaram por um longo processo de construção daquilo que seria aceito pelo imaginário do homem medieval, e que quando essa expressão passou a ser utilizada, tanto em bulas papais, quanto em crônicas, o objetivo era conferir legitimidade para essas empreitadas. Podemos concordar com Magda Duarte a esse respeito:

Nesse sentido, essa ideia de cruzada somente pode ser compreendida à luz da fabricação da memória. Ela foi construída em concomitância com a autoridade legitimadora do empreendimento, sendo que as narrativas constituíram-se instrumentos fundamentais dessa edificação. A ideia de cruzada, tal como foi formulada, também consiste um troféu dos vencedores.¹⁹

Tendo isso em vista podemos sintetizar que Cruzada é “um movimento gerado no Ocidente que resultou num longo enfrentamento militar”²⁰ que tinha respaldo da Santa Sé.

Indo para a segunda parte desse binômio: Albigense. A expressão albigense possui uma origem controversa. Hoje, de forma geral, ela é conhecida estando diretamente relacionada como uma heresia, mas nem sempre foi assim. A palavra albigense passou por uma ressignificação no século XII. Antes de serem chamados

¹⁹ DUARTE, 2018, p. 353.

²⁰ FERNANDES, 2006, p.9

de albigenses, os cátaros eram chamados de *Bonshommes*²¹; a primeira associação deles com a expressão albigense aconteceu em decorrência do Colóquio realizado em Lombers em 1165, onde a liderança dos cátaros debateu com alguns clérigos, entre eles estavam o arcebispo de Narbonne, os bispos de Albi, Nîmes, Lodève, Toulouse e Agen. Segundo Biget, nessa ocasião os cátaros teriam sido unanimemente condenados pelos católicos. Quem presidia a reunião era o bispo de Albi, visto que os cátaros estavam sendo protegido por alguns cavaleiros de Albi (cidade que fica no Sul da França), conseqüentemente os *Bonshommes* passaram a ser chamados de albigenses. Ainda de acordo com Biget, é possível notar nas fontes uma distinção com relação a denominação albigense. Nas fontes que foram escritas por aqueles que moravam nos arredores de Paris o termo albigense era utilizado para se referir aos hereges cátaros, isso teria sido reforçado na própria Cruzada Albigense, de acordo com a obra, *Histoire Générale de Languedoc*, escrita por Joseph Vaissete:

Les peuples qui se croisèrent en 1208 contre les hérétiques leur donnèrent alors le nom d'albigéois, à cause qu'ils combattirent d'abord contre ceux de ces sectaires qui étaient établis dans les diocèses de Béziers, Carcassonne et Albi, ou dans les domaines de Raymond Roger, vicomte d'Albi, de Béziers, de Carcassonne et de Razès, pays qu'ils comprenaient sous le nom général de parties d'Albigéois ; parce que l'Albigéois proprement dit était le plus étendu des pays soumis à la domination de ce vicomte et le plus connu sous une dénomination générale ; en sorte que le nom d'Albigéois, qui fut d'abord particulier aux hérétiques qui habitaient dans les domaines du même vicomte, fut donné bientôt après généralement par les étrangers à tous ceux qui étaient dans les états de Raimond VI, comte de Toulouse, dans le reste de la Province et dans les pays voisins.²²

Por outro lado, as fontes produzidas no Languedoc, utilizavam essa expressão com uma conotação geográfica, segundo Biget para eles: “Albigensis possède un sens exclusivement territorial”²³. Na fonte com a qual trabalharemos, o próprio Pierre explica como os hereges eram chamados:

Que ceux qui liront ce livre soient avertis que dans plusieurs passages le nom générique d'Albigéois est attribué aux hérétiques de Toulouse et autres lieux ainsi qu'à leurs partisans, parce que les autres pays ont pris l'habitude d'appeler Albigéois les hérétiques du midi de la France.²⁴

²¹ BIGET, 1998, p.233

²² VAISSETE, 1790, p.33-37

²³ BIGET, 1998, p.224

²⁴ CERNAY, 1951, p.2

Com o passar do tempo, a expressão albigense teria sobrevivido, sendo amplamente utilizada por muitos historiadores. Isso não significa que outras expressões não sejam utilizadas por historiadores, mas que a expressão albigense, inicialmente dada por católicos do norte da França, foi a expressão que foi popularizada. Dessa forma, ambas as expressões foram ressignificadas após suas criações.

Tendo definido o conceito das duas as expressões de forma separada, podemos avançar para trabalhar com o binômio Cruzada Albigense. Em primeiro lugar, precisamos dizer que essa expressão não aparece na obra de Pierre, o cronista utiliza a expressão *negotium fidei*. Essa ausência não passou despercebida por muitos historiadores que chegam a questionar se o movimento pode ser categorizado como uma Cruzada, por conta de algumas de suas características. Por exemplo, de acordo com os tradicionalistas a principal característica de uma Cruzada é o objetivo de libertar o Santo Sepulcro, o que obviamente não fazia parte dos objetivos da Cruzada Albigense. Se considerarmos os pontos enfatizados pela corrente pluralista, como a convocação e autorização papal, a Cruzada Albigense também não se encaixa perfeitamente. Por mais que Inocêncio III tivesse convocado todos para lutarem a favor do *negotium fidei*, antes mesmo de seu pontificado (1198-1216), já existiam pregações no Languedoc contra os albigenses e um crescente clamor nos concílios locais, como o de Lombers (1165), para que alguma atividade bélica fosse iniciada contra os albigenses e contra quem os defendesse. Mas foi apenas em 1209, segundo Pierre, por causa da morte do legado papal Pedro Castelanu, que a Cruzada teria sido conclamada. Isso significa que não foi Inocêncio III quem idealizou o enfrentamento militar, ele já estava sendo costurado antes de seu pontificado. Portanto, a partir da perspectiva pluralista, a Cruzada Albigense sofre mais um ponto de desidratação do conceito de Cruzada.

Outra característica que, para historiadores como Magda Duarte²⁵, enfraquece o argumento de que o enfrentamento no Languedoc pode ser considerado uma Cruzada, é que a batalha de Murert (1213), largamente explorada por Pierre, não foi contra os hereges, mas contra cristãos: hostes lideradas pelo Conde Simão IV de Montfort contra as hostes lideradas por Pedro II, rei de Aragão. Segundo a autora esses fatores seriam um importante argumento para que o enfrentamento militar no

²⁵ DUARTE, 2018, p.378

Languedoc não fosse mais chamado de Cruzada. No mesmo sentido, o historiador brasileiro José Rivair Macedo faz a seguinte indagação: “Teria sido um conflito de cunho político ou religioso?”²⁶, demonstrando que é possível questionar que o conflito foi de fato uma Cruzada.

Diante disso, um caminho natural poderia ser suplantado completamente o uso da expressão Cruzada Albigense, mas nos deparamos com uma questão que fez com que repensássemos esta opção: por mais que Pierre não utilize a expressão Cruzada, encontramos outras expressões que fazem uma relação direta com a Cruzada, como: *prend la croix*²⁷, *crôises*, e promessas de benefícios para aqueles que fossem para o Languedoc:

(...) à tous ceux donc qui prendront vaillamment les armes contre ces pestiférés, ennemis de la vraie foi tout ensemble et de la paix, que les sudsits archevêques **et évêques garantissent l'indugence accordée par Dieu et son Vicaire pour la rémission de leurs péchés** et qu'une pareille entreprise suffise à tenir lieu de satisfaction pour les fautes, celles du moins dont une réelle contribution de cœur et une sincère confession de bouche seront offertes au Dieu de Vérité.²⁸

Essas relações demonstram que apesar das peculiaridades da Cruzada Albigense e das diferenças com algumas características consideradas como essenciais na definição de Cruzada, o cronista projeta nesse enfrentamento militar um vocabulário de Cruzada. Ou seja, independente da nossa interpretação se esse conflito foi ou não uma Cruzada, fato é que Pierre des Vaux-de-Cernay nos apresenta como se fosse. A este respeito, Magda Duarte diz: “Nesse discurso dos vitoriosos, o passado é definido como cruzada e é isso que ela é. Lembranças. Esquecimentos. Memória daqueles que triunfaram. Mais um troféu cisterciense. É isso que a torna cruzada. Memória!”²⁹.

Dessa forma entendemos o conceito de Cruzada Albigense como uma construção de Pierre que precisava justificar aquele enfrentamento militar, que por

²⁶ MACEDO, 2000, p.39

²⁷ Essa expressão é utilizada tanto para se referir a Cruzada Albigense e para a Cruzada na Terra Santa: quando por exemplo, Luís, filho do monarca capeto Filipe Augusto foi até o Languedoc para lutar contra os albigenses, o cronista utilizou a expressão *prend la croix* (CERNAY, 1951, p.161) . Para falar que o Conde de Toulouse, Raimundo VI foi para a Terra Santa, ele também utilizou a expressão *prend la croix* (CERNAY, 1951, p.37). Ou seja, a construção narrativa do cronista coloca a Cruzada Albigense em pé de igualdade com as Cruzadas que iriam para a Terra Santa.

²⁸ CERNAY, 1951, p.29. Grifos nossos.

²⁹ DUARTE, 2018, p. 375

vezes foi tão criticado. E por mais que não tenhamos essa expressão em sua obra, os historiadores de uma forma geral chamam esse enfrentamento de Cruzada Albigense.

Tendo definido os conceitos que vamos trabalhar é preciso delinear e explicar alguns caminhos que optamos por seguir. O primeiro deles em relação ao uso da fonte *Histoire Albigeoise* como fonte principal para essa pesquisa. Existem outras fontes sobre a Cruzada Albigense que projetam em Simão IV de Montfort uma imagem diferente da projetada por Pierre, mas optamos por trabalhar apenas com a crônica de Pierre sem nos dedicarmos a ficarmos comparando com outras fontes. Ainda que citeamos outras fontes, não é nosso objetivo nos aprofundarmos numa comparação sobre o que as fontes do século XIII dizem do Conde Simão IV de Montfort. Nosso objetivo é ver essa exaltação sob a ótica de Pierre; por isso, entendemos que uma análise aprofundada com outras fontes, nesse momento, iria impedir de seguirmos nosso objetivo principal.

Outro caminho que tomamos foi não dar muita ênfase para os cátaros; atribuímos essa escolha a dois motivos: primeiro que os albigenses não fazem parte do objetivo principal deste trabalho; segundo que, como demonstraremos, os albigenses ocupam um lugar secundário na obra de Pierre, então dar uma ênfase muito grande usando como fonte principal esta crônica não atenderia os nossos objetivos.

No primeiro capítulo dessa dissertação buscaremos apresentar quem era Simão IV e como ele estava inserido na sociedade cristã do século XIII. Faremos um panorama da linhagem de Montfort, situando-a no contexto das disputas entre França e Inglaterra. Na sequência nossa atenção se volta para a história do próprio Simão IV antes da Cruzada Albigense, trabalhando com as informações que o cronista concede e com o que a bibliografia diz. Nos deteremos sobre o contexto do Languedoc e sua influência sobre a eleição do líder da Cruzada e como se deu essa eleição. Por último, veremos qual era a relação entre Simão IV e o cronista Pierre para arrazoarmos sobre os motivos da escrita desta obra. Então todo o percurso que traçamos no primeiro capítulo tem como objetivo principal ver qual era o objetivo de Pierre com ao escrever essa crônica.

No segundo capítulo veremos três eixos sob os quais a legitimidade de Simão IV é tecida. O primeiro eixo está relacionado com as virtudes com as quais o Conde de Montfort é descrito. O segundo fala do providencialismo presente na crônica e o terceiro sobre as relações feudo-vassálicas na Cruzada Albigense. Na sequência

veremos as aplicações desses três eixos na narrativa da Cruzada através de dois eventos específicos. Por último veremos a aplicação destes três eixos frente aos rivais de Simão IV: Pedro II, rei de Aragão e o Conde de Toulouse, Raimundo VI.

1 DE SENHOR DE MONTFORT À CONDE DE TOULOUSE

Alors de toute l'armée on désigne pour procéder à l'élection du nouveau vicomte, deux évêques, quatre chevaliers et l'Abbé de Cîteaux, légat du Siège Apostolique: tous s'engagèrent formellement à choisir celui qu'ils estimerait le plus utile à Dieu et au siècle. Ces sept personnages, avec l'aide des sept dons du Saint Esprit qui jette toute la terre un Record de miséricorde élirent **um homme de foi catholique, de mœurs honnêtes et d'une grande bravoure militaire**: Simon, comte de Montfort.³⁰ [...] Comme l'occasion nous invite et que la logique de notre plan de demande, intercalons ici ce que nous savons personnellement **sur le noble comte de Montfort**. Mettons en premier lieu son illustre origine, son inébranlable courage et sa connaissance approfondie du maniement des armes. De plus, si nous passons à l'aspect physique, sa stature était haute, sa chevelure remarquable, son visage élégant, son aspect agréable, ses épaules saillantes, ses bras musclés, son torse gracieux, tous ses membres agiles et souples, son allure vive et alerte: il ne prêtait à la critique, si peu que ce fut, même aux yeux d'un jaloux. Pour nous élever à des considérations plus hautes, disons que sa parole était éloquent, son affabilité accessible à tous, sa camaraderie aimable, sa chasteté absolue, son humilité exceptionnelle: il était doué de sagesse tenace dans ses décisions, avisé dans ses conseils, équitable dans ses jugements, compétent dans les questions militaires, prudent dans ses actions, difficile à mettre en train, mais persévérant jusqu'à l'achèvement de sa tâche, adonné tout entier au service de Dieu³¹.

Essas duas citações, extraídas da crônica do monge Pierre des Vaux-de-Cernay, *Histoire Albigeois*, falam de um único homem: o Conde Simão IV de Montfort (1165-1218)³². Ambas falam do exato momento que o Conde francês foi eleito líder da Cruzada Albigense em 1209 e senhor das terras conquistadas ao longo das batalhas. A Cruzada Albigense iniciou em junho de 1209, inicialmente liderada pelo abade cisterciense, Arnaldo Amauri, mas foi em agosto do mesmo ano, após a tomada de Béziers, que Simão IV de Montfort foi eleito líder da Cruzada.

Apesar do título original da crônica ser: *De factis et triumphis memorabilibus nobilis viri domini Simonis, comitis de Monteforti o Hystoria Albigensis*, é apenas na página 42, da versão que trabalhamos³³, que aparece a primeira menção³⁴ ao nome

³⁰ CERNAY, 1951, p.45. Grifos nossos.

³¹ CERNAY, 1951, p.46. Grifos nossos.

³² Existe uma discussão na historiografia a respeito do ano de nascimento de Simão de Montfort. Pierre Belperron (1976, p. 183) defende que Simão de Montfort tenha nascido em 1158-9; contudo tendemos a concordar com o historiador Alvira Cabrer que ele nasceu no ano de 1165 (ALVIRA CABRER, 2003, p. 1227).

³³ A versão da Crônica com a qual trabalhamos possui 235 páginas no total.

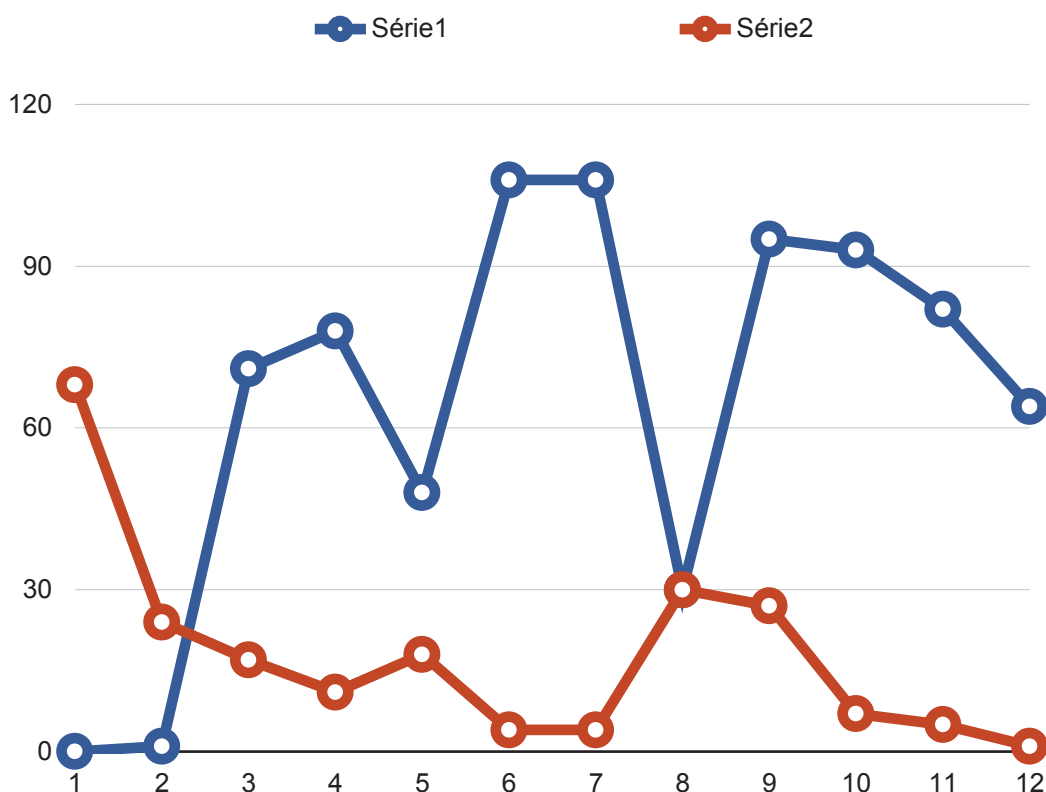
³⁴ A primeira menção ao nome de Simão IV de Montfort ocorre um pouco antes da sua eleição como líder da Cruzada. Na ocasião, Pierre narra um momento de "bravura militar" de conde de Montfort: "N'oublions pas de signaler que Simon, le noble comte de Montfort, le premier de tous, le seul même de tous les chevaliers, osa se jeter dans le fosse et contribua plus que les autres à la prise du faubourg." (CERNAY, 1951, p.42).

de Simão IV de Montfort. Três páginas depois, na descrição da eleição do Conde como líder cruzado, Pierre apresenta com mais detalhes quem é o Conde de Montfort. A partir desse momento, o cronista interrompe a narrativa da Cruzada e passa a apresentá-lo. Nessa apresentação está incluso um relato de como ele foi eleito líder da Cruzada, uma exposição de sua aparência física e uma explanação da participação do Conde na Quarta Cruzada.

Essa narrativa da eleição de Montfort é de suma importância para compreendermos como a crônica vai apresentá-lo, sendo que a partir desse momento existe uma notória mudança na crônica de Pierre: o foco deixa de ser a heresia e os hereges e passa a ser as ações do Conde de Montfort.

Nas primeiras vinte e três páginas, o cronista se ocupa em descrever a doutrina cátara e a deflagração da Cruzada Albigense, sendo que o relato do início das batalhas começa na página trinta e nove. Nessas primeiras trinta e nove páginas notamos uma grande preeminência da palavra “hereges”, onde a existência dos cátaros foi usada pelo cronista como justificativa para a Cruzada Albigense. Entretanto, notamos que a partir da página trinta e nove, o número de ocorrências da palavra herege cai drasticamente, sendo exatamente nesta página onde aparece a primeira menção ao Conde de Montfort. Essa queda no número de ocorrências da palavra herege contrasta com um exponencial aumento das alusões a Simão IV de Montfort, como podemos ver no gráfico a seguir:

GRÁFICO 1³⁵: MENÇÕES A SIMÃO IV E À EXPRESSÃO HEREGES



A partir do gráfico é possível perceber que a ocorrência da palavra herege foi diminuindo ao longo de toda crônica e enquanto ocorre essa queda, as alusões ao Conde de Montfort aumentam de forma contínua. Destacamos que em nenhum momento ambas expressões estiveram em evidência, sempre o aumento da ocorrência de uma, implicou na diminuição da outra. A ocorrência da expressão “herege” só voltou a crescer quando a Cruzada Albigense foi suspensa por Inocêncio III em janeiro de 1213, episódio que está localizado na página cento e cinquenta e seis. Logo após a retomada da Cruzada Albigense, a ocorrência da palavra “herege” volta a diminuir, e as alusões ao Conde de Montfort voltam a aumentar.

Sendo assim, inferimos que os hereges são usados na crônica como um pretexto para justificar não somente o início da Cruzada, mas também a sua

³⁵ O número de ocorrências foi registrado a cada vinte páginas transcorridas. No caso das alusões a Simão IV de Montfort, registramos as expressões: Simon Montfort, Comte de Montfort, Notre Noble Comte, Notre Comte, Chef. Não registramos as alusões com o pronome “il”. Com relação a expressão hereges registramos tanto no singular, quanto no plural; também não registramos os pronomes utilizados para se referir aos hereges.

continuidade. Logo, o cerne da obra de Pierre não é falar da luta contra os hereges, mas legitimar Simão IV de Montfort.

Na descrição da eleição de Simão IV, o monge cisterciense apresenta o Conde de Montfort como um homem de “fé católica e de grande bravura militar”; como aprofundaremos no próximo capítulo, isso fala dele ser cavaleiro e cristão³⁶. Logo, estas são as primeiras características atribuídas a ele: um cristão devoto de fé católica e de grande capacidade militar. Através da menção dos “sete dons do Espírito Santo”, Pierre atribui à escolha de Montfort ao Providencialismo³⁷; ou seja, a escolha de Simão IV para liderar a Cruzada não teria sido um mero acaso, mas arranjos da Providência Divina.

Na segunda citação encontramos a expressão: “le noble comte de Montfort”; ele é chamado dessa forma em diversas ocasiões por toda a crônica. Acreditamos que isso seja mais do que um recurso linguístico para evitar a demasiada repetição do nome de Simão, mas que ao chamá-lo de “nobre” é uma característica que Pierre deseja realçar. Como tentaremos demonstrar, Simão de Montfort pertencer a nobreza é um elemento que lhe confere legitimidade.

Na continuação da citação, Pierre descreve a aparência física e caráter do Conde de Montfort. A descrição física não é uma exclusividade da pena do monge da abadia de Vaux-de-Cernay; outros também já tiveram sua aparência física descrita³⁸. Essa descrição vem do conteúdo literário da Provença do século XII, onde os homens eram apresentados sem nenhum defeito físico, funcionando como um sinal de que eles haviam sido escolhidos por Deus para uma missão específica³⁹. De acordo com Magda Duarte, essa caracterização do conde de Montfort “respeita certo padrão do que se refere à construção da imagem de cavaleiro”⁴⁰. Esse exemplo de exaltação das qualidades físicas de um cavaleiro era algo recorrente no período medieval⁴¹, ela remetia a personagens bíblicos como Saul, Davi e Absalão. Em outras palavras, essa descrição, longe de ser casual, dá ao conde Simão IV de Montfort contornos de

³⁶ Falaremos sobre esses dois conceitos no próximo capítulo.

³⁷ De acordo com o historiador Pedro Galán Sánchez, o Providencialismo é uma das marcas das crônicas medievais em que diversos acontecimentos são atribuídos aos desígnios da Divina Providência (GALÁN SANCHEZ, 1994, p. 16).

³⁸ Um dos exemplos de tais descrições é o caso do patriano Erlembaldo: “*Igitur inter tot angustias tantosque dolores cum tota foret in urbe luctus omnis ordinis et aetatis utriusque sexus, solius Arlembaldi intrepidus perseverabat et inflexibilis animus*”. Citação retirada da tese de doutorado de Magda Rita Ribeiro de Almeida Duarte (2018, p. 51).

³⁹ MEDEIROS, 2006, p.41

⁴⁰ DUARTE, M. R.R.A, 2018, p. 51

⁴¹ DUARTE, M. R.R.A, 2018, p. 51

sacralidade, como um cavaleiro extremamente devoto a Deus, escolhido por Ele para uma missão específica: exterminar os cátaros no sul da França.

Este é o retrato do conde Simão IV de Montfort da pena do monge cisterciense, Pierre des Vaux-de-Cernay. Por mais que não caiba ao historiador aceitar sem questionar esse retrato na obra de Pierre, é inegável que ele tenha exercido uma influência considerável no que a historiografia tem produzido. Notamos a existência de um dualismo no tocante ao caráter do Conde francês; Robert John Kovarik, um dos primeiros historiadores a trabalhar exclusivamente com Simão IV, enxerga uma “lenda rosa e negra”⁴² na história do líder cruzado. Dessa forma, ainda nas palavras de Kovarik, seria possível olhar para ela através dessas duas perspectivas: como um “santo” e ao mesmo tempo como um “monstro”⁴³. Verificamos que alguns historiadores incorporaram nos seus trabalhos somente a imagem de “santo” construída por Pierre, e outros o apresentam unicamente como um “monstro”.

Dentre aqueles que o tratam como “santo”, de acordo com Alvira Cabrer, estão principalmente os historiadores⁴⁴ “católicos, conservadores e nacionalistas”⁴⁵ que enxergam o Conde de Montfort mais próximo daquele santo descrito na crônica *Histoire Albigeoise*. Aliado a essa linha, o historiador Yves Dossat⁴⁶ enfatiza que Simão IV de Montfort é considerado por parte dessa historiografia francesa como um “artesão da unidade francesa”⁴⁷ e como um grande estrategista militar⁴⁸. Ressaltamos que é exatamente dessa forma que Pierre apresenta Simão IV: como um homem devoto a Deus de uma grande bravura militar.

Por outro lado, entre aqueles que falam do lado “monstro” de Montfort, estão os já citados: Dossat, que o apresentou como “o diabo daquela época”⁴⁹, e o também já mencionado, Kovarik, que o retratou como “um tipo de Hitler dos tempos antigos”⁵⁰.

Em nosso trabalho não procuraremos desconstruir ou reforçar a imagem de “santo” construída na obra de Pierre Des Vaux-de-Cernay. Nosso esforço será de

⁴² KOVARIK, 1963, p. 349

⁴³ IDEM.

⁴⁴ Entre eles estão; Hurter, F.M. von, *Historia del papa Inocencio III y sus contemporâneos*, Hamburgo, 1834-1842; Chodzo, *Une étape de l' Unité Français* e CAPEFIGUE, J.B., *Histoire de Philippe Auguste*, Paris, 1829.

⁴⁵ ALVIRA CABRER, 2003, p. 1227-1228.

⁴⁶ DOSSAT, 1969, p. 300

⁴⁷ DOSSAT, 1969, p. 281

⁴⁸ MACEDO, 2000, p.132

⁴⁹ DOSSAT, 1969, p. 281

⁵⁰ LEMAIRE, 1988, p. 9

apresentar quais foram os motivos do cronista para retratar Simão IV de Montfort como um “santo” e quais seriam os meios utilizados para essa construção.

Na obra de Pierre não encontramos muitos detalhes sobre a vida de Simão IV antes da Cruzada Albigense, encontramos apenas um relato da sua participação na Quarta Cruzada quando ele esteve na cidade de Zara. Isto posto, nosso esforço nesse capítulo será trabalhar dois eixos de discussão que pensamos ser complementares. Primeiro trabalharemos com a história de Simão IV antes dele ser eleito líder da Cruzada Albigense; passaremos de forma panorâmica pela história da linhagem de Montfort para compreendermos como ele estava inserido na sociedade política da época e o seu contexto. Nesse mesmo eixo analisaremos a trajetória de Simão IV como senhor de Montfort até o momento em que ele foi eleito líder da Cruzada Albigense; nossa pretensão é aprofundar a discussão da sua inserção na sociedade do século XII e XIII e compreender as múltiplas relações de poder que estavam presentes na sua eleição como líder da Cruzada. Assim, pretendemos tecer algumas considerações sobre as suas motivações em participar da Cruzada Albigense. À medida que formos avançando no percurso de Simão IV, buscaremos relacionar com os conflitos que ocorreram entre a dinastia capetíngia e plantageneta demonstrando a influência que esse conflito teve nos desdobramentos da história da linhagem de Montfort e na própria vida de Simão IV.

No segundo eixo nos deteremos sobre a problemática do contexto da eleição de Simão IV como líder da Cruzada Albigense falando especificamente sobre as relações de poder no Languedoc e posteriormente sobre relação de Pierre des Vaux de Cernay com Simão IV. Nosso objetivo principal com toda essa contextualização é inferir sobre qual seria o propósito do monge cisterciense ter escrito essa crônica em louvor de Simão IV Montfort. Após considerarmos todos esses pontos entendemos que estaremos prontos para, no segundo capítulo, ver como Pierre construiu por toda a crônica uma imagem de cavaleiro e cristão.

1.1 A linhagem dos Montfort

Como já abordamos anteriormente, além de ser constantemente exaltado pelas suas virtudes como cavaleiro e cristão, notamos que Pierre também chama Simão IV de Montfort diversas vezes de “le noble”. Como já argumentamos, não

vemos isso como um mero recurso linguístico, mas que apresentá-lo como nobre, poderia cooperar na produção da base da legitimidade de Simão IV. A posição do Conde de Montfort na nobreza tem sido alvo de debate historiográfico; segundo Alvira Cabrer, alguns historiadores tendem a retratá-lo como um pequeno senhor que morava na Île-de-France⁵¹; Medeiros, por exemplo, mostra Montfrot como um “nobre pouco importante do Norte”⁵².

Outros historiadores adotam um tom que nos parece mais equilibrado; Lippiatt, por exemplo, demonstra que “a fortuna de Montfort era considerada pequena quando comparada com a de outras famílias”⁵³. O historiador Pierre Belperron fez a seguinte afirmação sobre ele: “Simon de Montfort n’est pas um aventurier né de la Croisade il a une lignée derrière lui. Ce n’est pas non plus um cadet besogneux, averse de se créer um fief”⁵⁴. Belperron ressalta que a posição de Montfort como líder na Cruzada Albigense não pode ser considerada como um acaso, demonstrando que existia um contexto para essa eleição; o autor complementa: “Comme eux il y assure une forte discipline, une ordre rigoureux, une administration juste et sans faiblesse.”⁵⁵. Logo, entendemos que Simão IV de Montfort não era um nobre de alta estirpe, tampouco um de baixa estirpe como ele é retratado; mas um nobre que tinha alguma importância na sociedade política que estava inserido. Contudo, quando comparado com outros senhores e vassallos de Filipe Augusto não possuía tanta importância. Tal posição pode ser demonstrada ao passarmos, ainda que de forma panorâmica, pela história da linhagem de Montfort.

O precursor da linhagem de Montfort foi Guilherme de Hainaut⁵⁶, ele que teria fundado Montfort⁵⁷ e Eperon. Essas propriedades ficavam dentro da Île-de-France, onde era o domínio real, fato que tornava os senhores de Montfort vassallos dos monarcas capetos. Tal proximidade favoreceu que vários senhores de Montfort tivessem algum protagonismo em relação a coroa francesa, com alguns chegando a exercer cargos muito próximos dos monarcas capetos. De acordo com Rhien⁵⁸, por

⁵¹ ALVIRA CABRER, 2003, p. 1230

⁵² MEDEIROS, 2006, p.

⁵³ MEDEIROS, 2006, p. 33

⁵⁴ BELPERRON, 1976, p. 182

⁵⁵ BELPERRON, 1976, p. 182

⁵⁶ RHIE, 1910, p. 30

⁵⁷ Propriedade fica onde hoje é a comuna de Montfort-L'Amaury a 50 quilômetros de Paris na região de Yvelines.

⁵⁸ O historiador André Rhien publicou um trabalho sobre os Montfort: RHIE, A, “La seigneurie de Montfort em Yvelines”, Mémoires de la Société archéologique de Rambouillet, vol. XXV, Paris-Versailles, 1910. Nesta obra, o autor, além de inserir os catálogos dos atos de todos os senhores de Montfort, trabalha

exemplo, Amauri I (1020-1060), filho de Guilherme de Hainaut, lutou ao lado do monarca capeto Henrique I (1008-1060) em diversas batalhas, alcançando uma posição privilegiada na corte capetíngia. O autor salienta que na chancelaria do monarca capeto o nome de Amauri I aparece diversas vezes⁵⁹. Um outro exemplo que reforça a proximidade da linhagem de Montfort com a dinastia capetíngia foi o neto de Amauri I, Guilherme, que se tornou bispo em Paris⁶⁰.

Entretanto, nenhum dos senhores de Montfort teria estado tão perto da corte capetíngia quanto Amauri III (1101-1137). Ele lutou em diversas batalhas apoiando o monarca francês, Filipe I (1060-1108) se tornando um dos senhores mais poderosos de Île-de-France e um dos nobres mais próximos do rei⁶¹; proximidade que acarretaria o casamento de Filipe I com sua irmã, Bertranda de Montfort⁶².

Montfort ficava na fronteira com o condado da Normandia⁶³ e como no período de 1066-1135 a dinastia normanda esteve no trono inglês, houve uma oscilação na posição dos líderes de Montfort em relação aos dois reis. Os juramentos de fidelidade eram ora prestados aos monarcas normandos, ora aos reis capetos⁶⁴. Por isso a relação da linhagem de Montfort com a dinastia capetíngia nem sempre foi amistosa. Vários senhores de Montfort acabaram se rebelando contra os reis franceses, se tornando vassalos dos monarcas ingleses. O próprio Amauri III, em certo momento, se rebelou contra Luís, o Gordo (1108-1137) juntamente com o monarca inglês, Henrique I (1100-1135) numa batalha contra o rei capeto.

Dentre os senhores de Montfort que mais estiveram próximos dos plantagenetas foi Simão III (1140-1180), pai de Simão IV de Montfort. Se de um lado Amauri III foi o senhor de Montfort que mais esteve próximo dos monarcas franceses; por outro lado foi Simão III quem mais esteve próximo da monarquia plantageneta⁶⁵. Logo após a morte de Amauri IV, Simão III assumiu o senhorio de Montfort, tornando-se Conde de

com a história de todos eles fazendo uma análise de suas posses e suas relações com a monarquia francesa.

⁵⁹ RHIEN, 1910, p. 30

⁶⁰ RHIEN, 1910, p. 37

⁶¹ IDEM, p. 44.

⁶² IDEM, p. 40

⁶³ Em 1066, Guilherme II, duque da Normandia e vassalo do rei capeto, Filipe I, conquistou a Inglaterra tornando-se rei; dessa forma teve início a dinastia Normanda em 1066 que perdurou até 1135.

⁶⁴ BELPERRON, 1942, p.181

⁶⁵ Chamamos a atenção do leitor que nos dias de Simão III, houve a ascensão da dinastia plantageneta na coroa da Inglaterra. Acreditamos que tal fato seja de suma importância e que tenha exercido alguma influência na própria vida de Simão IV de Montfort como buscaremos demonstrar no decorrer deste capítulo.

Evreux através de um casamento com Amice de Leicester, comuna que ficava na Inglaterra⁶⁶. Tais fatos foram gradualmente afastando Simão III do monarca capeto, e o aproximando de Henrique II, o plantageneta. Aproximação que ficou clara quando Henrique II em 1159 exigiu os direitos de sua esposa Eleonor de Aquitânia⁶⁷ sobre o condado de Toulouse. Luís VII foi a defesa do Conde de Toulouse, Raimundo V, seu vassalo. Na ocasião, outros vassalos do monarca capeto tomaram partido do rei plantageneta, dentre eles o Conde de Blois e senscal do rei, Thibaut V e Simão III de Montfort; ambos se juntaram a Henrique II na batalha contra Luís VI. Apesar do tratado de paz ter sido negociado em 1160 entre Henrique II e Luís VI e de Simão III ter se retratado com o monarca capeto. De acordo com Rhien, Simão III manteve uma proximidade com o rei plantageneta: “Simon de Montfort resta du reste toujours fidèle à Henri II”⁶⁸. Simão III chegou a casar seu filho, Amauri com a filha de Robert⁶⁹, conde de Gloucester com o apoio de Henrique II. Dessa forma Simão III preservou a proximidade com a monarquia plantageneta e se manteve vassalo de Luís VII.

Após a morte de Simão III (1181) a família de Montfort tinha cerca de quatorze possessões: Montfort, Evreux, Bardelle, Bonnelles, Les Bordes, La Celle, Conflans, Épernon, Gambais, Houdan, Néré, Montchauvet, Saint-Léger e Sonchamp. Eles também possuíam alguns vassalos das seguintes localidades Batonceau, Boissy-sans-Avoir, Chanteloup, Flexanville, Grosrvouvre, Marcq, La Queue, Septeuil, Thoiry e de Tremblay⁷⁰, todas elas na Île-de-France. Além do Canal da Mancha a família tinha algumas possessões, como por exemplo, o condado de Leicester.

Essas localidades foram divididas entre seus filhos: Simão IV e Amauri. Amauri se tornou Conde de Evreux e Simão IV se tornou senhor de Montfort e de todas as possessões na Île-de-France. Ao se tornar senhor de Montfort, Simão IV herdou todas as mencionadas possessões, um juramento de fidelidade ao monarca capeto, Filipe Augusto, e uma relação próxima com a coroa plantageneta; isso fazia com que sua relação com essas dinastias fosse algo ambíguo. De um lado, ele era senhor de Montfort localizado na Île-de-France, isso o colocava como vassalo de Filipe Augusto;

⁶⁶ RHIEN, 1910, p. 58. A comuna de Evreux fica a cerca de 100 km ao oeste de Paris e 80 km ao norte de Montfort-l'Amaury.

⁶⁷ Ex-esposa de Luís VII. Ela foi casada com o monarca capeto entre 1137-1152 e após pedir anulação do casamento por consanguinidade e ainda no ano de 1152 casou-se com Henrique II. (RHIEN, 1910, p.59).

⁶⁸ RHIEN, 1910, p. 60.

⁶⁹ Robert de Gloucester era filho bastardo de Henrique I, último monarca inglês da dinastia Normanda (NORMAN CONNECTIONS, 2020, não paginado).

⁷⁰ BELPERRON, 1969, p. 182

de outro lado, ele tinha possessões na região da Normandia, o que o aproximava da coroa plantageneta. Como se não bastasse, o tio de Simão IV, Robert, era conde de Leicester no território angevino. Essa ambiguidade começou a desaparecer em 1191, quando Simão IV de Montfort se casou com Alice de Montmorency; de acordo com Alvira-Cabrer⁷¹, a família de Montmorency era “uma das maiores famílias de Île-de-France”. Esse casamento marcou o início de uma crescente e definitiva aproximação com Filipe Augusto, fazendo com que o conflito entre capetíngios e plantagenetas causasse grandes impactos na vida de Simão IV.

Em 1189, Filipe Augusto e Ricardo Coração de Leão fizeram um acordo de paz e foram para a Terceira Cruzada, chegando em Acre em abril de 1191. Ricardo Coração de Leão, vassalo de Filipe Augusto, havia se comprometido a casar-se com a meia-irmã de Filipe Augusto⁷², Alix. No entanto, ele casou-se com Berengária, filha do rei de Navarra, Sancho IV; ato que gerou novo conflito entre as duas dinastias. Em dezembro daquele ano, Filipe Augusto retornou para Paris e seu vassalo plantageneta foi capturado pelo imperador grego, Isaque II,⁷³ demorando cerca de dois anos para ser libertado. No decorrer desse tempo além de receber a homenagem do irmão de Ricardo, João Sem Terra, Filipe Augusto recebeu alguns feudos na Normandia, entre eles o feudo de Evreux, posse de Amauri, irmão de Simão IV de Montfort.

Em 1196⁷⁴, após ser libertado do cativo, Ricardo Coração de Leão voltou para a Inglaterra travando uma nova guerra contra Filipe Augusto; durante a guerra, o monarca capeto capturou o conde de Leicester, tio de Simão IV, Robert de Leicester⁷⁵. A guerra durou poucos meses e no mesmo ano ambos os reis assinaram um tratado de paz, no qual Filipe Augusto teria devolvido ao monarca plantageneta o feudo de Evreux, bem como todos os territórios que ele havia se apossado durante o cativo de Ricardo⁷⁶.

⁷¹ ALVIRA CABRER, 2003, p. 1230

⁷² Esse casamento fazia parte do acordo de paz selado entre ambos e o seu não cumprimento acarretaria numa ruptura, numa quebra do acordo de paz que havia sido selado.

⁷³ BALDWIN, 1991, p.88

⁷⁴ Também em 1996, Ricardo Coração de Leão se casou com a irmã do conde de Toulouse, Raimundo VI (GILLINGHAM, 2001, p.48). Destacamos que já nesse período a região do Languedoc era uma região disputada. Como já nos referimos Eleanor de Aquitânia, esposa de Henrique II, reclamou a região como uma possessão sua. Isso reforça a autonomia que o Languedoc e o vazio que havia do poder capetíngio na região.

⁷⁵ BALDWIN, 1991, p. 90.

⁷⁶ GILLINGHAM, 2001, p. 87.

Logo após a morte de Ricardo em 1199, Filipe Augusto invadiu a Normandia e cercou novamente Evreux⁷⁷ dando início a uma nova guerra entre as dinastias, com a diferença que o monarca plantageneta agora era João Sem Terra. A guerra durou cerca de um ano até que em 1200 foi assinado um novo tratado de paz, o tratado de Le Goulet.

Um ano depois, após a revolta dos lusignan⁷⁸, João Sem Terra, vassalo de Filipe Augusto, foi convocado pelo monarca capeto para ir até Paris ao que o rei plantageneta recusou. Tal recusa representava um rompimento dos laços feudo-vassálicos, dando início a uma nova e longa guerra entre as dinastias. Uma das primeiras ações do monarca francês foi confiscar todos as posses de João na Normandia entre elas, Evreux. A guerra entre as duas dinastias persistiria até a batalha de Bouvines em 1214; servindo como argumento de Filipe Augusto para não participar pessoalmente da Cruzada Albigense⁷⁹.

Como consequência deste conflito muitas das terras da linhagem Montfort foram perdidas ou simplesmente cedidas a João Sem Terra ou Filipe Augusto, fazendo com que Simão IV visse suas possessões diminuírem consideravelmente nos primeiros anos do século XIII.

De acordo com Guy Fourquin, a dinastia capeto se enquadra no conceito de monarquia feudal⁸⁰ e foi no reinado de Filipe Augusto que esse conceito ganhou sua expressão máxima. A reação do monarca capeto ao desapropriar os feudos que João Sem Terra possuía na Normandia e como ele se apropriou dos feudos da família de Montfort seriam um exemplo disso. Guy Fourquin entende que essas prerrogativas feudais se transformaram num “instrumento temível”⁸¹ nas mãos do monarca capeto e que ele teria abusado dos direitos feudais de confisco; o que lhe teria proporcionado um considerável aumento em suas terras.

Ao estudarmos o Catálogo de Atos⁸² de Simão IV de Montfort notamos que várias de suas possessões foram sendo gradualmente cedidas aos monarcas capeto

⁷⁷ GILLINGHAM, 2001, p. 87.

⁷⁸ A revolta dos lusignan⁷⁸ aconteceu porque João se casou com Isabela, filha do conde Audemar de Angoulême, que estava prometida para Hugo de Lusignan ⁷⁸ (GILLINGHAM, 2001, p. 90).

⁷⁹ CAMPI, 1997, p.10

⁸⁰ Fourquin define monarquia feudal como: “quando o rei retira o essencial do seu poder das suas prerrogativas feudais” (FOURQUIN, 1970, p. 99).

⁸¹ FOURQUIN, 1970, p.103.

⁸² As citações do Catálogo de Atos de Simão IV de Montfort que citaremos ao longo dessa dissertação estão na obra do historiador André Rhein, obra em que o autor trabalha com a história da linhagem de Montfort do século X até o século XIV.

e plantageneta. Por exemplo, em 1193, ano em que Ricardo Coração de Leão estava preso, foi confirmado pela irmã de Simão IV de Montfort a cessão do feudo de Pacy, de Robert, irmão de Simão IV, ao rei Filipe Augusto⁸³. Em 1204, durante o conflito entre os monarcas plantageneta e capeto, todas as possessões de Robert de Leicester na França foram cedidas ao monarca francês⁸⁴. No mesmo ano, após a morte de Robert, Conde de Leicester, João Sem Terra teria se apropriado das possessões de Simão IV na Inglaterra; ainda em 1204, o conde de Montfort teria perdido todos os seus feudos na Normandia, que também teriam sido entregues ao monarca francês⁸⁵.

Como já demonstramos, parte da historiografia mostra o Conde de Montfort como um nobre pequeno, e outra parte o apresenta como não sendo um nobre tão pequeno. Diante desse panorama da trajetória de Simão IV de Montfort, chegamos à conclusão de que ele possuía muitas possessões, mas ao longo dos anos foi perdendo muitas delas; o que fez com que ele se encontrasse numa baixa condição quando comparada ao número de suas possessões de outrora. Entendemos que isso propiciou que parte da historiografia olhasse para ele como um nobre de baixa estirpe e de pouca importância, quando na realidade, ele tinha um número de posses consideráveis, mas viu o número delas serem reduzidas devido ao conflito entre Filipe Augusto e João Sem Terra. Por isso concordamos com Alvira Cabrer a esse respeito:

Simon de Montfort no púede ser considerado un membro de la alta nobleza francesa, pero tampoco – como observara Paul Labal - un “pequeno señor de île-de-France”, como tantas veces se le há llamado. En posesión de relevantes títulos y tierras y emparentado com uno de los linajes de mayor abolengo del reino, el futuro Camprón de la Cruzada Albigense era una fiel encarnación de lo que Martel llamó el “etnotipo” del noble feudal médio surgido del mundo cultural anglo-normando que desde los primeros años del siglo XIII comenzó a bascular hacia en polo político de los reyes Capeto⁸⁶.

Na próxima sessão daremos continuidade a trajetória de Simão IV de Montfort até a sua eleição a líder da Cruzada Albigense, vamos trabalhar com sua participação na quarta Cruzada.

⁸³ “Confirmation par Amice, dame de Montfort, de la cession de la seigneurie de Pacy faite par son frère, Robert, comte de Leicester, au roi Philippe-Auguste.” (RIEN, 1910, p.142).

⁸⁴ “Cession par Amice de Montfort à Philippe-Auguste du château de Breteuil et de tout ce que son frère, le comte de Leicester, possédait en France, en échange du château de Saint-Léger en-Iveline, de la forêt d'Iveline et de diverses autres fiefs.”. (RIEN, 1910, p.142).

⁸⁵ RHIEN, 1910, p. 66

⁸⁶ ALVIRA CABRER, 2003, p.230

1.2 Participação de Simão IV na Quarta Cruzada e sua importância

Toutefois, le comte de Montfort et l'abbé des Vaux-de-Cernay ne suivirent point la multitude pour faire le mal: ils refusèrent de participer au siège et allèrent camper loin de la ville. (...) le noble comte en présence de tous les barons leur parla en ces termes: "Je ne suis pas venu ici pour détruire des chrétiens: je ne vous ferai aucun mal, quelle que soit la conduite des autres: je vous donne, quant à moi, l'assurance que moi-même et les miens nous vous protégerons."⁸⁷

Essa parte da crônica faz uma alusão a participação de Simão IV na Quarta Cruzada, ela está inserida logo após a narrativa da eleição do Conde de Montfort a líder da Cruzada Albigense. Portanto, trata-se de uma breve interrupção que o cronista faz no relato da Cruzada Albigense para se referir a um episódio de 1204 da Quarta Cruzada.

Destacamos que todo o restante do passado de Simão IV e de sua linhagem foi omitido na crônica, enxergamos essa omissão como uma estratégia de legitimação, visto que inserir, por exemplo, que o pai de Simão IV havia lutado contra o monarca capeto não traria legitimidade, pelo contrário, seria inserir na narrativa que a linhagem de Montfort possuía um histórico de rompimentos de juramentos de fidelidade com a casa capetíngia. Por isso entendemos que o cronista inseriu somente a história da Quarta Cruzada.

Em 1199, com a autorização de Inocêncio III, o conde Tibaldo de Champanhe organizou uma nova Cruzada para o oriente; na ocasião o "pregador itinerante"⁸⁸, Fulco de Neuilly ficou responsável por convocar os nobres franceses. De acordo com Steven Runciman os nobres franceses que aceitaram participar da Cruzada foram: Tibaldo de Champanhe (líder da Cruzada), Balduino IX de Hainaut, Conde de Flanders, Luís, Conde de Blois, Godofredo III de Le Perche e o Conde Simão IV de Montfort.

Ainda de acordo com Runciman, a Cruzada enfrentou alguns empecilhos para que fosse organizada com rapidez⁸⁹, o primeiro era uma questão de financiamento; faltavam recursos para que as hostes chegassem na Terra Santa. Boa parte delas estavam em Veneza, onde os venezianos ofereceram um acordo de munir as forças cruzadas com provisões, com a condição de que eles os ajudassem a recapturar a

⁸⁷ CERNAY, 1978, p. 48

⁸⁸ RUNCIMAN, 2003, p. 103

⁸⁹ RUNCIMAN, 2003, p.104

cidade de Zara⁹⁰. As forças cruzadas aceitaram a condição e em 1202 desembarcaram em Zara, fazendo ali uma intensa pilhagem. Ao ser informado dos rumos que a Cruzada havia tomado, Inocêncio III proibiu a continuidade dos saques, excomungou os venezianos, mas concedeu perdão aos cruzados por entender que eles teriam sido chantageados⁹¹.

A proibição da continuidade dos saques veio através de uma carta que teria sido lida pelo abade cisterciense Guy des Vaux-de-Cernay. Tal posicionamento trouxe um grande descontentamento aos venezianos que intentaram atacá-lo imediatamente; nesse momento, de acordo com Pierre, Simão IV teria se levantado e defendido Guy, salvando a vida do abade e impedido a continuidade dos saques na cidade de Zara⁹². Diante da liderança da Cruzada, Simão IV foi tido como um desertor retornando imediatamente para a França.

Nessa narrativa Pierre destaca a obediência de Simão IV a Inocêncio III, por isso queremos nos deter com um pouco mais de cuidado sobre este evento, por acreditamos que ele seja essencial para compreendermos a futura participação de Simão IV na Cruzada Albigense. Pierre inicia sua crônica dedicando-a ao Papa Inocêncio III⁹³, por isso citar um episódio no qual Simão IV foi obediente a ele traz legitimidade, como se fosse uma lembrança de que Simão IV possui um histórico de obediência ao Sumo Pontífice.

Ao compararmos a narrativa de Pierre da participação de Simão IV na Quarta Cruzada com o que a historiografia tem produzido, notamos uma grande discrepância. Enquanto o monge de Cernay enaltece a participação do Conde de Montfort, alguns historiadores a tratam como um fracasso. O historiador Alvira Cabrer, por exemplo, fala dessa participação como “El trauma de la IV Cruzada”⁹⁴, sustentando que a participação do Conde de Montfort ficou muito aquém de suas próprias ambições.

Historiadoras como Monique Zerner-Chardavoine e Hélène Piéchon-Palloc adotam o mesmo tom e ainda sustentam que Simão IV de Montfort desejava se tornar

⁹⁰ Existia uma guerra entre Veneza e o rei da Hungria pelo controle da região da Dalmácia e a cidade de Zara, não fazia muito tempo estava sob o poder dos húngaros (RUNCIMAN, 2003, p.109).

⁹¹ RUNCIMAN, 2003, p. 110

⁹² Pendant que l'abbé des Vaux-de-Cernay lisait un jour cetté bulle devant les nobles de l'armée assembles, les vénétiens voulurent les tuer, mais le noble comte de Montfort surgit entr'eux et, tentant tête aux vénétiens, il s'opposa au meutre de l'abbé: de plus s'adressant aux habitants de Zara qui etaient vênus demander la paix... (CERNAY, 1951, p. 48)

⁹³ “Lettre au Seigneur Pape Innocent, au seuil de cet ouvrage. Au très saint père et bienheureux seigneur Innocent, par la grâce de Dieu Souverain Pontife de l'Eglise universelle (...)” (CERNAY, 1951, p.1)

⁹⁴ ALVIRA CABRER, 2003, p. 1233

líder da Quarta Cruzada, ou simplesmente ter uma maior influência sobre ela⁹⁵. O historiador Lippiatt levanta um questionamento do porquê Simão IV de Montfort teria embarcado em Veneza rumo a cidade de Zara se depois ele se recusaria a atacá-la. Indagação que ele mesmo responde, endossando a sugestão de Monique Zerner-Chardavoine e Hélène Piéchon-Palloc, que ele ambicionava ter uma maior influência desejando se tornar líder da Cruzada⁹⁶. Alvira Cabrer sustenta que após a morte do conde Tibaldo de Champanhe, organizador da Cruzada, Simão IV teria visto uma possibilidade de assumir esse protagonismo; mas isso não aconteceu, pois o novo líder da Cruzada foi Bonifácio de Montferrato, colocando fim nessa possível ambição. Essa ambição, ainda de acordo com Lippiatt, teria sido o que teria feito Simão IV embarcar rumo a cidade de Zara. Destarte, percebemos que existe um alinhamento em parte da historiografia do porquê Simão IV teria se recusado a atacar a cidade de Zara: ele desejava aumentar sua influência na Cruzada encabeçando a oposição a liderança⁹⁷.

Ao considerarmos a trajetória de Simão IV até 1202, nos perguntamos qual teria sido a motivação do conde de Montfort em tomar a cruz e ir rumo a Terra Santa? Fizemos esse questionamento por verificarmos que nenhum dos ascendentes da linhagem de Montfort havia se envolvido em qualquer batalha das Cruzadas, eles tinham participado no máximo de batalhas quando eram convocados por seus suseranos⁹⁸. Logo, Simão IV foi o primeiro da sua linhagem a tomar a cruz e defender os interesses da Santa Sé. Na Terceira Cruzada, por exemplo, quando Filipe Augusto, suserano de Montfort, tomou a cruz, Simão IV não o acompanhou; então por que ele teria decidido participar da Quarta Cruzada? Acreditamos ser difícil responder a essa questão com demasiada segurança; mas precisamos fazer esse questionamento por acreditarmos que a motivação para tomar a Cruz na Quarta Cruzada tenha sido semelhante a que o moveu a participar da Cruzada Albigense.

Uma possível resposta seria defender que o conflito entre a dinastia capetíngia e plantageneta tenha reduzido as posses de Simão IV (o que de fato ocorreu) e por anelar outras conquistas, numa tentativa de reconstruir sua vida, ele tenha tomado a cruz e ido para a Terra Santa. Percebemos essa tônica em parte da historiografia, que

⁹⁵ LIPPIATT, 2012, p. 81

⁹⁶ LIPPIATT, 2012, p. 81

⁹⁷ IDEM

⁹⁸ É preciso dizer que nos dias dos outros senhores de Montfort havia ocorrido outras Cruzadas e diversas batalhas da Reconquista.

inclusive defende que ele ambicionava se tornar o líder da Cruzada. No entanto, sustentamos que tomar essa ambição como a única motivação que teria movido Simão IV a tomar a cruz seja reduzir a complexidade social na Idade Média a uma simples busca por aumento de riqueza. Não duvidamos do desejo do Conde de Montfort em aumentar suas riquezas e usufruir do que as hostes cruzadas obteriam tomando a cruz, mas enxergamos que seu envolvimento na Quarta Cruzada estava relacionado com outros aspectos que estariam relacionados com a posição que Simão IV era caracterizado pelo cronista.

Conforme já aludimos, Simão IV é chamado na obra de Pierre em diversas ocasiões de “Le **noble**⁹⁹ comte”. Reforçamos que essa é forma como o cisterciense quer apresentar Simão IV, como um nobre. Sendo assim, acreditamos ser necessário tratar um pouco sobre a nobreza para compreendermos como Simão IV de Montfort era apresentado, ou desejava ser. Incorporamos na nossa discussão duas definições que nos ajudarão a nortear esta discussão, a primeira é de Fátima Regina Fernandes:

O que caracteriza a nobreza é o exercício efetivo ou a capacidade de exercício direto ou indireto de prerrogativas senhoriais e jurisdicionais, julgar, convocar e cobrar tributos. Tais direitos só são, no entanto, exercidos na prática, por quem domina as principais fontes de poder, a proteção do rei e o controle de contingentes bélicos mantidos a partir de vinculações vassálicas pagas com patrimônio e com a intercessão junto ao rei para obtenção de benefícios. Nesta linha podemos definir sociedade política como o conjunto dos indivíduos ou grupos que detenham capacidade efetiva de ação e intervenção política junto à monarquia, interferindo efetivamente na governação¹⁰⁰.

Dessa definição ressaltamos a relação que a nobreza possui junto a monarquia, de poder exercer uma parcela desse poder. Isso significa quanto mais próximo era um nobre do rei, maior parcela de poder ele exerceria. Também destacamos a relação de mutualidade que havia entre rei e nobreza; sendo que nessa relação não seria bem visto, por parte da nobreza, um rei que não permitisse o exercício dessa parcela do poder. A outra definição com a qual trabalharemos é a de Philippe Contamine:

Ce “corps politique” d'un royaume “est figuré par corps d'homme vivant”. Dans le corps, le roi est “le cuer qui tout gouveme”, la tête représente le clergé, le foie, qui “prepare et fait toute la nourriture”- la comparaison n' étonne pas chez un médecin - symbolise le commun. Quant à “l' estat de noblesse”, il

⁹⁹ Nosso grifo.

¹⁰⁰ FERNANDES, F.R. A construção do conceito de monarquia medieval. 2010. Apresentação de Trabalho.

correspond aux pieds et aux mains qui font ce que veut le cœeur, "pour bien garder le corps que on nele blesse"¹⁰¹.

Nesta definição do que é nobreza, Contamine fala que a função da nobreza nesse corpo é a de ser mãos e pés, portanto algo relacionado com a execução da vontade da cabeça. Entendemos que o denominador comum dessas duas definições fala do exercício do poder da nobreza. Entendemos que não se tratam apenas de definições produzidas pela historiografia, mas que nobreza medieval se via dessa forma.

A nobreza medieval entendia a si mesma nessa posição exercício de uma parcela do poder e se enxergava ocupando essa função no corpo social. Portanto, suas ações eram pautadas nessa visão do mundo que as cercava, em outros termos, essa era a cultura política¹⁰² da nobreza medieval. Nessa cultura política estava inclusa uma determinada leitura do passado e aspirações para o futuro, como Berstein define a expressão cultura política. Então a linhagem de Montfort, como muitas outras linhagens que constituíam a nobreza medieval, tinham uma leitura de um passado e aspirações para um futuro

A nobreza na Cristandade Latina estava passando por algumas modificações nesse período; segundo Georges Duby, ela estava deixando de se constituir essencialmente pela riqueza, e passando a se autoafirmar pelos antepassados de uma determinada linhagem, ou através da sua profundidade histórica que sua ascendência lhe atribuía. Assim, passou-se a salientar um passado glorioso numa constante tentativa de ressaltar a glória dos antecessores de uma linhagem. Ainda de acordo com Duby, a glória que era ressaltada estava sempre relacionada com ações bélicas, por isso existia uma necessidade de provar que seus antecedentes tinham

¹⁰¹ CONTAMINE. P, 1997, p.4

¹⁰² Entendemos cultura medieval de acordo com a definição de Serge Berstein: "No centro da nova atenção dada doravante pelos historiadores ao fenómeno cultural, a cultura política ocupa pois um lugar particular. Ela é apenas um dos elementos da cultura de uma dada sociedade, o que diz respeito aos fenómenos políticos. Mas, ao mesmo tempo, revela um dos interesses mais importantes da história cultural, o de compreender as motivações dos actos dos homens num momento da sua história, por referência ao sistema de valores, de normas, de crenças que partilham, em função da sua leitura do passado, das suas aspirações para o futuro, das suas representações de sociedade, do lugar que nele têm e da sua imagem que têm de felicidade. Todos os elementos respeitantes ao ser profundo, que variam em função da sociedade em que são elaborados e que permitem perceber melhor as razões de actos políticos que surgem, pelo contrário, como epifenômenos.". (BERSTEIN, 1998, p. 363).

qualificações bélicas. Novamente, isso fala de como essa nobreza interpreta o passado, como ela irá manipulá-lo para assim corroborar sua legitimidade¹⁰³. Nesse contexto de enaltecimento de ações bélicas, os nobres passaram cada vez mais a se armar como cavaleiros.

Essa era a cultura política que perpassava a nobreza em que Simão IV estava inserido, acreditamos ser seguro afirmar que as ações do Conde de Montfort também eram pautadas por essa cultura política. Então quando o pregador itinerante, Fulco de Neuilly apareceu pregando a Quarta Cruzada, acreditamos que a motivação para Simão IV tomar a cruz não foi apenas um anseio por aumentar seus recursos, mas essa motivação estava sendo pautada por essa aproximação dos nobres com as atividades bélicas, que cada vez mais estavam sendo vinculadas a nobreza. Então, este ato poderia ser uma atuação legitimadora devido a sua condição; sendo assim, tomar a cruz e ir até a Terra Santa foi algo que motivou Simão de Montfort¹⁰⁴.

Logo, entendemos que não foi apenas um desejo de aumentar os próprios recursos que moveu Simão IV a ir até a Quarta Cruzada. Ele estava agindo de acordo com a cultura política que estava vigente, na qual os nobres estavam passando a serem pautados por ações bélicas que defendiam os interesses da Santa Sé. Defendemos que tenha sido essa mescla de motivações que moveram Simão IV a participar da Quarta Cruzada. Como argumentaremos no final deste capítulo, essa cultura política vigente também teria exercido uma considerável influência para a escrita da crônica *Histoire Albigeoise*.

Diante dessas motivações concordamos com a historiografia que Simão IV teria voltado frustrado da Quarta Cruzada: ele não havia conseguido aumentar seus recursos, tampouco realizar proezas militares e para a liderança da Cruzada ele havia desertado. Sobre esse sentimento de fracasso, Alvira Caber diz:

Quando hacia1206 regresaban a Francia, com ellos traian las mismas ambiciones materiales insatisfechas, la mala fama de haber tracionado al victorioso ejército cruzado, la sensación de fracasso por haber participado em uma empresa mucho menos rentable que la fabulosa conquista de Constantinopla...y el mito de Tierra Santa destruído. Cabe pensar, por ello, que la sensación de desquite atizada por unas aspiraciones frustradas y una rígida “ideologia de cruzada señorial” caló profundamente em el grupo de caballeros y cistercienses capitaneados por Simon de Montfort.

¹⁰³ DUBY, 1961, p.8

¹⁰⁴ Isso não significa que essa cultura política não estava presente em outros períodos da Idade Média, mas que nos dias de Simão IV ela estava chegando no seu auge.

Após o retorno de Simão IV para Île-de-France não sabemos muito do que tenha lhe sucedido, visto que a próxima ação registrada na crônica é em 1209, quando Simão IV se dirigiu para o Languedoc. Dessa forma, notamos como o cronista seleciona os pontos altos da história do Conde para compor esse passado glorioso. No próximo tópico trabalharemos com a eleição de Simão IV a líder da Cruzada.

1.3 A complexidade da eleição de Simão IV como líder da Cruzada Albigense e a escrita de *Histoire Albigeoise*

A primeira alusão a Simão de Montfort na crônica de Pierre aparece numa lista de alguns nobres que foram até o Languedoc na página de número trinta e nove da crônica¹⁰⁵:

Parmi eux on remarquait l'archevêque de Sens, les évêques d'Autun, de Clermont, de Nevers, le duc de Bourgogne, le comte de Nevers, le comte de Saint-Pol, **le comte de Montfort**, le comte de Bar-sur-Seine, Guichard de Beaujeu, Guillaume des Roches, sénéchal d'Anjou, Gaucher de Joigny et beaucoup d'autres seigneurs nobles et puissants dont il serait trop long de donner les noms¹⁰⁶.

Ressaltamos que o Conde de Montfort aparece junto com nobres mais importantes que ele; enxergamos essa menção como uma tentativa de norteamiento do cronista de que Simão IV era de grande importância já que é citado junto com nobres franceses de grande destaque. Como já procuramos demonstrar, ele era um nobre pequeno quando comparado com estes senhores feudais e mesmo assim ele é o colocado no mesmo status desses outros nobres. Vemos nisso uma construção que intenta colocar Simão IV no mesmo patamar dos vassalos mais importantes do monarca Filipe Augusto; ou seja, o Conde de Montfort é alçado pela narrativa Pierre à uma posição muito mais alta do que ele realmente ocupava. A segunda citação é uma menção direta a um ato de sua valentia militar:

N'oublions pas de signaler que Simon, le noble comte de Montfort, le premier de tous, le soul même de tous les chevaliers, osa se jeter dans le fosse et contribua plus que les autres à la prise du faubourg (...) mais um homme

¹⁰⁵ Citamos o número da página que aparece a primeira alusão a Simão IV, pelo fato da crônica ter o nome do conde de Montfort no seu título. Sendo assim consideramos importante acompanharmos como o cronista vai conduzindo a narrativa até culminar na eleição de Simão IV de Montfort como líder da Cruzada Albigense.

¹⁰⁶ CERNAY, 1951, p. 39

courageux, le comte de Montfort, sauta dans le fosse, accompagné d'un seul écuyer et sauva le blessé au péril de sa propre vie¹⁰⁷.

A bravura militar de Simão IV ganha na pena de Pierre contornos de um enorme zelo em defender a Santa Sé, de alguém que estava disposto a sacrificar a própria vida para defender os interesses da Igreja. Contudo, ao analisarmos alguns dos antecedentes de Simão IV passamos a questionar sua absoluta obediência a ela. O Conde de Montfort foi repreendido pelo Papa Lúcio III (1181-1185) através de uma carta entregue ao bispo de Chartres, na qual ele foi censurando por permitir a pilhagem de uma igreja na região¹⁰⁸. Logo, surge a pergunta: como pode um homem tão zeloso pelos interesses da Santa Sé, como apresentado por Pierre, permitir a pilhagem de uma Igreja em seus domínios? Entendemos que tal ocorrido incida uma dúvida sobre o discurso de Pierre sobre Simão IV de Montfort como um homem zeloso pelos interesses da Santa Sé.

Baseado neste e em outros fatos, parte da historiografia tem questionado se essa devoção de Simão IV pelos interesses da Santa Sé foi sua única motivação para participar da Cruzada Albigense, como Pierre apresenta. Para as historiadoras Monique Zerner Charvodaine e Hélène Piechon-Palocc, as motivações de Simão IV estavam diretamente relacionadas com a Quarta Cruzada e que dentre essas motivações estaria um sentimento de revanche com relação a ela¹⁰⁹. Magda Duarte também argumenta que “as razões que o impulsionaram à cruzada talvez não estivessem unicamente inspiradas pela fé e pela devoção.”¹¹⁰. Dessa forma, enxergamos que o cronista projeta um zelo em Simão IV pelos interesses da Santa Sé e que não necessariamente essa projeção corresponda com a realidade.

Além da cultura política e das ambições de Simão IV, não podemos menosprezar o fato dele ser vassalo de Filipe Augusto. Como já mencionamos, Filipe havia sido convocado por Inocêncio III para liderar a Cruzada Albigense, no entanto ele declinou alegando que a guerra com os plantagenetas o impedia de arcar com os custos de uma participação efetiva na Cruzada Albigense. Então o fato de Simão IV ter tomado a cruz também pode ser olhado pela ótica feudal e que ele estava cumprindo com suas obrigações legais como vassalo de Filipe Augusto.

¹⁰⁷ CERNAY, 1951, p. 43

¹⁰⁸ RHIEN, 1910, p. 63

¹⁰⁹ ZERNER e PIÉCHON-PALLOC, 1982, p.18

¹¹⁰ DUARTE, 2018, p. 49

De acordo com Fourquin, no século XIII havia uma tendência cada vez maior dos cavaleiros se tornarem “funcionários de reis e príncipes”¹¹¹; assumimos que isso se encaixe em Simão IV, como vassalo de Filipe Augusto. ele estava desempenhando sua função de prestar auxílio ao seu suserano. Com essas motivações, Simão IV de Montfort junto com alguns de seus familiares, foram até a cidade de Lyon e então se ajuntaram as forças cruzadas rumo ao Languedoc.

A primeira cidade a ser sitiada e conquistada pelas hostes cruzadas foi Béziers, na sequência, as hostes foram para Carcassone. Durante o cerco, o até então líder da Cruzada, abade cisterciense Arnaldo Amauri, reuniu os principais barões franceses com o intuito de eleger um novo líder para a Cruzada Albigense; dentre as atribuições deste novo líder estavam: liderar as forças cruzadas nas batalhas durante toda a Cruzada, impedir que a heresia cátara retornasse à cidade e, principalmente, se tornar o novo senhor de Béziers e Carcassone e de todas as localidades que fossem conquistadas na Cruzada Albigense, em outras palavras, aquele que fosse eleito se tornaria o senhor com maior preeminência no Languedoc.

1.3.1. A Hegemonia no Languedoc

Entretanto, a complexidade das múltiplas relações de poder no Languedoc fazia com que essa escolha não fosse tão simples. O Languedoc era formado por alguns condados, os maiores eram Toulouse, Provence e Carcassone. Para Alvira Caber, o Languedoc possuía uma abertura para estrangeiros, pessoas de outras culturas¹¹² e religiões¹¹³, sendo este um dos fatores que teria propiciado a instalação dos cátaros nesta região. O Languedoc gozava de uma relativa autonomia em relação aos reis capetos, sendo, de acordo com Macedo, uma região “quase independente”¹¹⁴. Ainda de acordo com Alvira Cabrer, não havia uma “unidade administrativa” na região, o que resultava numa baixa hierarquização do poder e uma “ampla capacidade de todos os nobres competirem por uma hegemonia na região”¹¹⁵.

¹¹¹ FOURQUIN, 1970, p.79

¹¹² Outro exemplo desta abertura que existia no Languedoc pode ser verificado no fato de que eles haviam colocado vários judeus para ocuparem cargos públicos; o que na Cristandade Latina não era bem visto (ALVIRA CABRER, 2003, p. 694).

¹¹³ ALVIRA CABRER, 2003, p.694

¹¹⁴ MACEDO, 2000, p.88

¹¹⁵ ALVIRA CABRER, 2003, p.696

Dessa forma, o Languedoc era palco de disputa entre vários nobres que ansiavam alcançar uma primazia na região, fato que tornava a escolha do líder uma decisão muito complexa, visto que a posição que o líder da Cruzada obtivesse lhe propiciaria se tornar o senhor com mais proeminência na região. Isso era interferir numa região cuja hegemonia estava sendo disputada por Condes locais e reis.

Dentre eles, os condes de Toulouse partiam das melhores condições para obter essa hegemonia¹¹⁶. O Conde Raimundo IV (1045-1105) atendeu ao chamado de Urbano II no Concílio de Clermont (1095) e foi até Jerusalém lutar para a libertação do Santo Sepulcro; tendo influência sobre 13 condados, ele liderou seus vassalos na Cruzada em 1099.

A hegemonia toulousiana se consolidou quando Raimundo V (1134-1194) casou-se com Constança, irmã do monarca capeto, Luís VII, se tornando vassalo¹¹⁷ do monarca capeto. O que fez com que o Condado de Toulouse se consolidasse como uma referência¹¹⁸ no Languedoc, aumentando a influência da dinastia capetíngia na região.

Contudo, seu filho Raimundo VI (1156-1222) marcou uma espécie de ruptura com a relação ao proceder dos outros Condes de Toulouse; ele se casou com Joana da Inglaterra, irmã do futuro rei plantageneta, João Sem Terra, e, posteriormente, com a irmã do rei de Aragão, Leonor. O casamento com Joana culminou no rompimento dos vínculos com Paris e uma aproximação com os plantagenetas, fazendo com que os reis capetos perdessem espaço na região. Mas a principal diferença com os seus antecessores está no trato com aqueles que eram considerados hereges: enquanto seu pai perseguiu hereges, Raimundo VI era tolerante com eles, visto que alguns eram seus vassalos¹¹⁹. Ainda que não exista comprovação de que ele mesmo era seguidor da crença cátara, a posição de defensor dos hereges fez com que ele fosse visto como um inimigo da Santa Sé, tanto que, de acordo com Magda Duarte¹²⁰, existem registros

¹¹⁶ ALVIRA CABRER, 2003, p. 697.

¹¹⁷ Foi após esse casamento que houve aquela batalha onde Henrique II atacou o Condado de Toulouse, alegando que a região era sua possessão, visto que havia se casado com Eleonor de Aquitânia. Na ocasião o monarca capeto saiu em defesa do Conde de Toulouse conseguindo repelir as hostes do rei plantageneta. Foi nesta batalha que o pai de Simão III de Montfort, teria se aliado ao rei plantageneta e lutado contra seu vassalo, Luís VII.

¹¹⁸ Os Condes de Toulouse fizeram com que a cidade de Toulouse se transformasse como num centro na região do Languedoc, tornando-se uma referência para as cidades da região; tanto é que o trovador Guilherme de Tudela disse que a cidade era a “flor e a rosa (de totas ciutatz es cela flors e roza), quer dizer, a melhor” (MACEDO, 2000, p. 113).

¹¹⁹ DUARTE, 2018, p. 256

¹²⁰ IDEM.

de que em 1690 seu crânio ainda estivesse exposto, ou seja, seu corpo não teria tido um sepultamento cristão por ele ter sido considerado como um inimigo da Cristandade.

Esse processo não se deu de uma única vez, ele foi dividido em diversos julgamentos e Concílios, tendo seu ápice em 1215 no IV Concílio de Latrão. Ainda assim, Raimundo VI mantinha um grande prestígio na região, o que fazia com que o Condado de Toulouse, o mais rico da região, fosse uma referência para os outros. De modo que a posição de Conde de Toulouse era invejada e certamente algo que despertaria o interesse do novo líder da Cruzada.

Os aragoneses faziam frente aos condes de Toulouse na tentativa de obter hegemonia no Languedoc. No reinado de Afonso II (1162-1196), houve as primeiras homenagens dos nobres do Languedoc a um monarca aragonês, dentre eles de Roger II Trencavel pelas terras de Carcassona, Razès, Laurages, Salt, Termes e Minervois, Bearn, Bigorra e Foix¹²¹. Todavia, existia uma hostilidade com o condado de Toulouse pela disputa da hegemonia na região¹²², mas, diante da homenagem de Roger II, Raimundo V precisou reconhecer a primazia aragonesa sobre vários territórios no Languedoc. Após a morte de Afonso II e ascensão de Pedro II ao trono de Aragão, houve uma primeira aproximação com o Condado de Toulouse, chegando a receber homenagem deste em 1213. Pedro II manteve os laços feudo-vassálicos com nobres na região do Languedoc, se casando com Maria de Montpellier¹²³.

Pedro II tinha uma boa relação com Inocêncio III sendo coroado rei pelo próprio Sumo Pontífice em Roma (1204) tornando-se vassalo deste. Com o passar do tempo a imagem de rei que defendia os interesses da Santa Sé foi aumentando, culminando na batalha de Las Navas de Tolosa em 16 de julho de 1212 quando ele venceu os alômaditas ganhando o título de Pedro II, o Católico.

Essa imagem de defensor da Santa Sé deu alguma credibilidade ao rei de Aragão, que com a aproximação com o Conde de Toulouse viu seu domínio na região aumentar. Como foi seu suserano, Inocêncio III, quem deflagrou a Cruzada Albigense justamente no Languedoc, essa possibilidade de aumentar ainda mais seu domínio na região aumentou exponencialmente. Mas dependendo de quem assumisse a

¹²¹ ALVIRA CABRER, 2003, 708

¹²² MACEDO, 2000, p.147

¹²³ Jaime I, nasceu desse casamento.

liderança da Cruzada, as pretensões do monarca aragonês estariam seriamente ameaçadas.

Outro personagem que tinha um grande interesse na escolha desse líder era o monarca capeto Filipe Augusto. Segundo George Duby, ele é conhecido pela historiografia como o rei que tinha um grande projeto expansionista de ampliar seus domínios; sendo também conhecido como aquele que triplicou o domínio real¹²⁴. Tanto que alguns historiadores, entre eles Sternfeld, o consideram como “dotado das mais excelentes qualidades de rei”¹²⁵, com uma grande preocupação com a eficácia de seu governo. Darren Noel o vê como o progenitor do estado francês e como um dos maiores monarcas da Cristandade Latina durante a Idade Média¹²⁶. O monarca capeto visava expandir seu domínio no território francês, visando centralizar o reino sob a égide de Paris. Mas o Languedoc, que no reinado de seu pai esteve sob a influência da dinastia capetíngia, agora estava sob a influência dos rivais plantagenetas, isso era uma perda que impossibilitava a coroa capetíngia a ter um acesso ao Mar Mediterrâneo. É possível perceber esse sentimento na crônica de Maître Rigord, *La Vie de Philippe II Auguste* ao comentar a aproximação do monarca aragonês, Afonso II com Raimundo como “une inimitié violente”¹²⁷. Ou seja, Filipe Augusto não via com bons olhos a aproximação de qualquer outro monarca com o Languedoc. Contudo, precisamos ressaltar que a aproximação de Raimundo VI com a dinastia plantageneta não findava a suserania de Filipe Augusto na região, ele continuava a ser o suserano sobre diversas localidades no Midi, visto que os monarcas plantagenetas eram seus vassalos. O ponto com relação a região é que como Eduardo Medeiros¹²⁸ diz, existia um vazio do poder real nas terras do Languedoc, era um poder que não se tornava efetivo. Alvira Cabrer¹²⁹ diz que o poder do monarca capeto era mais nominal do que efetivamente prático. Então Filipe Augusto teria visto na Cruzada Albigense “a oportunidade de estabelecer sua hegemonia sobre a região, através da criação de laços de matrimônio entre os nobres locais com os senhores do norte.”¹³⁰, fazendo com que seu poder se tornasse efetivo.

¹²⁴ DUBY, 1993, p.40.

¹²⁵ STERNFELD, 1935, p.45.

¹²⁶ NOEL, 2017, p.1.

¹²⁷ RIGORD, 2003, p. 44.

¹²⁸ MEDEIROS, 2015, p.87

¹²⁹ ALVIRA CABRER, 2003, p.697

¹³⁰ MEDEIROS, 2006, p. 12.

Por isso, Filipe Augusto tinha muito interesse em quem seria o líder da Cruzada, pois este se tornaria o senhor daquelas terras, e dependendo de quem fosse o eleito, seu projeto expansionista estaria ameaçado. O líder espiritual da Cruzada, Arnaldo Amauri tinha plena ciência de que essas terras, pelo menos nominalmente, pertenciam a Filipe Augusto, por isso sabia que a escolha do líder espiritual da Cruzada deveria atender aos interesses do monarca capeto.

O Sumo Pontífice Inocêncio III tinha alguns pontos de interesse que possuíam interseção com os de Filipe Augusto, ele também desejava expandir seus domínios na região e de acordo com Magda Duarte ele chegou a aguçar a ambição do monarca capeto:

Inocêncio havia tentado aguçar a ambição do soberano em relação à expansão para o Sul, ao sugerir o confisco dos bens de todos aqueles que se negassem a eliminar os hereges de seus territórios e que os mantivessem sob sua proteção. Era uma oportunidade de unificar toda a Gália em torno da Coroa Capetíngia.¹³¹

Mas Inocêncio III também possuía seus interesses na região do Languedoc e assim como o monarca francês possuía projetos. Segundo Lyon, ele tem sido tratado pela historiografia como o Papa que teve um dos pontificados mais eficientes¹³². Estando plenamente convicto de que o poder espiritual deveria estar acima de todo poder temporal, Inocêncio III também defendia que toda a Cristandade Latina deveria estar submissa à Sé Romana:

Para realizar tal programa, Inocêncio III avaliava ser necessário garantir e firmar sua autoridade absoluta na Igreja e dispor na Itália de uma potência territorial para que a Sé Romana pudesse ter condições de cumprir seus objetivos¹³³.

O programa de Inocêncio III não podia coexistir com um Languedoc heterodoxo e com um sentimento de anticlericalismo; de acordo com Magda Duarte, a “região occitana apresentava-se como uma ovelha desgarrada”¹³⁴ portanto ele via na Cruzada Albigense um meio de mudar a região, nas palavras de Cosgrove: “Inocêncio acreditava que a Igreja no Midi precisava mudar, e a cruzada era o meio”¹³⁵.

¹³¹ DUARTE, 2015, p.271

¹³² LYON, 1991, p.

¹³³ RIBEIRO, 1995, p.144

¹³⁴ DUARTE, 2015, p. 271

¹³⁵ COSGROVE, 2003, p. 29

O clero no Languedoc era visto pela população como opulento e que exalava uma grande contradição pela grande riqueza que possuía. Então quando apareceram os cátaros pregando contra a Santa Sé e defendendo uma vida simples, teria sido fácil para determinados setores da sociedade occitana aceitá-los. A nobreza no Languedoc estava passando por algumas modificações que a colocavam contra o clero e a favor dos cátaros; chegando ao ponto em que os bens eclesiásticos passaram a ser pilhados, e os nobres estavam se recusando a “repassar certos tributos devidos à Igreja”¹³⁶, como os dízimos. Walker Cosgrove diz que agressões aos clérigos naquela região eram considerados como algo comum, a ponto de apontar uma espécie de concorrência entre a Santa Sé e as igrejas no Languedoc¹³⁷. Consequentemente, a escolha de um líder da Cruzada Albigense precisava estar alinhada com os interesses de Inocêncio III.

Se de um lado os interesses do monarca capeto coincidiam como os de Inocêncio III, existiam assuntos que eles estavam em lados opostos, como por exemplo, a escolha do Imperador do Sacro Império Germânico. Enquanto Frederico II de Hohenstaufen, filho de Henrique IV, era muito novo para assumir o trono, surgiram dois nomes para assumir tal posição: um deles era o tio de Frederico, Filipe da Suábia, que pretendia assumir a regência até a maioridade de Frederico II. Em oposição, se levantou Otão IV, sobrinho de Ricardo Coração de Leão. Tal quadro gerou uma polarização entre alguns monarcas da Cristandade Latina. Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra e depois dele, João Sem Terra, apoiava seu sobrinho, Otão IV; Filipe Augusto, que estava em guerra com a Inglaterra, apoiava Filipe da Suábia. Após algum tempo, Inocêncio III tomou partido de Otão IV¹³⁸, coroando-o imperador em 1209. Inferimos que isso tornava a escolha para um líder temporal para a Cruzada ainda mais complexa. Pois Inocêncio III havia coroado como Imperador um sobrinho do inimigo de Filipe Augusto, considerado pelo Papa uma peça importante na organização da Cruzada Albigense. Como já colocamos, o monarca francês já havia negado sua participação pessoal na Cruzada alegando impossibilidade de arcar com os custos desse engajamento, pois estava em guerra justamente com o plantageneta João Sem-Terra. Portanto, uma escolha imprudente do líder da Cruzada Albigense poderia dificultar ainda mais a possibilidade da participação do monarca francês.

¹³⁶ MACEDO, 2000, p. 106.

¹³⁷ COSGROVE, 2003, p. 29

¹³⁸ Como sabemos, Inocêncio III voltou atrás em sua decisão e anos mais tarde excomungou Otão IV.

À visto disso, no final do século XII e início do XIII, o Languedoc ainda era um território disputado por diversos personagens, sem que nenhum conseguisse se sobressair aos demais, nesse sentido concordamos com Alvira Cabrer quando o historiador diz:

La inexistencia de mecanimos reales de subordinación política y de una estructura material capaz de respaldar la superioridad de una casa sobre otra impidieron que la concentración del poder llegara a ser tan sólida como en otras zonas de Europa, por lo que muchas de las dependencias feudales que hemos expuesto eran más teóricas que efectivas.¹³⁹

1.3.2 Simão IV de Montfort é eleito líder da Cruzada Albigense

De acordo com Pierre, a eleição do líder da Cruzada estava sob a responsabilidade de dois bispos, quatro cavaleiros e do abade de Citeaux¹⁴⁰; primeiramente a posição oferecida aos barões que teriam um maior prestígio: o Conde de Nevers e o Conde da Borgonha, entretanto, ambos recusaram. Belperron entende que a suserania foi primeiro oferecida a eles por conta de sua importância e de que Arnaldo Amauri estava respeitando a “hierarquia”¹⁴¹. Com relação a recusa desses nobres precisamos atentar com cuidado de quais são os motivos que ela teria acontecido. De acordo com o cronista Guilherme de Tudela, de *La Chanson*, essa recusa teve um sentido de que esses nobres não desejavam e achariam desonroso aceitarem essas terras: “C’est pourquoi ils n’ont cure de la dépouille d’autrui. Il n’y a personne qui ne croie se déshonorer en acceptant cette terre.”¹⁴², sugerindo que eles enxergavam as ações de Arnaldo Amauri como sendo injustas. Já Pierre atribuiu essa recusa aos desígnios da Providência Divina, como que esses barões não aceitaram porque essa posição estava reservada para outro homem.

Não existe um consenso na historiografia de qual seria o motivo da recusa desses nobres em ser eleito líder; Belperron, por exemplo, vê nessa recusa uma discordância com os procedimentos da liderança da Cruzada¹⁴³. Medeiros enxerga a existência de entraves relacionados a pessoa de Filipe Augusto que os impediriam de aceitá-la, pois caso isso acontecesse, ambos¹⁴⁴ acabariam ficando com um território

¹³⁹ ALVIRA CABRER, 2003, p. 709

¹⁴⁰ CERNAY. 1951, p.45

¹⁴¹ BELPERRON, 1965, p.175

¹⁴² Citação extraída da obra de Pierre Belperron (1965, p.175)

¹⁴³ BELPERRON, 1965, p.175

¹⁴⁴ Ambas as casas senhoriais faziam frente a dinastia capetíngia (MEDEIROS, 2015, p.43)

maior que o monarca capeto¹⁴⁵, fato que não podia ser concebido pelo monarca capeto. Pensamos de modo semelhante a Belperron com relação a essa recusa, visto que nas páginas seguintes Pierre registra a partida de ambos os Condes para suas respectivas terras, o que poderia ser interpretado como uma discordância com os procedimentos de Arnaldo Amauri.

Na continuidade da narrativa Pierre, diz:

Ces sept personnages [dois bispos, quatro cavaleiros e o Abade de Citeaux] **avec l'aide des sept dons du Saint-Espirit** qui jette sur tout ela terre um regard de miséricorde, élirent um homme de foi catholique, de moeurs honnêtes et d'une grande bravoure militaire: Simon, comte de Montfort¹⁴⁶.

Entendemos a frase “avec l'aide des sept dons du Saint-Espirit” como uma atribuição direta ao Providencialismo, ou seja, a recusa dos Condes da Borgonha e Nevers, segundo a construção de Pierre, aconteceu porque Simão IV de Montfort era escolhido por Deus para liderar a Cruzada. Então em agosto de 1209, Simão IV foi eleito líder da Cruzada Albigense, instantes depois ele se apresenta como alguém inapropriado para a função que ele foi designado, chegando a hesitar dizendo: “Mais cette homme d'une supreme délicatesse oppose um très forme refus: Il se reconnaît pareillement incapable et indigne”¹⁴⁷.

Essa hesitação registrada pelo cronista representa a imagem de cavaleiro que Pierre queria retratar; mesmo sendo, no seu projeto legitimador, o homem escolhido por Deus que deveria liderar a Cruzada, ele hesita. Sendo essa uma prova de que ele era o escolhido de Deus. Sobre a “hesitação do herói”, como diz Fátima Fernandes: “A humildade demonstrada na recusa à aclamação seria aqui um reforço do providencialismo do qual seria vítima. Um homem singular, escolhido que daria rosto a uma dinastia¹⁴⁸ [...]”. Creditamos a inserção dessa recusa de Simão IV a uma construção da imagem de um herói que Pierre buscava fazer.

Ao ser eleito líder da Cruzada Albigense, Simão IV passou a liderar as hostes cruzadas, ficou responsável por impedir que a heresia voltasse e se tornou o senhor de Béziers, Carcassone e de todas as terras que seriam conquistadas durante a Cruzada, como o cronista cisterciense diz após a eleição de Simão IV: “Le comte

¹⁴⁵ MEDEIROS, 2006, p.34

¹⁴⁶ CERNAY, 1951, p.45. Nossos grifos.

¹⁴⁷ CERNAY, 1951, p. 43

¹⁴⁸ FERNANDES, 2018, p.133

devient seigneur de tout ela terre. Cet homme illustre prit donc le gouvernement de la terre pour la gloire de Dieu, l'honneur de L'Eglise et la ruine de l'hérésie"¹⁴⁹. Ele havia “se tornado o senhor de toda a terra”; enfatizamos que para Pierre isso implicava a ruína da heresia; ou seja, era um território que estava voltando para o domínio da Santa Sé através das mãos desse “ilustre homem”, o Conde Simão IV de Montfort.

Se a principal característica do Languedoc, até o início do século XIII, era a ausência de uma hegemonia, a eleição de Simão IV fez com que surgisse uma peça no Languedoc que colocaria fim a esse quadro; como vassalo de Filipe Augusto, o Conde de Montfort era uma ameaça para os interesses de Pedro II e principalmente para o Conde de Toulouse, Raimundo VI. Com a eleição, Simão IV estava para se tornar o senhor mais influente na região.

1.4 Pierre des Vaux-de-Cernay e Simão IV

Tendo visto como foi a trajetória de Simão IV até a sua eleição como líder da Cruzada Albigense queremos demonstrar qual era a relação de Pierre des Vaux de Cernay com Simão IV. Como já falamos, Pierre era um monge cisterciense amigo de Simão IV e sobrinho do abade Guy des Vaux-de-Cernay que foi salvo pelo Conde de Montfort naquele episódio na Quarta Cruzada.

Ressaltamos que ambos os clérigos da abadia de Vaux-de-Cernay eram cistercienses; enfatizamos esse ponto pelo fato dos membros da Ordem de Císter terem tido um papel importante na pregação contra os hereges e em vários desdobramentos da Cruzada Albigense. A historiadora Graham-Leigh¹⁵⁰ argumenta que a Ordem de Císter, em particular, estava engajada em pregar contra a heresia e que Inocêncio III endossava o recrutamento dos cistercienses para esse fim. Magda Duarte enxerga que os cistercienses foram usados para a “aplicação da política papal”¹⁵¹.

Além desse engajamento, notamos que, ao longo da Cruzada, várias sedes episcopais no Languedoc foram direcionadas para clérigos cistercienses¹⁵². Um

¹⁴⁹ CERNAY, 1951, p. 45

¹⁵⁰ São Bernardo de Claraval, um dos grandes expoentes da Ordem de Císter, havia pregado em Toulouse contra os cátaros nesses termos, seu engajamento teria influenciado muito esses clérigos a se envolverem com a Cruzada Albigense (GRAHAM-LEIGH, 2001, p.288).

¹⁵¹ DUARTE, 2015, p.20

¹⁵² LEKAI, 1987, p.74

exemplo disso ocorreu com o próprio abade Gui des Vaux-de-Cernay, que se tornou o novo abade da cidade de Carcassone; outro foi o de Arnaldo Amauri¹⁵³, ex-líder da Cruzada, que se transformou no abade de Narbona.

Entendemos que esse engajamento de alguns dos membros da Ordem de Císter tenha exercido alguma influência nos rumos da Cruzada Albigense; influencia que pode ser vista na relação entre Simão IV e o abade Gui. No Catálogo de Atos de Simão IV de Montfort¹⁵⁴ estão registrados cerca de seis momentos distintos em que o Conde francês favoreceu a abadia de Vaux-de-Cernay com algum donativo. Historiadores como Alvira Cabrer e Lippiat tem demonstrado que o abade Guy funcionava “como uma espécie de aglutinador da feudalidade local”¹⁵⁵ e que a abadia de Vaux-de-Cernay, na pessoa do abade Guy, exercia uma grande influência sobre a linhagem de Montfort. Salientamos que essa influência já existia antes da Quarta Cruzada e que quando Simão IV de Montfort foi eleito líder da Cruzada Albigense, os seus movimentos e ações foram pautadas pela visão cisterciense do abade Guy de Vaux-de-Cernay¹⁵⁶.

Sendo assim, começa a se delinear alguns prováveis motivos para Pierre ter escrito uma crônica exaltando Simão IV de Montfort: teria sido uma escrita encomendada pelo conde de Montfort? Guy de Vaux-de-Cernay teria endossado essa escrita? E talvez uma pergunta mais ousada: qual seria a real motivação, ou com quais objetivos de Pierre ao escrever essa crônica? Obviamente não fomos os primeiros a fazer esses questionamentos e tampouco a tentar respondê-los.

Belperron vê a crônica de Pierre “comme le panégyriste de Simon de Montfort”¹⁵⁷, outros historiadores fazem coro ao dizer que a crônica de Pierre faz uma propaganda de Simão, com o acréscimo de que além de Simão IV, *Histoire Albigeoise*, também busca justificar toda a liderança da cruzada, inclusive os clérigos cistercienses. Elaine Graham-Leigh, por exemplo, argumenta: “The Historia Albigensis can be regarded as the official history of the crusade, the version of events disseminated with the approval of the crusade leaders themselves.”¹⁵⁸. Além de

¹⁵³ O historiador Louis Lekai considera Arnaldo Amauri como “el más sobressaliente e, inevitavelmente, el más convertido de todos los pintorescos personajes cistercienses que intervinieron em la cruzada.” (LEKAI, 1987, p.73).

¹⁵⁴ Dentre esses favorecimentos estão doações e melhorias (RHIEN, 1910, p. 123,139, 153, 155, 171 e 172).

¹⁵⁵ ALVIRA CABREER, 2003, p. 1232.

¹⁵⁶ LIPPIAT, 2018, p. 275.

¹⁵⁷ BELPERRON, 1965, p. 17

¹⁵⁸ GRAHAM-LEIGH, 2001, p. 289

justificar ou legitimar seus líderes, outros historiadores como Megan Cassidy-Welch, Monique Zerner e Alvira Cabrer, têm demonstrado que a crônica legitima a própria cruzada como movimento; Alvira Cabrer expõe que a crônica faz uma “justificación de los Orígenes, desarrollo y objetivos de la Cruzada por la vía de la exaltación de sus líderes”¹⁵⁹. José Rivair Macedo trata a crônica do monge cisterciense como uma: “concepção apologética, milenarista e escatológica”¹⁶⁰.

Concordamos que a crônica de Pierre tenha sido escrita com um intuito de legitimar a liderança da Cruzada, funcionando como uma propaganda para ela, mas acreditamos ser possível arrazoar outros aspectos dessas motivações e assim compreender com mais profundidade os objetivos desta obra.

Por mais que seja uma crônica sobre a história albigense não podemos deixar de levar em conta que se trata de uma crônica medieval, isso implica que a crônica de Pierre segue a função que as crônicas tinham no século XII e XIII, de acordo com Fatima Fernandes: “Os Livros de Linhagens e as Crônicas constituem-se igualmente em instrumentos ideológicos fortes de afirmação geralmente identificados respectivamente com projetos nobiliárquicos e régios.”¹⁶¹. Logo, as crônicas compõem uma estratégia discursiva que pode conferir legitimidade tanto a uma dinastia como a uma linhagem. Seguindo este pensamento, seria possível inferir que a particularidade da crônica de Pierre des-Vaux de Cernay é conferir legitimidade a Cruzada Albigense, através da legitimação da sua liderança.

De acordo com Jaime Aurell, no século XIII estava em curso uma modificação no que tange as estratégias discursivas nobiliárquicas e régias; se antes o enfoque dessas estratégias discursivas eram as genealogias, a partir de então haverá o que ele chamou de “La evolución “de las genealogias a las crónicas”¹⁶²”; ou seja, as estratégias discursivas passaram a utilizar as crônicas como “instrumentos ideológicos fortes de afirmação”. Aurell enfatiza o quanto esse uso das crônicas se evidenciou na França justamente no reinado de Filipe Augusto.

Uma das principais características dessas crônicas era uma constante reatualização do passado, numa tentativa de evocar um passado mítico que normalmente era delineado na figura de um herói fundador, onde seria narrado um

¹⁵⁹ ALVIRA CABRER, 2003, p.771

¹⁶⁰ MACEDO, 2000, p.68

¹⁶¹ FERNANDES, 2009, p.292

¹⁶² AURELL, 2014, p.329

passado glorioso de um herói fundador cuja descendência viria a culminar nalgum monarca de uma dinastia¹⁶³:

Las historias épicas que acompañan a las genealogías, principalmente las que hacen referencia a la figura del héroe-fundador, funcionan como garantes de continuidad dinástica y proporcionan a los nuevos grupos de élite una valiosa legitimación religiosa y social. La reinvención de héroes ancestrales, basada parte en historia y parte en ficción, aumenta el prestigio del linaje y crea una nueva conciencia genealógica, que toma forma de raíz de árbol, materializada en su base en la figura del ancestro fundador.¹⁶⁴

Sendo assim, argumentamos que a crônica de Pierre, além de legitimar a Cruzada Albigense, se encaixa nessa estratégia discursiva de afirmação nobiliárquica que visava apresentar Simão IV como herói. Nesse contexto Simão IV estava deixando de ser apenas o Conde de Montfort para se tornar o senhor de todas as terras que ele estava conquistando.

Pierre não apresenta com tanta clareza como Simão IV foi se tornando senhor de tantas localidades; mas em seu Catálogo de Atos conseguimos perceber essa modificação. No ano de 1183¹⁶⁵ do seu Catálogo de Atos, temos na apresentação do seu nome apenas: “Simon de **Montfort**”¹⁶⁶. A forma como seu nome é colocado permanece igual até o ano de 1207¹⁶⁷, quando notamos o primeiro acréscimo no seu nome: “Confirmation par Simon, comte de **Leicester** et seigneur de Montfort...”¹⁶⁸. Destacamos que o acréscimo se refere a cidade que estava em território angevino e que como já apontamos, havia sido confiscada pelo monarca plantageneta. A próxima adição aparece após o início da Cruzada Albigense em 1209: “Lettres de Simon, comte de Leicester, seigneur de Montfort, vicomte de **Beziers** et de **Carcassone**, au pape Innocent III...”¹⁶⁹, muito provavelmente essa adição tenha ocorrido logo após ele ter sido eleito líder da Cruzada Albigense. Em 1211 seu Catálogo de Atos traz: “Donation par Simon, comte de Leicester, seigneur de Montfort, par la grâce de Dieu

¹⁶³ AURELL, 2014, p. 310

¹⁶⁴ IDEM, p. 311

¹⁶⁵ Nos primeiros anos de seu senhorio em Montfort.

¹⁶⁶ “Donation par Simon de Montfort au prieuré de Saint-Arnoult des propriétés, libertés et coutumes déjà concédées par son père Simon, ladite donation faite du consentement de sa femme et de ses fils Simon et Gui” (RHIEN, 1910, p.141). Grifos nossos. As palavras em negrito são os graduais acréscimos que houve as possessões de Simão IV.

¹⁶⁷ Em 1207 Simão IV já havia ido para Zara e retornado para França.

¹⁶⁸ “Confirmation par Simon, comte de Leicester et seigneur de Montfort, de la vente faite par Hugues Berthecol de Ablueis à l'abbaye des Vaux-de Cernai d'une terre qu'il possédait à la fosse de Germond et amortissement de ladite terre.”. (RHIEN, 1910, p.153).

¹⁶⁹ RHIEN, 1910, p. 157.

vicomte de Béziers et de Carcassonne et seigneur **d'Albi** et de **Rodez**..."¹⁷⁰. Um ano depois, 1212: "Donation par Simon, comte de Leicester, seigneur de Montfort, par la grâce de Dieu vicomte de Béziers et de Carcassonne, du château de **Nissan** et de divers **domaines**..."¹⁷¹. Em 1214 foi o ano em que mais tiveram acréscimos: "Confirmation par Simon, par la grâce de Dieu comte de Leicester, seigneur de Montfort, **duc de Narbonne, comte de Toulouse**, vicomte de Béziers..."¹⁷². Em 1216, após o IV Concílio de Latrão que tratou do destino das terras conquistadas no Languedoc, destacamos a ordem que aparece as suas titulações: "Donation par Simon, duc de Narbonne, comte de Toulouse et de Leicester, vicomte de Béziers et de Carcassonne, seigneur de Montfort..."¹⁷³.

Os acréscimos foram sendo feitos à medida que Simão IV foi conquistando mais domínios na região. Portanto, ele deixou de ser apenas o "Seigneur de Montfort" para se tornar "Comte de Toulouse". Logo estamos diante de uma nova linhagem no Condado de Toulouse que visava ser estabelecida no Languedoc, esta encabeçada por Simão IV de Montfort. Então a crônica de Pierre apresentaria Simão IV como um herói fundador de uma nova linhagem em Toulouse, a linhagem encabeçada pelo Conde Simão IV de Montfort.

Por mais que ao se tornar líder da Cruzada Albigense, Simão IV tivesse direito as localidades conquistadas, notamos que por conta do contexto do Languedoc e suas múltiplas relações de poder, a conquista bélica desses territórios, por si só, não fariam com que Simão IV fosse considerado como senhor dos territórios conquistados. O rei de Aragão, Pedro II e o Conde de Toulouse, Raimundo VII ainda exerciam grande influência no Languedoc e a sucessão dos eventos da Cruzada Albigense fez com que Inocêncio III não reconhecesse de imediato as conquistas de Simão IV, que só aconteceriam em 1216 no IV Concílio de Latrão. Entre 1209 e 1216, a resolução da questão de quem seria o novo senhor das terras conquistadas ficou indefinida; ora elas eram deixadas com Simão IV, ora, através de bulas papais, ele precisou devolvê-las aos seus antigos senhores.

Portanto as ações e o próprio Conde Simão IV de Montfort careciam de legitimidade, era necessário que ambos fossem devidamente justificados; e no nosso

¹⁷⁰ RHIEN, 1910, p.161

¹⁷¹ RHIEN, 1910, p. 169

¹⁷² RHIEN, 1910, p. 177

¹⁷³ RHIEN, 1910, p. 188

entender é exatamente essa função que a obra de Pierre de Vaux-des-Cernay desempenha. Essa legitimidade precisa ser tecida de acordo com a lógica medieval e com as demandas contextuais da Cruzada Albigense.

Essa tentativa de construção de legitimidade, no nosso entender, tem um alvo específico: Inocêncio III; como já falamos a crônica foi dedicada ao Sumo Pontífice. Não enxergamos aquela dedicatória como uma mera retórica por ser uma crônica escrita por um monge, mas que essa dedicatória demonstrava que Inocêncio III era um dos principais alvos da pena de Pierre. Destarte, o cronista cisterciense desejava tecer essa legitimidade de Simão IV tendo em vista Inocêncio III. O Papa tinha a maior prerrogativa para garantir que as terras que Simão IV conquistou ficariam sob seu domínio, por essa causa se fazia necessário apresentar um Conde Simão IV de Montfort como alguém legítimo.

Para que uma estratégia discursiva, como a de Pierre, atingisse o seu alvo, de acordo com Fátima Fernandes o cronista deveria “realçar algumas tonalidades edificantes”¹⁷⁴. São essas “tonalidades edificantes” que pretendemos expor no próximo capítulo; nele intentamos ver quais foram os artifícios usados por Pierre para atribuir legitimidade ao conde Simão IV de Montfort.

¹⁷⁴ FERNANDES, 2009, p.297

2 SIMÃO DE MONTFORT, O PERFEITO

No capítulo anterior vimos um pouco da história de Simão IV de Montfort atentando para sua cultura política e contexto, buscando apresentar como se deu a sua inserção na Cruzada Albigense e os motivos que o teriam levado a participar dela. Uma vez que ele foi eleito líder da Cruzada Albigense e senhor de todas as terras conquistadas, argumentamos que atingir tal patamar requiritava não apenas vitórias no campo de batalha, mas ele carecia de legitimidade para que elas fossem reconhecidas por Inocêncio III. É nessa necessidade de tecer a base da legitimidade que vemos a inserção da crônica de Pierre, que fornecendo uma narrativa que legitimaria as conquistas do Conde de Montfort.

Enxergamos esse processo de legitimação como algo complexo que precisava ocorrer de um modo muito específico, em outras palavras, de acordo com o que a lógica medieval tinha como legítimo, atendendo as demandas que as múltiplas relações de poder presentes na Cruzada Albigense requiritavam.

Portanto, nosso objetivo neste capítulo é apresentar alguns dos artifícios que Pierre utiliza em sua crônica para apresentar Simão IV como o legítimo senhor das terras que havia conquistado, apontando para as tonalidades edificantes citadas no capítulo anterior. O dividimos em três partes: na primeira vamos trabalhar com alguns dos eixos de legitimação usados por Pierre, primeiro apresentando-o como cavaleiro com virtudes que eram projetadas nos cavaleiros na Cristandade Latina no século XIII; na sequência veremos o providencialismo que acompanha a trajetória de Simão IV na Cruzada Albigense e, por último, os laços feudo-vassálicos como elemento legitimador para que Simão IV se tornasse o senhor mais influente do Languedoc. Ressaltaremos um ponto comum desses três eixos de legitimação: uma projeção em Simão IV uma imagem que chega a fazer sombra no próprio Filipe Augusto por causa das virtudes com que ele é descrito que se aplicam ao que era esperado de um rei na Idade Média.

Na segunda parte do capítulo veremos a aplicação dos três eixos de legitimidade na narrativa da Cruzada Albigense, especificamente em dois eventos: na elaboração do Estatuto de Pamiers e no episódio que o filho de Simão IV se tornou cavaleiro. Na terceira parte veremos a figura de Simão IV, apresentado por Pierre, fazendo frente a outros agentes que, em tese, teriam mais legitimidade que Simão IV para obterem essa posição de senhores mais influentes na região, servindo como uma

concorrência para exercer esse domínio no Languedoc: Pedro II, rei de Aragão e por último, o Conde de Toulouse.

2.1. Eixos de Legitimidade

2.1.1. Primeiro Eixo: O cavaleiro ideal

O conceito do que é cavaleiro no contexto do século XIII vinha de uma intensa reformulação nos séculos XI e XII. Essa reformulação estava sendo impulsionada pelas novas tendências que a nobreza estava passando; dentre elas, como citamos no capítulo anterior, uma crescente militarização e uma gradual identificação da nobreza com atividades bélicas. Até meados do século X e XI, nobreza e cavalaria possuíam origens diferentes: inicialmente, um cavaleiro não pertencia a nobreza e um nobre não era necessariamente um cavaleiro. De acordo com Martin Aurell, esse panorama começou a mudar quando a nobreza passou a compor hostes de príncipes, passando a participar de batalhas¹⁷⁵, fazendo com que essa identificação com ações bélicas implicasse numa gradual aproximação da nobreza com os cavaleiros. Isso teria acontecido, segundo Jean Flori, através de casamentos vantajosos para os cavaleiros, permitindo que eles passassem a constituir a aristocracia, se fundindo com a nobreza: “Desde então, um cavaleiro não é somente (e, posteriormente nem tanto!) um guerreiro a cavalo, mas um membro reconhecido da aristocracia. Cavaleiro torna-se título nobiliário¹⁷⁶.”.

Essa, cada vez mais definitiva, fusão entre cavaleiros e nobreza possibilitou o surgimento de um discurso por parte de intelectuais da Idade Média, na sua maioria clérigos, sobre a imagem de um cavaleiro ideal, que não seria apenas um guerreiro, mas um cristão com virtudes que deveriam condizer com sua fé. Sendo assim, eles não mais poderiam participar de guerras e saques deliberadamente, mas suas ações deveriam ficar restritas aos interesses da Santa Sé. Logo, a Igreja se ocupou de tentar incutir um ideal elevado na cavalaria: “a proteção das igrejas, dos fracos e dos desarmados (inermes) no interior da Cristandade; a luta contra os infiéis, no interior.”¹⁷⁷. Isto estava de acordo com a estrutura ideológica que visava dividir a

¹⁷⁵ AURELL, 2015, p. 19

¹⁷⁶ FLORI, 2006, p. 185

¹⁷⁷ FLORI, 2006, p. 186

sociedade em clero, nobreza e povo, onde os cavaleiros teriam a função de *bellatores*, como Duby diz:

Para restabelecer a ordem e salvaguardar os interesses eclesiásticos, moralizar a *militia*, esses exames turbulentos que espalhavam a tempestade – era preciso pôr-lhes rédeas, impor-lhes deveres – fossem reis ou *bellatores* – chama-los para proteger os “pobres”, vingar a injustiça, lutar para o alargamento do reino de Deus.¹⁷⁸

Portanto, alguns historiadores têm defendido a importância da Igreja na formulação destes ideais; Crouch, por exemplo, defende que os cavaleiros foram “reformados pela cristandade”¹⁷⁹ e no mesmo sentido Costa diz que a Igreja cercou a cavalaria com seus ideais, buscando evitar que ela se perdesse em pecados¹⁸⁰; Lyon argumenta que a Igreja passou a se preocupar “com a ética da cavalaria, incutindo-lhe uma natureza quase religiosa como o braço secular...”¹⁸¹. Crouch diz que houve um desenvolvimento de uma espécie de um “código de ética dos cavaleiros”¹⁸² que teria chegado no seu ápice no início do século XIII. O historiador sustenta que antes do século XIII estava em curso uma construção teórica em torno da ação do cavaleiro, destacando a elevada quantidade de ocorrências da expressão “*preudomme*” em algumas fontes a partir do século XI. Para ele essa expressão era a “consistent and persistent ideal of aristocratic virtue”¹⁸³. Dessa forma, a partir do século XI a conduta de um cavaleiro já era usada como critério para definir quem era ou não nobre, por isso não é suficiente possuir uma boa capacidade militar, era necessário também possuir boas virtudes.

Ao considerar a obra de Pierre concordamos com a posição desses historiadores, pois enxergamos um Simão IV, agindo de acordo com os ideais da Igreja tendo, inclusive, com uma grande devoção.

Dentre os intelectuais que se debruçaram sobre o assunto citamos São Bernardo de Claraval¹⁸⁴ (1090-1153). No século XII, São Bernardo de Claraval aponta

¹⁷⁸ DUBY, 1994, p. 322

¹⁷⁹ CROUCH, 2014, p. 29

¹⁸⁰ COSTA, 2011

¹⁸¹ LYON, 1990, p.208

¹⁸² CROUCH, 2014, p. 29

¹⁸³ CROUCH, 2014, p.33

¹⁸⁴ Salientamos o fato de que Bernardo de Claraval foi um dos fundadores da ordem Cisterciense; ordem que Pierre des Vaux-de-Cernay pertencia. Certamente as concepções de Bernardo influenciaram o monge da abadia de Vaux-de-Cernay. Além dessa influência em Pierre des Vaux-de-Cernay,

para essa nova concepção de quem eram os cavaleiros, colocando limites morais e éticos no uso da violência. Em uma de suas obras Bernardo fala sobre “La Excelencia de La Nueva Milicia”, onde ele faz um apelo para que essa nova milícia tenha uma boa moral: “Em vano te glorías de haber triunfado de tu enemigo quando la cólera o la soberbia te reducen a servidumbre”¹⁸⁵. São Bernardo de Claraval argumenta que não adianta os cavaleiros serem vitoriosos no campo de batalha, e estejam entregues a cólera e a soberba, sustentando que há uma moral que é requerida destes cavaleiros. Junto com essa moral, existia uma exigência de que o cavaleiro seja um cristão devoto e como consequência, um defensor dos cristãos: “por el justo vingado de Jesucristo em la persona de los pecadores y por el legitimo defensor de los cristanos.”¹⁸⁶. Sua obra acabaria servindo como regra para as Ordens Militares que recém haviam sido criadas. Portanto, a ênfase dada pelo cisterciense é que o cavaleiro deveria ser paciente, humilde e defensor dos interesses da Santa Sé.

Através do trovador francês, Chrétien de Troyes (1135-1191) houve uma espécie de condensação das virtudes que estavam sendo atribuídas como obrigação aos cavaleiros por meio da publicação das suas obras¹⁸⁷, nelas ele enfatizava a necessidade de o cavaleiro ter uma qualidade para ser descrita. Em seus poemas, que atingiam principalmente o público nobre e laico, o trovador apresenta os cavaleiros com qualidades como perseverança, lealdade, coragem, generosidade e honra. Essa representação de cavaleiros com tais virtudes teria exercido grande influência no imaginário medieval sobre como seria a ação do cavaleiro.

No século XIII, Raimundo Lúlio (1232-1316) em sua obra “*Libro del Orden de Caballería*”, (1279-1283), teria consolidado as bases de uma espécie de “código de conduta dos cavaleiros¹⁸⁸”. Para Crouch, Raimundo Lúlio teria sido extremamente influenciado pelos seus antecessores, entre eles Chrétien Troyes, fazendo com que sua obra servisse como um extrato do que se idealizava para o cavaleiro medieval na Cristandade Latina¹⁸⁹.

Raimundo Lúlio defendeu que os cavaleiros deveriam odiar os vícios e se unir as virtudes, argumentando que tanto a cavalaria quanto o povo cristão se perderam,

¹⁸⁵ CLARAVAL, 1983, p.855

¹⁸⁶ CLARAVAL, 1983, p.857.

¹⁸⁷ *Érec et Énide*, (1170), *Cligès* (1176), *Lancelot, le chevalier de la charrete* (1178-1181), *Yvain, le Chevalier au Lion* (1170) e *Perceval ou le Conte du Graal* (1181-1191).

¹⁸⁸ CROUCH, 2015, p. 80

¹⁸⁹ CROUCH, 2015, p. 81

sendo, pois necessário trazer “o rebanho de volta”. Ele sintetiza que a missão do cavaleiro em “pacificar os homens, manter e defender o cristianismo e vencer os infiéis”. O teólogo aragonês cita as virtudes, que segundo ele, seriam a raiz e o fundamento de todos os bons costumes:

Ningún Caballero puede ignorar¹⁹⁰ las siete virtudes que son la raíz y el fundamento de todas las buenas costumbres y vías y caminos de la celestial gloria perdurable; de las cuales virtudes siete son teologales y cuatro cardinales. Las virtudes teologales son Fe, esperanza y caridad. Las virtudes cardinales son prudência, justicia, fortaleza y templanza¹⁹¹.

Raimundo Lullio foi um dos primeiros intelectuais a aplicar as virtudes cardeais e teológicas aos cavaleiros, ainda que elas já tivessem sido usadas e exploradas por muitos outros intelectuais na Cristandade Latina antes dele. As quatro virtudes cardeais estavam presentes nos escritos de Aristóteles e Platão e, de acordo com o historiador Bejczy¹⁹², foi através de Ambrósio de Milão (340-397)¹⁹³ que elas foram inseridas na Cristandade Latina, sendo ele também quem cunhou a expressão *virtutes cardiales*.

As virtudes teológicas têm sua origem na Primeira carta de Paulo aos Coríntios, quando o Apóstolo diz: “Agora, pois permanecem a fé, a esperança e o amor [caridade¹⁹⁴] (...)”¹⁹⁵. Segundo Bejczy, as virtudes teológicas teriam sido pouco mencionadas até o século XI, quando na obra de João de Fécamp (990-1078) o autor implora que Deus lhe conceda as virtudes cardeais e as teológicas¹⁹⁶. Na mesma época, Iohannes Homo Dei (c.1049) argumentou que as virtudes teológicas eram o degrau mais elevado da maturidade cristã.

No século XII surgiram intelectuais, como Marbodo de Rennes (1035-1123), que fizeram uso mais constante da literatura clássica para abordar as virtudes cardeais, mas interpretando-as de uma maneira religiosa¹⁹⁷. Fazendo uma espécie de frente a estes intelectuais, surgiram aqueles que se opunham a explicar as virtudes

¹⁹⁰ Grifos nossos. Destacamos essa parte para ressaltar a ênfase que o autor dá, na qual nenhum cavaleiro poderia deixar de ter essas virtudes.

¹⁹¹ LULLIO, 1949, p.75-76

¹⁹² BEJCZY, 2011, p. 12

¹⁹³ Outros pais da Igreja como Santo Agostinho e Jerônimo adotaram a expressão *virtutes cardiales* para descrever as quatro virtudes.

¹⁹⁴ O tradutor da versão que utilizamos, João Ferreira de Almeida traduziu do grego a palavra *ágape* como amor. Outras traduções, como a Vulgata Latina a traduziu como *caritas*, caridade.

¹⁹⁵ BÍBLIA SAGRADA, 2011, p.1248.

¹⁹⁶ BEJCZY, 2011, p. 44

¹⁹⁷ BEJCZY, 2011, p. 77

cardeais com qualquer base na literatura clássica, dentre eles citamos os beneditinos e os cistercienses. São Bernardo de Claraval, por exemplo, defendia que todos na Cristandade deveriam possuir as virtudes cardeais: desde o Sumo Pontífice¹⁹⁸, os cavaleiros e sobretudo que todo cristão deveria possuir as virtudes cardeais e teologais para combater os pecados, usando-os como uma escada para o céu¹⁹⁹. Realçamos que essa impressão e modo de interpretar as virtudes cardeais influenciou o monge cisterciense Pierre Vaux-des-Cernay que, como procuraremos demonstrar, imprimiu em Simão IV parte da ótica cisterciense no que tange essas virtudes.

Citamos também os intelectuais da Universidade de Paris, especificamente Alain de Lille (1128-1202). De acordo com Becjzy, ele teria mudado o pensamento medieval em relação as virtudes, por reconhecer que os não cristãos teriam naturalmente as virtudes cardeais²⁰⁰, mas que teriam que desenvolvê-las. Por outro lado, somente os cristãos poderiam ir além, e pela graça de Deus, alcançar as virtudes teologais.

Acreditamos que esse pensamento presente na Universidade de Paris também influenciou Pierre, que apresenta Simão IV como um cristão completo contendo todas as virtudes.

De todo modo, Raimundo Lúlio foi um dos primeiros a enfatizar a necessidade das virtudes teologais e cardiais no comportamento dos cavaleiros. Entendemos a obra de Raimundo como o ápice dos ideais da Igreja cercando os cavaleiros.

Para ele o cavaleiro deveria ter essas sete virtudes²⁰¹, nas quais três eram teologias: fé, esperança e caridade e quatro são cardiais: prudência, justiça, fortaleza

¹⁹⁸ São Bernardo de Claraval em sua obra, *Sobre a Consideração* defende que o papa exerça as quatro virtudes diariamente (FERNANDES, 2007, p.112).

¹⁹⁹ BEJCZY, 2011, p. 106

²⁰⁰ BEJCZY, 2005, p. 13

²⁰¹ Fé, para ele, seria o que habilita os homens a verem “espiritualmente” a Deus; pois dessa forma, “van los caballeros em peregrinacion a la tierra sante de ultramar, y se levantan em armas contra los enemigos de la Cruz...”. Isso estaria diretamente ligado com a vida espiritual dos cavaleiros, sendo o que os inspiraria a tomar a cruz e irem para as cruzadas. A virtude da esperança seria responsável por fazer com que os cavaleiros lembrassem de Deus durante as batalhas, conferindo-lhes intrepidez para permanecerem firmes nas tribulações. A caridade seria a virtude pela qual o cavaleiro poderia ajustar seu caráter, apartando-se dos vícios: “caridad es amor, que puede tener todo hombre...”. Então o cavaleiro caridoso é aquele que busca se afastar de todo vício; tudo aquilo que é errado ou desonesto. Com relação as quatro virtudes cardiais, sobre a prudência, Raimundo definiu como a virtude que possibilitava o cavaleiro a vencer as batalhas, estando essa ligada a uma boa capacidade militar. Através da justiça o cavaleiro poderia conhecer o mal, podendo assim evitar injúrias; esta seria uma virtude a ser demonstrada nas atividades cotidianas, fora do campo de batalha. A virtude da temperança possibilitaria um equilíbrio filosófico para que o cavaleiro não estivesse nem em falta e tampouco em excesso, isso visava o seu equilíbrio moral. Por último, a virtude da fortaleza que tinha por objetivo tornar o cavaleiro apto para combater os sete pecados capitais que poderiam conduzi-lo para o inferno. (LULIO, 1949, p.79-87).

e temperança. Estas virtudes representam um ideal que os cavaleiros deveriam ter, mas não necessariamente eles tinham.

Outro intelectual que exerceu uma influência sobre Pierre foi Pedro, o Cantor (morreu em 1197). Ele compôs o chamado grupo dos mestres da Universidade de Paris. De acordo com Lippiatt²⁰², Pedro o Cantor, principalmente no final de sua vida teve um relacionamento bem estreito com a ordem de Cister, além de ser amigo de Guy de Vaux-de-Cernay, tio de Pierre. Isso não significa que Pedro o Cantor e Simão IV se conheceram, mas certamente Pierre estava familiarizado com seus escritos sobre as virtudes. Pedro o Cantor fazia uma clara distinção entre as virtudes cardiais e as teologais, que ele chamava de virtudes católicas, dizendo que somente os cristãos poderiam desenvolver as virtudes teologais²⁰³. Então quando Pierre projeta virtudes teologais em Simão IV, é um jeito de afirmar que de fato o Conde de Montfort é um cristão, visto que de, segundo Pedro o Cantor somente um cristão poderia ter essas virtudes. Como veremos na última sessão deste capítulo, Pierre apresentou homens como o rei de Aragão, Pedro II e o Conde de Toulouse como inimigos da Santa Sé, então nesse contexto, enfatizar que Simão IV era cristão de fé católica era um modo de legitimá-lo.

Voltando a abordar a crônica de Pierre, ainda que essas virtudes não sejam diretamente mencionadas, ao ver a definição que Raimundo atribui a cada uma delas, notamos que Pierre descreve Simão IV como possuindo todas elas; então ora ele é apresentado como tendo fortaleza, ora como agindo com fé, e assim por diante com cada uma delas. Entretanto, notamos a hegemonia de algumas delas são mais notórias em Simão IV do que outras, mais especificamente falando de duas teologias: fé e caridade; e uma cardinal: a fortaleza.

Por essa causa, olharemos para esse primeiro eixo de legitimação de Simão IV de Montfort através da ótica dessas três virtudes. Após a narrativa da eleição de Simão IV como líder da Cruzada Albigense, Pierre passa a narrar as conquistas de Simão IV na região do Languedoc; a cada conquista de um domínio feita pelo Conde de Montfort, podemos ver Pierre descrevendo não apenas a sua valentia e coragem militar, mas também todas as virtudes que um cavaleiro cristão deveria ter.

²⁰² LIPPIAT, 2013, p. 02

²⁰³ BEJCZY, 2005, p.125

2.1.1.1 Fortaleza

A primeira virtude que discorreremos é a virtude cardinal da fortaleza. Como inferimos, a virtude da fortaleza já foi utilizada e definida por diversos autores na Cristandade Latina desde a Antiguidade Tardia. Para melhor a definirmos, escolhemos algumas definições específicas que nos ajudarão a entender como e porque essa virtude é projetada de forma tão intensa em Simão IV. Para Ambrósio de Milão (340-397), fortaleza significava uma disposição a sofrer o ódio pelo amor de Cristo, seguindo a vontade de Deus até o fim²⁰⁴; S. Agostinho (345-430) definiu fortaleza como a virtude que habilitaria o indivíduo a não temer a adversidade ou a morte²⁰⁵; na mesma linha, Alcuíno de Iorque (735-804) e definiu como um encorajamento para vencer as dificuldades com coragem através do amor de Deus²⁰⁶. Estes intelectuais deixaram pegadas que modelaram os discursos de outros na Idade Média que adotaram ou se contrapunham a essas definições. O cisterciense Bernardo de Claraval foi um dos que adotou seu pensamento e tratou de definir as virtudes; com relação a fortaleza ele manteve a visão existente da funcionalidade da fortaleza na adversidade e incorporou um significado de fortaleza como um juiz que arbitraría entre as reais necessidades e os deleites. Portanto, a virtude que julgaria aquilo que era certo e errado. Sendo está uma das virtudes mais enfatizadas²⁰⁷ pelo cisterciense, como a virtude que habilitaria o cavaleiro a vencer as adversidades e os vícios. Raimundo Lull seguiu na linha de Bernardo de Claraval, acrescentando que a fortaleza seria vital na luta contra os sete pecados capitais²⁰⁸, sendo que para ele esta seria a virtude cardinal mais importante²⁰⁹.

Destarte essas definições, usaremos dois aspectos da fortaleza: por um lado a virtude que ajuda a vencer a adversidade, nisso está incluído as vitórias no campo de batalha; e de outro como a virtude que ajuda a vencer os vícios.

²⁰⁴ BEJCZY, 2011, p. 14

²⁰⁵ IDEM, p. 23

²⁰⁶ IDEM, p.36

²⁰⁷ Em seu *tratado Sobre a Consideração*, em orientações ao Papa, Bernardo de Claraval diz: Ciertamente, el ministro del Señor debe imitarle, pues dice él mismo: El que me sirve, sígame. De él está escrito: “El Señor ha reinado; se ha revestido de hermosura y de fortaleza. Sed fuerte en la fe, hermoso en la gloria, y habréis dado pruebas de imitador del Señor. Vuestra fortaleza es la confianza de una conciencia fiel; vuestra hermosura, el resplandor de una buena opinión. Hacedlo así os ruego; revestíos de fortaleza, pues la fortaleza es el gozo del Señor”. (CLARAVAL, 1953, p. 627)

²⁰⁸ LULLIO, 1949, p.79-87

²⁰⁹ COSTA, 2001, p. 39

Com relação ao primeiro aspecto da fortaleza, Pierre enfatiza a reação de Simão IV nos momentos de adversidade. Por exemplo, quando ele estava indo cercar Castelnaudary, certo clérigo cisterciense começou a encorajá-lo, mas Pierre interpretou esse encorajamento como uma tentativa de apaziguar um possível medo que Simão IV poderia estar sentindo, e por isso o Conde de Montfrot teria prontamente respondido: “Le comte plein de noblesse et de confiance en Dieu lui répondit: “Vous vous imaginez que j’ai peur? Il s’agit de l’affaire du Christ. Toute l’Eglise prie pour moi.”²¹⁰. Salientamos que essa resposta foi dada para um clérigo, ou seja, a fortaleza em Simão IV seria tão desenvolvida que ele podia responder dessa forma até mesmo para um clérigo. Também destacamos o modo como Pierre fala a seu respeito: “Conde pleno de nobreza e de confiança em Deus”. Para o cronista ele era alguém que não importava a condição na qual estava, manteria sua confiança em Deus.

Um pouco antes da batalha de Muret, quando alguns habitantes de Toulouse que lá estavam começaram a “*poussèrent un grand cri pour se moquer du comte*”, ele prontamente respondeu:

Em ce moment, vous moquez de moi, mais j’ai confiance en Dieu et jê crois qu’aujourd’hui même jê vous poursuivrai jusqu’aux portes de Toulouse en poussant des Cris de victoire.²¹¹

Conforme essa construção de Pierre, o Conde de Montfort não era alguém descontrolado quando ofendido por inimigos mortais. Como bom católico que era, respondia confiando em Deus, não dando vazão para sua ira.

No campo de batalha Simão IV é apresentado como um guerreiro invencível, por essa causa não faltam elogios a sua destreza no campo militar, tendo inclusive uma expressão que Pierre usa constantemente para descrever o Conde de Montfort: “*champion du Christ*”. A virtude da fortaleza expressada como bravura militar é usada em diversas ocasiões por toda a narrativa de Pierre. Isso aparece logo nas primeiras citações a Simão IV antes mesmo da sua eleição a líder da Cruzada Albigense: “Nóubilons pás de signaler que Simon, Le **noble comte de Montfort, le premier de tous**, Le seul même de tous les chevaliers, osa se jeter dans Le fossé et contribua plus que les autres á la prise du fauborg²¹²”. Por mais que essa não tenha sido a

²¹⁰ CERNAY, 1951, p.104

²¹¹ CERNAY, 1951, p.177

²¹² CERNAY, 1951, p.43. Nossos Grifos

primeira menção a Simão IV, reforçamos que é a primeira ação mencionada pelo cronista. Essa ênfase que Pierre dá ao fato dele ter sido “o primeiro de todos” a atacar o vilarejo, enaltece uma coragem que se sobressaía aos outros cruzados.

Essa iniciativa de tomar a dianteira na batalha fazia parte do repertório do cavaleiro medieval; se trata de uma construção ideológica, como muitas outras em torno do cavaleiro, que estava calçada em personagens bíblicos, como o rei Davi. Por exemplo, no conhecido episódio da luta com o gigante filisteu Golias, Davi teria sido o primeiro a se oferecer a lutar contra o filisteu: “E Davi disse a Saul: Não desfaleça o coração de ninguém por causa dele; teu servo irá, e pelejará contra este filisteu.”²¹³. Nessa passagem, Davi ainda não tinha sido coroado rei de Judá e tampouco sobre todo Israel. Portanto, enxergamos um paralelo entre a história de Davi e a construção de Pierre que colocou Simão IV como sendo o primeiro a tomar a dianteira e ir para a batalha antes mesmo de ser eleito líder da Cruzada.

Outro momento que a destreza militar de Simão IV é tomada como elemento legitimador é numa carta que os prelados que estavam no Languedoc enviaram para Inocêncio III, carta reproduzida por Pierre des Vaux-de-Cernay, meses antes da interrupção da Cruzada Albigense: “Grace à Ierur chef très chrétien, le comte de Montfort, intrépide champions du Christ et **guerrier invincible des combats du Seigneur**.”²¹⁴. Por mais que essas não sejam as palavras de Pierre, entendemos que o fato dele ter inserido essa carta na sua crônica seja um indicativo de como ele queria apresentar o Conde de Montfort, como um guerreiro invencível, e foi justamente o fato dele ser um guerreiro invencível que os prelados no Languedoc lançaram mão como argumento para a continuidade da Cruzada Albigense.

O outro aspecto da fortaleza presente em Simão IV é quando ele teria resistido aos vícios e as oportunidades que surgiram de proceder de forma injusta. Uma dessas ocasiões foi antes da batalha de Murert contra o rei de Aragão, Pedro II:

Mis le comte recusa absolument de combattre ce jour-là, car la nuit venait et les chevaux comme leurs cavaliers étaient fatigués, tandis que les ennemis étaient tout frais: en outre, il voulait faire preuve d'humilité, faire au roi d'Aragon des offres de paix et le supplier de ne pas se joindre aux ennemis du Christ pour combattre l'Eglise. C'est précisément pour ces motifs que le comte ne voulut pas que la rencontre eut lieu ce même jour²¹⁵.

²¹³ BIBLIA SAGRADA, 2011, p.343

²¹⁴ CERNAY, 1951, p.153

²¹⁵ CERNAY, 1951, p.176.

Na ocasião ele preferiu não combater as forças aragonesas num determinado dia porque as hostes cruzadas estavam cansadas; além disso, Pierre interpreta esse ato como sendo uma tentativa do Conde de Montfort de ter paz com o monarca aragonês, evidenciando que ele não desejava guerrear contra Pedro II, mas como ele havia se ajuntado com os “ennemis du Christ”, isso se fazia necessário. Esse desejo de paz com o monarca aragonês é justamente o que caracteriza a virtude da fortaleza de alguém que se opõe aos vícios. Na explicação de Bernardo de Claraval: saber diferenciar entre as necessidades e os deleites; no caso do exemplo citado, Simão IV se adequa ao pensamento de São Bernardo de Claraval.

Outra passagem utilizada para tal fim, foi quando as hostes dos cruzados foram marchar contra o castelo de Bram, e os seus defensores tiveram, por ordens de Simão IV, seus olhos cortados e outros os narizes mutilados. Com relação a esse ato de Simão IV, Pierre argumenta:

Le comte donna cet ordre, non qu'il prit plaisir à de telles mutilations, mais parce que ses adversaires en avaient eu l'initiative et que ces féroces bourreaux mutilaient tous s' ceux des nôtres qu'ils pouvaient faire prisonniers. C'était justice de les voir tomber dans la fosse qu'ils avaient creusée et goûter de temps en temps au calice qu'ils avaient si solvante fait boire aux autres. Jamais le noble comte ne se complaisait à un acte de cruauté ni aux souffrances d'autrui: il était le plus doux des hommes et les vers suivant pouvaient s'appliquer parfaitement à lui: "Prince lent à punir, prompt à récompenser, il souffre quand il est obligé d'être dur".²¹⁶

A mutilação de prisioneiros não seria um ato isolado em toda a Cruzada Albigense. De acordo com Alvira Cabrer ela é considerada como brutal e como evento em que os inimigos foram tratados com pouca misericórdia²¹⁷, sendo caracterizada por mutilações de diversas partes do corpo. De acordo com o autor, as fontes da Cruzada Albigense, inclusive a de Pierre, reforçam isso.

Contudo, não seria interessante para a imagem do Conde de Montfort uma ordem de mutilar os prisioneiros sem ser devidamente contextualizada e justificada, visto que poderia soar como um ato de crueldade, algo contrário a virtude da fortaleza. Tendo isso em vista, logo na sequência Pierre diz que o Conde não se divertia com essas mutilações, acrescentando que ele jamais seria capaz de uma crueldade e tenta justificar esse ato como sendo a justiça divina que alcançou os habitantes de Bram. Essa é uma tentativa de demonstrar que, mesmo um ato que poderia ser interpretado

²¹⁶ CERNAY, 1951, p. 62

²¹⁷ ALVIRA-CABRER, 2017, p.270

como o oposto a fortaleza, é transformado pelo cronista numa virtude, de alguém de além de ser justo, jamais se divertiria com esses atos, sendo incapaz de cometer crueldade.

A parte que mais queremos destacar é uma referência da literatura clássica que Pierre faz: “Prince lent à punit, prompt à récompenser, il souffre quand il est obligé d’être dur”. Esta é uma referência a obra de Ovídio (43 a.c-18 d.C), *Cartas Pônticas*, escritas durante o exílio do autor. Nas cartas Ovídio pedia para o Imperador Augusto o libertar do exílio, até que num determinado momento ele descreve o Imperador com a frase que Pierre utilizou para retratar o Conde Simão IV de Montfort. O cronista cisterciense não foi o único a usar essa frase em uma obra na Idade Média; João de Salisbury em *Policraticus*, por exemplo, usa a mesma frase²¹⁸ para descrever como deveria ser a moderação do príncipe.

Como inferimos anteriormente, ao discorrer sobre as virtudes, os integrantes da ordem de Císter eram contra uma abordagem sobre o assunto que estivesse baseada numa literatura pagã, e aqui vemos Pierre, um monge cisterciense, lançando mão dessa frase para descrever as virtudes de Simão IV. Não vemos como um absurdo cogitar uma familiaridade de Pierre com a literatura pagã e com os escritos de João de Salisbury, visto que João de Salisbury teve contato com vários intelectuais na França, como Bernardo de Claraval e Pedro de Aberaldo. Mas queremos destacar que para descrever as virtudes de Simão IV, Pierre tenha recorrido a literatura pagã, mesmo sendo algo que sua ordem condenava.

Destacamos que Pierre caracteriza Simão IV com a frase que era utilizada por intelectuais na Idade Média para discorrer sobre as virtudes de reis; ou seja, um Conde sendo descrito com virtudes de rei. Essa projeção pauta o modo como Pierre fala das virtudes de Simão IV, no caso da fortaleza, vemos que o Conde pode punir, mas ele é lento em fazê-lo, mas pronto em recompensar. Tal pensamento está de acordo com o que o próprio João de Salisbury pensava sobre como deveria ser o portar do monarca quando este iria punir: “For since law will prosecute the blameworthy without personal animosity, the prince most properly punishes transgressor not according to some wrathful motive, but by the peaceful will of law.”²¹⁹.

Ao projetar a virtude da fortaleza em Simão IV, Pierre está mostrando de um lado um cavaleiro que possui fortaleza; por outro lado, através de citações como essa

²¹⁸ JOÃO DE SALISBURY, 2007, p.52

²¹⁹ JOÃO DE SALISBURY, 2007, p.31

feita a Ovídio, ele está projetando um monarca. Veremos que as virtudes que trataremos possuem essa característica, elas falam do cavaleiro, mas com uma tônica de um caráter monarca.

2.1.1.2 Caridade

A primeira virtude teologal que trabalharemos é a caridade. Como já colocamos, as virtudes teologais têm sua origem nos escritos do Apóstolo Paulo; no trecho em questão, Paulo diz: “Agora, pois permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, **mas o maior destes é o amor** [caridade].”²²⁰. Para o Apóstolo dentre essas três a caridade é a maior; essa afirmação influenciou muitos dos intelectuais ao falarem da caridade; São Bernardo de Claraval, por exemplo, numa carta a um monge escreveu que “a caridade é o próprio Deus”²²¹. João de Salisbury relacionou a caridade como fruto do temor a Deus que o príncipe deveria ter²²²; Raimundo Lull falou que nos cavaleiros a caridade faz com que eles tenham amor por Deus, piedade dos despossuídos e principalmente misericórdia dos vencidos²²³. Tendo em conta a amplitude da virtude da caridade, vamos privilegiar principalmente os momentos em que Simão IV é apresentado como alguém que teve misericórdia dos vencidos.

Um dos momentos que vemos esse enaltecimento foi logo após a tomada de Minerve, quando Simão IV estava lidando com os próprios albigenses e antes de lhes causar algum mal, ele oferece a chance deles se arrependerem:

Notre comte entra peu après dans la ville: il vint à la Maison ou les hérétiques étaient réunis; en bon catholique, voulant que tous fussent sauvés et vinsent à la connaissance de la vérité, il les invita à se convertir à la foi catholique, mais en vain: alors, il lès fit conduire en dehors de la ville: lès “parfaits” étaient au nombre d’au moins cent-quarente. On prepare un grand bûcher, on lès y jette tous.²²⁴

O fato de Montfort ter misericórdia de seus inimigos faz parte do repertório da caridade do cavaleiro medieval, onde, de acordo com Lyon era esperado um “grau de respeito pela vida e dignidade humana, até mesmo quando estavam envolvidos

²²⁰ BÍBLIA SAGRADA, 2011, p.1248. Grifos nossos.

²²¹ Carta destinada ao monge Adão: (CLARAVAL, 1904, p.4)

²²² JOÃO DE SALISBURY, 2007, p.81

²²³ COSTA, 2001, p.35

²²⁴ CERNAY, 1951, p. 66

inimigos imortais”²²⁵. Esse episódio ilustra muito a pretensão do cavaleiro possuir um equilíbrio, pois a misericórdia foi oferecida mediante um possível arrependimento dos cátaros. A frase “bon catholique” denota o equilíbrio de Simão IV, portanto como tal ele tentou convertê-los a fé católica.

O historiador Martin Aurell enfatiza que o cavaleiro, como membro da nobreza, deveria possuir um “coração generoso”²²⁶ sendo isso mais importante, inclusive do que ter um sangue nobre. Crouch diz que a misericórdia passou a fazer parte do “código de ética” do cavaleiro a partir da segunda metade do século XII²²⁷.

Outro exemplo que corrobora essa ênfase no comportamento caridoso do cavaleiro é o contemporâneo de Simão IV, Guilherme Marshal (1146-1219), Conde de Pembroke, tido por historiadores como George Duby e Peter Crouch como um exemplo²²⁸ do que se esperava de um cavaleiro na Cristandade Latina dos séculos XII e XIII. Antes de sua morte teria dito: “Por esta fe que vos debéis a Dios y a mí, los mando hacer por mí el reparto de todos mis vestidos. Y si no hay bastante para todo el mundo, envid a Londres a comprar lo que falte.”²²⁹. Pierre estava familiarizado com a importância de o cavaleiro possuir um coração caridoso e por isso na sua narrativa há uma ênfase das ações de caridade.

Voltando a narrativa, diante da recusa dos cátaros de abdicarem da sua fé, para não pecar por excesso de caridade, Simão IV os jogou na fogueira. A sua caridade tinha um limite, pois ela fazia com que ele tivesse pleno equilíbrio.

Também vemos a projeção da virtude da caridade na narrativa da morte de Pedro II na batalha de Murert. A morte de Pedro II pelas hostes cruzadas era um ponto que poderia causar muitos problemas sobre a conduta de Simão IV, visto que o rei de Aragão era vassalo de Inocêncio III; por isso a construção da narrativa devia ser muito criteriosa, para não parecer que Simão IV tinha matado um rei cristão de forma precipitada, isso tiraria a legitimidade do Conde de Montfort.

Le comte ordonna à quelques-uns de ses compagnons de le conduire à l'endroit où avait été tué le roi d'Aragon, car il ignorait entièrement et l'instant et le lieu de sa mort. Arrivé sur lieux, il trouva le corps du roi d'Aragon, gisant

²²⁵ LYON, 1990, p.205

²²⁶ AURELL, 2015, p. 31

²²⁷ CROUCH, 2005, p.65

²²⁸ De acordo com os registros, quando Guilherme Marshal morreu, o rei da França, Filipe Augusto teria dito: “El Mariscal fue, a mi juicio, el más leal, verdadeiro, que yo haya conocido jamás, en cualquier lugar que estuviese” (DUBY, 1984, p.31), é necessário lembrar que Guilherme Marshal era inglês e vassalo dos monarcas plantagenetas, inimigos de Filipe Augusto.

²²⁹ DUBY, 1984, p.24

tout nu sur le champ de bataille: il avait été dépouillé par nos piétons qui après la victoire étaient sortis de la ville pour achever les blessés. **Le pieux comte, voyant le roi étendu, descendit de cheval et prononça sur le cadavre, nouveau David près d'un nouveau Saül.**²³⁰

O trecho que está em negrito faz uma alusão direta de que Simão IV estaria para Davi e Pedro II estaria para Saul; essa alusão está relacionada com a passagem com que o rei Saul foi morto e Davi lamentou sobre seu corpo²³¹. No caso de Saul, sua morte veio como juízo divino por conta de suas ações, sendo essa a exata alusão que Pierre faz para a morte de Pedro II. Além disso, a caridade de Simão IV é demonstrada pela sua reverência ante ao corpo do monarca aragonês e pelo seu lamento; mesmo sendo um rei que estava sob o juízo de Deus, Pierre mostra que Simão IV não desprezou seu corpo, antes fez uma lamentação sobre ele. A comparação entre Davi e Saul era recorrente na Idade Média; onde Saul seria representado pelo rei que não fez a vontade de Deus, sendo rejeitado e Davi, como aquele que tem o coração segundo o coração de Deus, sendo escolhido por Ele para reinar sobre todo Israel. João de Salisbury, por exemplo foi um dos intelectuais que ao falar do comportamento do príncipe comparou com Saul e Davi:

Did Samuel not impose a sentence of deposition upon Saul by reason of disobedience, and substitute for him the humble son of Jesse atop the kingdom? If the properly constituted prince administers faithfully the office undertaken, such honour and such reverence are exhibited for him as to match that superiority which the head has over the other members of the body.²³²

Novamente, a caridade é uma virtude que também é atribuída ao cavaleiro, mas, assim como a virtude da fortaleza, a construção feita por Pierre projeta algo a mais que um cavaleiro, projeta um rei.

2.1.1.3. Fé

²³⁰ CERNAY. 1951, p.180. Nossos grifos

²³¹ “Então apanhou Davi as suas vestes, e as rasgou; assim fizeram todos os homens que estavam com ele. E prantearam, e choraram, e jejuaram até à tarde por Saul, e por Jônatas, seu filho, e pelo povo do Senhor, e pela casa de Israel, porque tinham caído à espada (...) Vós, filhas de Israel, chorai por Saul, que vos vestia de escarlata em delícias, que vos fazia trazer ornamentos de ouro sobre as vossas vestes”. (BÍBLIA SAGRADA, 2011,p.363-364).

²³² JOÃO DE SALISBURY, 2007, p.33

A virtude da fé ocupa um lugar singular na crônica de Pierre. A eleição de Simão IV, por exemplo, é recheada de demonstrações de sua devoção, por isso a enxergamos como a virtude mais destacada em toda a crônica. Tanto que logo após eleição de Simão IV, Pierre faz uma pausa na narrativa para falar do episódio em Zara, citando uma das frases que Simão IV teria dito naquela ocasião: “Je ne suis pas venu ici pour détruire des chrétiens: je ne vous ferai aucun mal, quelle que soit la conduite des autres: je vous donne, quant à moi, l’assurance que moi-même et les miens nous vous protégerons.”²³³. A tônica desta fala é que acima de tudo, ele é guiado pela sua devoção, visto que nessa ocasião estava-lhe sendo oferecido os despojos da cidade de Zara.

As hostes cruzadas fizeram dois cercos a cidade de Toulouse, o primeiro em junho de 1211, que não foi bem sucedido; e o segundo em junho de 1218 que culminou na morte de Simão IV. Quando ele estava fazendo o primeiro cerco a cidade de Toulouse, Pierre registra o que teria levado a retirar as hostes de Toulouse e ir para Auterive: “Quand notre comte s’aperçut qu’il ne faisait aucun progrès, que la situation s’aggravait au contraire et que l’avancement de l’affaire du Christ en souffrait, il leva le siège de Toulouse et marcha sur Auterive.”²³⁴. De acordo com Pierre, Simão teria percebido que “a causa de Cristo” estava sofrendo dano e por isso teria sido motivado a retirar as hostes de Toulouse, em outras palavras, ele estava sendo guiado pela fé, por cuidar da “causa de Cristo”. Historiadores, como Belperrón, falam que Simão IV e os cruzados estavam em menor número que os que estavam em Toulouse e que esse seria o principal motivo para a desistência de Simão IV: “A cette époque un siège nécessitait une supériorité numérique écroissante.”²³⁵. Notamos que, essa retirada poderia ter sido entendido como uma fraqueza ou falha do Conde de Montfort, é convertida numa virtude e de que não foi uma dificuldade militar que o teria levado a retirar as forças cruzadas de Toulouse, mas sim, o seu zelo em evitar que a “causa de Cristo” pudesse sofrer algum dano.

Outra situação em que a virtude da fé foi realçada na crônica foi na batalha de Murert momentos antes de Pedro II ser morto. Além de Pierre mostrar a relutância que Simão IV estava por lutar contra um rei católico escreve a oração de Simão IV:

²³³ CERNAY, 1951, p. 48

²³⁴ CERNAY. 1951, p.100

²³⁵ BELPERRON, 1976, p.227

Notre comte obliqua vers l'église et entra pour y faire ses orasions et pour se recommander, lui et les siens, aux prières des moines... "O bom Seigneur, ô doux Jesus! Tu m'as choisi, malgré mon indignité, pour tes combats. C'est de ton autel aujourd'hui que je reçois mes armes afin qu'au moment de livrer tes batailles je reçoive de toi lès instruments du combat."²³⁶

Essa oração antes de alguma batalha possui ecos nos escritos de alguns intelectuais, entre eles o também cisterciense Helinando de Froidmont (1150-1237) diz a respeito da moral do príncipe:

Aut enim plus, aut non minus in sua professione faciunt, quam episcopi et abbates, qui schedulam offerunt. In quibusdam etiam locis moris est, militem in crastinum consecrandum, totam noctem prædedentem pervigilem in orationibus ducere, et nec jacendi, nec sedeni habere licentiam; nisi forte repentinæ infirmitatis necessitas coegerit, sed tota nocte stantem orare.²³⁷

A fé de Montfort é demonstrada pelo ato dele entrar na Igreja e orar a Deus reconhecendo, primeiramente, sua indignidade para a posição ocupada e sua dependência da Providência Divina. Instantes depois o mesmo Conde diz: "A Dieu et à vous, j'offre aujourd'hui mon corps et mon âme"²³⁸; ao que Pierre comenta: "O dévotion d'un véritable chef"²³⁹. Essa devoção mencionada pelo cronista atribuímos à virtude da fé. Ou seja, teria sido essa fé que fez com que o Conde de Montfort permanecesse firme, o encorajando a lutar contra os inimigos de Cristo, no caso da batalha de Murert, o rei de Aragão, Pedro II.

Além das batalhas, Pierre enfatiza a fé de Simão IV chamando-o de: "Comte du Christ"²⁴⁰, "Bom catholique"²⁴¹, "Champion du Christ" e outras expressões que realçam a devoção de Simão IV. Mas é somente no final da crônica, na narrativa da morte de Simão IV, que a expressão da virtude da fé atinge o seu auge. Como falamos no capítulo anterior, Simão IV foi muito influenciado pela teologia cisterciense, isso significa que o também cisterciense Pierre, imprimiu na sua crônica a visão cisterciense do que é um cristão. Para definirmos isso recorreremos novamente a São Bernardo de Claraval. Um dos fios condutores da sua pregação era a obrigação do

²³⁶ CERNAY, 1951, p.175

²³⁷ HELINANDI, 1853, p. 744

²³⁸ CERNAY, 1951, p. 177

²³⁹ IDEM

²⁴⁰ CERNAY, 1951, p. 59

²⁴¹ IDEM, p. 66

cristão de possuir um amor ardente por Deus²⁴². Num de seus escritos, o *De Diligendo Deo*, São Bernardo fala com mais densidade sobre essa obrigação do cristão de amar a Deus:

O que retribuirei ao Senhor por todos esses dons? A razão e a justiça natural impelem o homem a entregar-se Àquele de quem recebeu tudo o que ele é, sentindo o dever de amá-lo como todo si mesmo. A fé, certamente, obriga-me a amá-lo tanto mais quanto mais eu compreender que Ele há de ser considerado acima de mim mesmo, sendo que não apenas é doador da minha vida, mas também da dele²⁴³.

São Bernardo escreve que o amor do cristão passa por quatro degraus antes de ser um amor perfeito, segundo ele, isso ocorre “quando o homem se ama só por causa de Deus”:

Não cremos, porventura, que os santos mártires alcançaram esta graça, ou parte dela, em seus corpos vitoriosos? Com certeza, uma grande força de amor raptara no íntimo aquelas almas a tal ponto que expuseram seus corpos e desprezaram os tormentos. A sensação de dor aguda perturbou, sim, a serenidade, mas não chegou a abalar.²⁴⁴

É dessa forma que São Bernardo encerra sobre esse último degrau do amor: falando sobre o martírio. Então o resultado do amor perfeito seria uma disposição a sofrer o martírio.

A narrativa da morte de Simão IV é carregada de um sentimentalismo causando a impressão de que ele sabia que a morte o aguardava, mas que mesmo assim ele estava disposto a morrer pela causa de Cristo. Na ocasião as hostes haviam cercado novamente Toulouse e momentos antes da batalha Simão IV estava numa missa quando um mensageiro veio até ele avisando que a batalha havia começado, segue o relato da conversa:

Dès la sortie des ennemis, um messenger rejoignit le comte qui entebdait la messe, comme nous l'avons dit ci-dessus, et le supplia de secourir les siens sans tarder. **L'homme plein de dévotion répondit:** “Laisse-moi auparavant entendre les divins mystères et regarder le Sacrement de ma rédemption.” Il parlait encore lorsque parut um second messenger qui lui dit: “Vite, vite, le combat augmente, les nôtres ne peuvent tenir plus longtemps”. L'homme très chrétien répliqua: **“Je ne soerirai pas avant d'avoir vu mon Rédempteur.” Comme le prêtre élevait l'Hostie comme de coutume, cet homme, plein**

²⁴² São Bernardo de Claraval escreveu um comentário sobre o livro da Bíblia, Cântico dos Cânticos. Nele ele apresenta o noivo como sendo Cristo e a noiva como sendo a Igreja. Argumentando que era o dever do cristão amar a Deus acima de todas as coisas.

²⁴³ CLARAVAL, 2010, p.25

²⁴⁴ CLARAVAL, 2010, p. 44

de dévotion, s'agenouilla et tendit les mains vers le ciel em disant: **“Maintenant, Seigneur, laissez, selon votre parole, votre serviteur s'en en paix, puisque mes yeux ont vu le Sauveur qui vient de Vous”**. Et il ajouta: **“Partons et mourons, s'il le faut, pour Celui qui daigna mourir pour nous”**. Ceci dit, cet homme vaincu se hâta vers la bataille.²⁴⁵[...] Comment écrire ou narrer ce qui va suivre? Qui pourrait l'écrire sans douleur, le narrer sans pleurs, l'entendre sans sangloter? Qui donc, dis-je, ne fondrait em larmes devant l'accablement des malheureux? Lui tombe, tout a été brisé lui mort, tout mourut avec lui: aussi bien il était le consolateur des attrisés, le courage des faibles, le réconfort des affligés, le refuge des misérables.²⁴⁶[...] Qu'une pierre lancée par un mangonneau de nos ennemis, atteignit à la tete le chevalier de Jésus-Christ. Lui, ayant reçu le coup mortel, deux fois se frappe la poitrine, à Dieu et à la bienheureuse Vierge il se recommande; tel le bienheureux Etienne lapidé dans sa ville, il s'endort paisiblement dans le Seigneur. Ajoutons que ce très vaillant chevalier du Seigneur, ou plutôt, sauf erreur, son très glorieux martyr, avant la blessure mortelle du coup de pierre, avait reçu des archers ennemi cinq blessures, tel le Sauveur pour qui il accepta la mort avec résignation et près duquel maintenant il vit glorieusement dans la felicité.²⁴⁷

A frase de Simão IV: “Maintenant, Seigneur, laissez, selon votre parole, votre serviteur s'en en paix, puisque mes yeux ont vu le Sauveur qui vient de Vous”, é uma clara referência ao que um personagem bíblico chamado Simeão disse quando viu Jesus pela primeira vez. De acordo com o relato bíblico, Deus havia prometido para este homem, que antes que ele morresse, ele veria Jesus. Quando Simeão já estava bem idoso, os pais terrenos de Jesus o trouxeram ao templo com Jesus ainda bebê, quando ele pegou a criança no seu colo disse: “Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, Segundo a tua palavra; Pois já os meus olhos viram a tua salvação (...)”²⁴⁸. Não podemos afirmar com toda certeza que Simão IV proferiu essa frase ou não, mas podemos assegurar que Pierre colocou uma frase na boca de Simão IV para reforçar a sua devoção, como se o Conde de Monfort estivesse unicamente interessado em fazer a vontade de Deus estando pronto para morrer por isso.

Depois que Simão IV foi avisado sobre a batalha, ele continuou a orar até que tivesse alguma experiencia e então fosse para a batalha. Ressaltamos através da frase: “Partons et mourons, s'ill le faut, pour Celui qui daigna mourir pour nous” é projetado uma prontidão para ser martirizado e que de acordo com a lógica medieval vigente todo cavaleiro acima de tudo é um cristão, por essa causa acreditamos que a virtude da fé foi a mais enfatizada por Pierre.

²⁴⁵ CERNAY, 1951, p. p.233. Grifos nossos.

²⁴⁶ CERNAY, 1951, p.233

²⁴⁷ CERNAY, 1951, p.234

²⁴⁸ BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1101

Retratar a morte de Simão IV como um martírio demonstra que seu amor era tão intenso que ele estaria disposto a ser martirizado; sendo, portanto, um cristão que teria atingido o quarto degrau do amor proposto pelo cisterciense São Bernardo de Claraval.

Nas crônicas medievais, de acordo com Galán Sanchez, a morte era interpretada como um castigo divino por algum pecado que acometeria os homens maus. Quando o justo era acometido com algum infortúnio, significava que ele estava sendo provado²⁴⁹. No caso de Simão IV, não entendemos a narrativa de sua morte sendo retratada como uma prova que a Providência Divina estaria acometendo Simão IV, mas que a sua morte é retratada como um martírio. Por isso vemos um cuidado de Pierre em como retratar a morte de Simão IV, para que ela não fosse interpretada como um castigo divino, como a lógica medieval possibilitava acontecer. Sobre a morte de Simão IV, a historiadora Megan Welch diz:

It is the death of Simon de Montfort which is the most carefully constructed as an example of martyrdom. As is well known, the death of the Count ends Pierre's narrative. It is preceded by the description of various elements which together craft Simon's death as clear evidence of martyrdom: he was "courageously standing his ground with his men" whilst in the thick of battle, when struck on the head with a stone he commended his soul to God and to the Virgin, and his death is linked directly to the martyr St Stephen, who also died by stoning.²⁵⁰

A morte de Montfort que não somente coroa a sua devoção a Deus, mas também contribui para legitimar a Cruzada²⁵¹. Essa construção narrativa serviu para inocentar os Montfort de qualquer acusação:

Innocent's concern that the conduct of the crusade might damage the reputation of the church can be seen reflected in Pierre's work. The *Historia Albigensis* not only answers papal criticism of the crusade leadership, but it also presents a version of reality in which Innocent's hopeless wish that the crusaders would be only legal and just had always been true.²⁵²

O Conde Simão IV de Montfort é retratado como quem possui todas as virtudes que um cavaleiro precisa ter. Possuir todas essas virtudes, de acordo com o imaginário medieval, produziria legitimidade para qualquer cavaleiro. Dessa forma,

²⁴⁹ SANCHÉZ, 1994, p. 34

²⁵⁰ WELCH, 2011, p.490

²⁵¹ WELCH, 2006, p.90

²⁵² GRAHAM-LEIGH, 2001, p.294

Pierre estava comprovando que Simão IV tinha sido eleito por Deus para liderar a Cruzada Albigense e como consequência, deveria se tornar o senhor de todas as localidades conquistadas.

Essa narrativa da morte de Simão IV é possível ser vista ainda nos dias de hoje. Atualmente na basílica de Saint Nazaire et Saint Celse, na atual cidade de Carcassone, existe uma peça, datada do século XIII, que alguns acreditam ser uma parte do túmulo de Simão IV, nela há uma representação de sua morte, o nome da peça é *La Pierre du siège*:

FIGURA 1: LA PIERRE DU SIÈGE



Fonte: <https://bbcp.pagesperso-orange.fr/francais/cite/basilique/basilique.html>. Acessado em: 06/08/2020.

Essas virtudes estão diretamente relacionadas com a ênfase no que um cavaleiro deveria ser, mas os dois próximos eixos de legitimidade demonstram que Pierre projeta em Simão IV mais que um cavaleiro, projeta uma figura de um caráter de um rei.

2.1.2 Segundo eixo de Legitimidade: Providencialismo na vida do Conde Simão IV de Montfort

O segundo eixo sobre o processo de construção de legitimidade em torno de Simão IV está relacionado com o providencialismo²⁵³ presente na crônica de Pierre. Após a narrativa de muitas batalhas, Pierre faz uma pausa na narrativa das batalhas e citava algum milagre que havia ocorrido durante a batalha. Encontramos a primeira descrição desse milagre na tomada de Castres, quando dois albigenses foram capturados e Simão IV teria oferecido a eles a chance de abjurarem a crença cátara; um deles negou a oferta dos cruzados e o outro aceitou. Para comprovar sua sinceridade, ele seria jogado no fogo, se sua confissão de fé católica fosse sincera, o fogo não lhe causaria nenhum dano, ambos foram jogados no fogo, e aquele que se negou a abjurar a fé cátara, teria sido consumido, mas aquele que tinha abjurado da heresia: “et il sortit du feu sain et sauf sans aucune trace-de brûlure”²⁵⁴.

Entendemos que este primeiro milagre registrado por Pierre²⁵⁵ enfatiza o fato de um dos hereges ter se arrependido e quando o fogo foi aceso, ele não sofreu nenhum mal sendo essa a prova de que ele verdadeiramente tinha se arrependido, isso implicaria que, segundo o cronista, Deus estava aprovando as ações das hostes cruzadas, trazendo legitimidade a própria Cruzada Albigense.

Ao longo da obra o milagre será frequentemente usado para descrever momentos em que os cruzados foram salvos em batalha, bispos viram aparições milagrosas, vitórias extraordinárias no campo de batalha foram registradas. No entanto, os milagres onde Simão IV recebeu a dádiva, são os mais enfatizados. Certa ocasião, após a batalha em Termes, o cronista registou dois milagres que teriam favorecido o Conde de Montfort:

Miracle. Au sujet de Termes, il arriva un événement que nous ne devons pas passer sous silence. Notre comte faisait un jour conduire un petit engin appelé chat angue vulgaire, destiné à saper les remparts. Comme le comte se tenait près de l'engin et qu'il caseit avec un chevalier, le bras passé familièrement au cou de celui-ci, une-énorme pierre, lancée par un man- gonneau des ennemis, arriva de très haut avec une grande force et frappa à la tête ledit chevalier. Par la merveilleuse opération divine, le comte qui étreignait le chevalier fut épargné, tandis que celui-ci, frappé d'un coup mortel, expirait.

²⁵³ Entendemos como providencialismo de acordo com a definição de Galán Sanchez como um entendimento de que a Providência Divina rege todos os acontecimentos da história, a organizando de acordo com Sua soberana vontade. (SANCHEZ, 1994, p.30)

²⁵⁴ CERNAY, 1951, p.51.

²⁵⁵ Tal milagre também pode ser considerado como uma virtude projetada em Simão IV que deu a chance aos hereges de se arrependerem.

Autre fait digne de mémoire. Un dimanche, notre comte était dans sa tente et écoutait la messe: un sergent se tenait derrière lui, presque contre son dos: la clément **Providence de Dieu** Vavait ainsi disposé. Tout à coup, une flèche lancée par une baliste ennemie, frappa le sergent et le tua. Personne ne peut mettre en doute **l'intervention divine**. le sergent debout derrière lui reçut la flèche, **mais le bon Dieu conserva que le tir des engins, à peu près inefficace pen- à la Saint-Eglise son valeureux champion.**²⁵⁶

Nesses dois milagres dois homens morreram quando era o próprio Simão IV que deveria ter morrido. O cronista cisterciense enfatiza em dois momentos no excerto da crônica que foi a intervenção divina que não permitiu que o Conde de Montfort fosse morto.

Reiteramos que esse eixo de legitimação utilizado pelo cronista deveria ser algo que causasse legitimidade na Cristandade Latina do século XIII. Vemos a mesma estratégia usada pelo cronista de Filipe Augusto, Maître Rigord. Ele atribui, por exemplo, o próprio nascimento de Filipe Augusto a intervenção divina, de forma que o cronista chama Filipe de *Dieudonné*, dom de Deus, e ao longo da crônica cita vários milagres que aconteceram com o monarca capeto²⁵⁷. Como Simão IV era vassalo de Filipe Augusto, entendemos que esses paralelos entre os milagres que o cronista do rei capeto incorpora na sua crônica, exerceram alguma influência sobre Pierre; como o cronista cisterciense morava na Île-de-France, ele estava familiarizado com a história de Filipe Augusto e possivelmente com a obra de Rigord²⁵⁸ isso significaria que o monge cisterciense estava projetando em Simão IV aspectos que ele havia visto em Filipe Augusto, nesse caso, o providencialismo.

Tanto Filipe Augusto quanto Simão IV, são apresentados como heróis por seus cronistas; o monarca capeto é tido como herói por perseguir os judeus durante seu reinado²⁵⁹ e Simão IV por perseguir os hereges. De acordo com Gálan Sánchez, o herói cristão é um instrumento da ação divina, portanto seria normal que Deus

²⁵⁶ CERNAY, 1951, p.79. Grifos nossos

²⁵⁷ A la suite des frayeurs dont il avait été saisi, Philippe Dieudonné tomba dangereusement malade, et cet accident fit différer son couronnement jusqu'à la Toussaint suivante. Mais au bout de quelques jours, notre Seigneur n'abandonne ceux qui espèrent en de son seigneur, abandonna sur-le-champ le prince. ramena Jésus-Christ, qui jamais lui, touché des prières et des mérites du très saint roi Louis, qui ne cessait d'implorer nuit et jour pour son fils l'assis- tance de Dieu, et cédant aux prières de l'Eglise universelle, rendit au jeune prince sa santé première. (RIGORD, 2008, p.21)

²⁵⁸ Destacamos que a obra de Rigord começou a ser escrita em 1165 e foi concluída, em razão da morte do autor, foi concluída em 1207, portanto seis anos antes de Pierre começar a escrever sua crônica.

²⁵⁹ “Et certes, l'Eglise universelle ne doit pas manquer de prier pour Philippe, roi très chrétien, car c'est lui qui veille toujours pour le salut de l'Eglise, em lui donnant secours et protection contre toutes les attaques, em exterminant les Juifs, ces ennemis éternels de la religion chrétienne, et em repoussant les hérétiques, qui entendent mal la foi catholique.”. (RIGORD, 2008, 26-27).

preservasse sua vida e que isso fosse feito através de vários milagres²⁶⁰. Então o providencialismo, aqui expresso através do milagre, é usado para legitimá-los. Qual seria a prova, de que de fato, esses homens forem escolhidos por Deus? Através dos milagres. Por isso entendemos que a crônica de Pierre é recheada de milagres que deveriam servir como uma prova de que Simão IV era alguém escolhido por Deus.

Acrescentamos que a utilização de milagres como elemento legitimador era algo recorrente em crônicas régias e destacamos que o monge cisterciense lançou mão justamente desse recurso para atribuir legitimidade ao Conde de Montfort. Novamente, enxergamos que Pierre está projetando em Simão IV, mais que um cavaleiro, estão sendo usados elementos legitimadores que um rei teria.

2.1.3 Terceiro eixo de legitimidade: as relações feudo-vassálicas durante a Cruzada Albigense.

Na obra de Pierre encontramos vários momentos em que Simão IV atacou alguns territórios, não por haver algum herege ou defensor de herege, mas pelo fato de que os senhores dessas localidades teriam rejeitado sua suserania. Entendemos este ponto como sendo fundamental na construção de Pierre, visto que sua crônica também buscava legitimar as conquistas de Simão IV. Como veremos na continuidade do capítulo, Simão IV teria sido acusado de se apropriar de alguns territórios de forma indevida, chegando a ser inclusive repreendido por Inocêncio III. Por isso a construção sobre esses ataques deveria ser cuidadosamente montada para que não houvesse nenhum indicativo de que fossem conquistas ilegítimas.

No entanto, a situação no Languedoc era complexa: Filipe Augusto era o senhor sobre os diversos territórios no Languedoc, mas seu poder era pouco efetivo e no começo do século XIII chegou quase a ser nulo por dois motivos: 1 - Desde que Raimundo VI havia se tornado Conde de Toulouse, ele se aproximou da dinastia plantageneta se afastando cada vez mais de Filipe Augusto. 2 – Pedro de Aragão havia se casado com Maria de Montepillier e recebeu homenagem de vários nobres na região. Diante desse panorama, o poder de Filipe Augusto na região, que já era pouco efetivo, havia diminuído ainda mais.

²⁶⁰ SANCHÉZ, 1994, p.31

Com a deflagração da Cruzada Albigense, Filipe Augusto tinha visto a possibilidade de tornar esse poder efetivo. Em tese isso poderia acontecer através de um de seus vassalos que iria liderar o movimento, no caso o Conde Simão IV de Montfort. Como citamos, o líder da Cruzada teria o direito de se tornar o senhor de todas as terras conquistadas e assim aumentar o poder do monarca capeto na região.

A base da construção de Pierre está alicerçada na própria eleição de Simão IV. Conforme falamos no capítulo anterior, uma das prerrogativas do líder da Cruzada era ter o direito de se tornar senhor de todos os territórios conquistados no decorrer da Cruzada, como Pierre diz: “Le comte devient seigneur de tout la terre. Cet homme illustre prit donc le gouvernement de la terre pour la gloire de Dieu, l’honneur de l’Eglise et la ruine de l’heresie.”²⁶¹. Baseado nisso, Simão IV passou a incorporar todos os territórios conquistados aos seus domínios. Ele cercava as localidades e as forçava a se submeterem a ele, forçando-as a fazerem juramento de fidelidade.

Um exemplo disso foi a conquista da localidade de Castres. O senhor de Castres era vassalo de Raimundo Roger²⁶², que havia sido capturado e morto no final de 1209. A sua captura fez com que seus vassalos, como o senhor de Castres, ficassem completamente desprotegidos frente a ameaça de Simão IV. Então quando Simão IV cercou Castres, eles se renderam, fazendo juramento de fidelidade ao Conde de Montfort: “En même temps, les bourgeois de l’importante localit   de Castres en Albigeois se rendirent aupr  s de notre comte, pr  ts    le reconnaître comme suzerain (...)”.²⁶³. Castres não havia sido acusada de abrigar hereges, aparentemente teria sido apenas um ataque para conquistá-la. Poucos meses depois, os habitantes teriam se rebelado contra ele: “Trahison des habitants de Castres. A la même époque, les habitants de Castres rejetèrent l’amitié et la suzeraintet   de notre comte.”²⁶⁴. De acordo com Pierre, essa a   o dos habitantes de Castres teria motivado muitos habitantes da regi  o do Languedoc a rejeitarem a suserania de Sim  o IV:

Que tardons-nous    dire le reste? Presque tous les seigneurs du pays, poussés par le même esprit mauvais, rompirent    la fois avec notre comte : **il perdit en très peu de temps plus de quarante place-fortes**: il ne lui resta que Carcassonne, Fanjaux, Saissac, Limoux (dont on désespérait), Pamiers, Saverdun, Albi et Ambialet. Ajoutons que les Iraftres du pays tuèrent ou mutil  reni plusieurs de ceux que le noble comte avait commis    la garde de ses châteaux. Qu’altait faire le comte du Christ Qui n’aurait perdu courage au

²⁶¹ CERNAY, 1951, p. 45

²⁶² Raimundo Roger era sobrinho e vassalo de Raimundo VI, Conde de Toulouse.

²⁶³ CERNAY, 1951, p.51

²⁶⁴ CERNAY, 1951, p. 58

milieu d'une telle Sadversité ? Qui ne se serait laissé aller au désespoir devant un si grand péril ? Mais le noble comte miben Dieu toute sa confiance²⁶⁵ :comme la prospérité ne su l'enher d'orgueil, ainsi l'adversité ne put l'abattre.²⁶⁶

Destacamos nesta passagem que, segundo Pierre, os outros senhores cristãos do Languedoc teriam sido possuídos por um mesmo espírito maligno que o senhor de Castres e rompido com o Conde de Montfort, fazendo com que ele perdesse quarenta de suas possessões no Languedoc, ficando apenas com oito.

Sendo assim, são casos onde os contratos vassálicos eram feitos por coação, não eram necessariamente voluntários. De acordo com Ganshof, “A homenagem devia, evidentemente, ser realizada sem coação”²⁶⁷, outros historiadores como Guerreau e Guy Fourquin também vão enfatizar que deve ser um juramento voluntário, o que certamente não foi o caso. Isto posto, Simão IV estaria agindo contrário a lógica feudal e isso poderia explicar o porquê das repreensões de Inocêncio III. Diante dessa aparente incoerência das ações de Simão IV, percebemos um esforço de Pierre em tentar justificar essas ações.

A localidade de Castres foi apenas uma das que isso aconteceu. Sabe-se que não eram todas as localidades cercadas por Simão IV que abrigavam hereges, e mesmo assim ele as atacava. O mesmo aconteceu com: Puylaurens, “(...) le comte décida d’assiéger la ville importante de Puylaurens, qui, comme nous l’avons dit, avait **rejeté as suzeraineté, l’année precedente**; Saverdun: “Cette localité avait **rejeté la suzeraineté de notre comte (...)**”²⁶⁸, e outras localidades.

A justificativa para ambos os ataques era a mesma: a rejeição da suserania de Simão IV; Pierre constrói sua narrativa mostrando que eles romperam o contrato vassálico, e no caso da cidade de Castres, houve uma traição, que justificaria o ataque a elas.

Portanto, ao longo da crônica de Pierre todas essas localidades cujos senhores rejeitavam a suserania do Conde de Montfort foram sendo enquadradas na categoria de traidores; não foram poucas as vezes que o monge cisterciense fala da traição e dos traidores, como por exemplo quando a Cruzada Albigense foi interrompida ele disse se referindo ao rei de Aragão: “O perfide cruaté, ô très cruelle trahison!”²⁶⁹. Tal

²⁶⁵ Nessa passagem também vemos novamente as virtudes de Simão sendo realçadas.

²⁶⁶ CERNAY, 1951, p. 59. Grifos nossos.

²⁶⁷ GANSHOF, 1968, p. 102

²⁶⁸ CERNAY, 1951, p. 137. Grifos nossos.

²⁶⁹ CERNAY, 1951, p. 172. Grifos nossos.

pensamento culminou numa associação, por parte do cronista, de que aqueles que rejeitavam a suserania de Simão IV estavam rejeitando a Deus também:

Pendant ces événements, les routiers aragonnais et autres ennemis de la foi se mirent à faire des incursions sur les domaines demotre comte ils vinrent jusqu'à Béziers et commirent tous les dégats qu'ils purent: en outre, plusieurs vassaux de **notre comte rejetèrent sa suzeraineté et se détachèrent de Dieu et de l'Eglise**, en violant leurs serments et en laissant reparaitre leur mauvaise nature.²⁷⁰

Pierre interpreta essa ausência do reconhecimento da suserania de Simão IV e essas rupturas dos laços feudo-vassálicos como uma infidelidade, uma traição ao conde de Montfort e a Deus; era dessa forma que Pierre interpretava os rompimentos dos senhores do Languedoc e justificava os ataques as localidades que não possuíam nenhum herege.

Os pactos possuíam um caráter importantíssimo no imaginário medieval; Fátima Regina Fernandes, por exemplo, defende que a sociedade medieval estava fundamentada “no pacto, no consenso”²⁷¹; Guy Fourquin diz que todos os acordos eram concluídos a títulos perpétuos²⁷². Então quando Simão IV se tornou senhor de vários feudos, ele os via sob a ótica de que eles eram eternos e que não deveriam ser rompidos. Ora, se esses laços eram considerados perpétuos, uma ruptura não era bem vista e somente em alguns casos era avalizada pela Santa Sé²⁷³. Quando isso não ocorria, quando o rompimento era unilateral, aquele que rompia era tido como traidor e infiel. A fidelidade, de acordo com Ganshof é a parte mais importante de um laço feudo-vassálico²⁷⁴, Guy Fourquin irá enfatizar que como há um juramento, uma falta neste contexto significaria um pecado mortal, assim, o rompimento unilateral e ilegítimo era visto como traição e legitimamente passível de punição.

²⁷⁰ CERNAY, 1951, p. 189. **Grifos nossos.**

²⁷¹ FERNANDES, 2015, p.839

²⁷² FOURQUIN, 1970, p.121

²⁷³ No contexto dessa dissertação existem dois exemplos dessa situação: O primeiro, citado no capítulo anterior, foi quando Filipe Augusto, após a revolta dos lusignanos, confiscou os feudos de João Sem-Terra, rompendo os laços feudo-vassálicos, e essa ruptura foi avalizada por Inocêncio III, porque João Sem-Terra não tinha ido até a corte de Filipe Augusto quando convocado, quebrando uma das obrigações dos vassalos: não causar detrimento a vontade do senhor. O segundo caso, que será aprofundando nesse capítulo, foi no rompimento do laço entre Simão IV como vassalo de Pedro II, rei de Aragão. Na ocasião, Simão IV teria rompido com o monarca aragonês porque ele estaria agindo atrapalhando os interesses de Simão IV requisitando a interrupção da Cruzada Albigense junto a Inocêncio III. Como diz Fátima Fernandes: “Ou seja, os rompimentos justificados seriam parte desta engrenagem e sempre estariam presentes no universo destas relações associativas.” (FERNANDES, 2015, p.18)

²⁷⁴ GANSHOF, 1976, p.113

Foi através da exploração do conceito de traidor que Pierre tentou justificar os ataques. Sendo assim, todos os ataques de Simão IV estariam legitimados, justamente porque os atacados estariam sendo punidos pela sua infidelidade. Citar as traições e suas respectivas, conforme a lógica medieval, fazia com que Simão IV pudesse atacar quaisquer inimigos que não se submetessem a ele, ficando isento de qualquer crítica.

Esses três eixos de legitimidade são a base para que o senhorio de Simão IV sobre os territórios conquistados fosse reconhecido; essa, no nosso entender seria a função da crônica de Pierre. Juntos eles legitimam Simão IV como o senhor desses territórios.

Em cada um dos três eixos de legitimidade, buscamos apresentar como as virtudes projetadas em Simão IV, que são virtudes de um cavaleiro, ganham na pena de Pierre contornos de virtudes de um monarca. Logo, o que temos aqui é a projeção de um rei com uma boa moral; isso estava de acordo com o que muitos intelectuais estavam afirmando sobre como deveria ser a moral do príncipe na Idade Média. De acordo com o historiador Guillaume Bernard, fé e a moral devem fazer parte da qualidade política de um governante²⁷⁵. Tal pensamento pode ser encontrado na obra *Policraticus*, de João de Salisbury, onde ele dizia que o príncipe era a imagem da majestade Divina e por isso não deveria fazer nada que fosse inconsistente com a equidade e com a justiça²⁷⁶.

Na primeira metade do século XIII, Vicente de Beauvais (1160-1264), teria sido instigado por Luís IX, rei da França, Teobaldo II, Conde de Champanhe e rei de Navarra, a escrever obras que servissem de instrução para os príncipes²⁷⁷. Ele como um grande compilador de obras sobre o assunto, segundo Miatello teria projetado, principalmente, no monarca francês a imagem de um rei-pastor que governava as almas através governando, em primeiro lugar, a própria vida.

Como dissemos, Vicente de Beauvais foi um grande compilador de ideias que já estavam presentes em escritos no século XII. Tanto que essa construção de um rei pastor pode ser vista inclusive na vida do próprio Filipe Augusto. De acordo com Ullman, o conceito do reinado teocrático²⁷⁸, de um rei que havia sido escolhido por

²⁷⁵ BERNARD, 2014, p. 96

²⁷⁶ JOÃO DE SALISBURY, 2007, p.28-29

²⁷⁷ MIATELLO, 2012, p.233

²⁷⁸ Ullman define o conceito teocrático de reinado como o monarca que reconhece que Deus como a fonte do seu poder real. (ULLMAN, 1974, p. 117).

Deus; ele aponta para diversos elementos da vida de Filipe Augusto incorporados pelos cronistas reais que dão a ideia de que o monarca capeto tinha um caráter santo. Entre eles, a própria coroação de Filipe como rei da França; na ocasião, ele teria sido ungido com óleo e isso seria uma amostra da presença de um ideal teocrático presente no reinado de Filipe Augusto²⁷⁹ sendo reforçado pelas virtudes que o monarca teria.

Portanto, o contexto de Pierre des Vaux-de-Cernay é de uma construção de um reinado teocrático, onde o rei era tido como o escolhido, o dom de Deus, onde nele se projetava a imagem de um rei-pastor. Entendemos que isso tenha influenciado o cronista cisterciense de modo que os contornos de virtudes de um monarca projetados em Simão IV, são também de um rei-pastor. Em outras palavras, ele é apresentado por Pierre não apenas como um vassalo de Filipe Augusto, mas como alguém que faz sombra ao monarca capeto.

Na próxima sessão queremos explorar a aplicação desses três eixos de legitimidade na narrativa de Pierre da Cruzada Albigense.

2.2. Aplicação dos três eixos de legitimidade na narrativa da Cruzada

No período de agosto de 1209 até o final de 1212, Pierre registra diversas batalhas e todas as conquistas que Simão IV e as hostes cruzadas fizeram. No final de 1212, Simão IV reuniu boa parte dos clérigos papais, os nobres que com ele estavam e alguns dos nobres da região para a implementação de um Estatuto, o Estatuto de Pamiers:

Assemblée générale de Pamiers. L'an 1212 de l'Incarnation, au mois de Novembre le noble comte de Montfort convoqua à Pamiers les évêques et les seigneurs de sa terre pour y tenir parlement. Voici que fut le motif de ce parlement: dans le pays que le comte avait acquis et qu'il avait soumis à la Sainte Eglise Romaine faire régner les bonnes moeurs, balayer l'ordure hérétique qui avait corrompu tout le pays, implanter de bonnes coutumes pour assurer le culte de la religion chrétienem comme aussi dans le domaine temporel l'ordre et la paix.²⁸⁰

Consideramos o Estatuto de Pamiers (1212) um evento chave para analisarmos as intenções de Simão IV na Cruzada Albigense. Esse Estatuto foi

²⁷⁹ ULLMAN, 1974, p.201

²⁸⁰ CERNAY, 1951, p.143

convocado por Simão IV sendo presidido por clérigos, nobres e cavaleiros, todos com que tinham alguma proximidade com o Conde de Montfort. Pierre descreve que uma de suas finalidades era implementar “os bons costumes para assegurar o culto a religião cristã”. Lippiatt defende que: “The early thirteenth century saw the proliferation of legal texts intended to restrain the arbitrary exercise of power while simultaneously reinforcing political authority.”²⁸¹. Sendo assim, notamos que o Estatuto de Pamiers não foi algo isolado na Cristandade Latina, mas que houve outros eventos com finalidades semelhantes; José Rivair Macedo²⁸² e Michel Roquebert, por exemplo, enxergam um paralelismo entre o Estatuto de Pamiers e as Assises de Jerusalém²⁸³; Marjolaine Raguin-Barthelmeles e Gregory Lippiatt notam uma semelhança do Estatuto organizado por Simão IV com a Magna Carta²⁸⁴.

Esse caráter de reforçar a autoridade política desses textos legais pode ser visto no que foi estabelecido em Pamiers em 1212. Uma das medidas visava uma proteção aos bens da Santa Sé no Languedoc, reforçando a perseguição aos cátaros e punições²⁸⁵ para quem desse qualquer apoio a eles²⁸⁶.

Entretanto, no nosso entender, nenhuma dessas medidas expressa a real intenção de Simão IV na Cruzada Albigense. Nossa atenção recai na frase “implanter de bonnes coutumes”; para Marjolaine Raguin-Barthelmeles esses bons costumes seriam os costumes parisienses que entrariam em vigor em detrimento dos costumes do Languedoc²⁸⁷, com a substituição das peculiaridades do feudalismo na região pelas características do direito feudal que vigorava em Paris. A principal característica está relacionada ao poder do senhor sobre o vassalo, se antes essa relação era menos rigorosa, agora o vassalo deveria obedecer ao seu senhor com mais prontidão.

Juntamente com essa mudança, Simão IV também deixou suas conquistas para os senhores franceses mais próximos a ele. O historiador Belperron faz uma

²⁸¹ LIPPIATT, 2020, p.1

²⁸² MACEDO, 2000, 133

²⁸³ “...de uma legislação de tipo colonial, destinada a assegurar a ordem e a paz cívica nas regiões conquistadas, mas também de garantir o controle absoluto dos novos senhores, não sendo demais dizer que os Status de Pamiers foram inspirados nas Assises de Jerusalém que, um século antes, tinham definido as estruturas do reino Franco da Síria.” (ROQUEBERT, 1970, p.498).

²⁸⁴ RAGUIN-BARTHELMELES, 2017, p.66

²⁸⁵ De acordo com Lippiatt, através dessa medida, Simão IV estava reiterando a política papal já existente desde a bula *Ad abolendam*, publicada pelo Papa Lucio III em 1184.

²⁸⁶ BELLERON, 1943, p.246-47

²⁸⁷ RAGUIN-BARTHELMELES, 2017, p.43

relação²⁸⁸ das localidades do Languedoc com seus respectivos novos senhores, todos companheiros do Conde Simão IV, por isso ele acrescenta que o Estatuto de Pamiers serviu como um gradual processo de eliminação da nobreza do Languedoc.

Em Pamiers, Simão IV conseguiu alterar as estruturas no Languedoc, reforçando a autoridade da Santa Sé na região, mas principalmente conseguiu reforçar sua própria autoridade como senhor dos novos senhores no Languedoc, como diz Marjolaine Raguin-Barthelmeles:

À la fin de l'année 1212, à l'heure des statuts de Pamiers, Simon qui mourra devant Toulouse en 1218 s'est rendu maître du Languedoc, à l'exception de Toulouse et de Montauban. Légiférer pour l'ordonnancement du pays conquis signale une installation durable de ce seigneur venu d'Île de France, proche du cercle des prédicateurs de la croisade albigeoise.²⁸⁹

Contudo, precisamos destacar que não é nenhuma frase da obra de Pierre tampouco do Estatuto de Pamiers que, ao nosso ver, expõe os interesses de Simão IV com suas conquistas, mas uma omissão: a omissão aos monarcas Filipe Augusto, rei da França, e Pedro II, rei de Aragão, ambos senhores de Simão IV. Filipe Augusto como senhor do Conde de Montfort tinha prerrogativas feudais sobre as conquistas de Simão IV no Languedoc; Pedro II possuía vassalos na região. Portanto, entendemos essa omissão a ambos os monarcas como uma tentativa de afirmação do próprio poder, afastando ambos os monarcas de exercerem poder sobre ele.

Com relação a Filipe Augusto, historiadores como Achille Luchaire, Belperron e outros, tem tratado Simão IV como um vassalo que estava no Languedoc apenas cumprindo sua função de vassalo preocupado unicamente em manter sua fidelidade obedecendo a vontade de Filipe Augusto. Concordamos que Simão IV é retratado por Pierre como um vassalo fiel tanto em relação a Filipe Augusto como a Pedro II. Mas, não enxergamos um Simão IV que está no Languedoc unicamente para cumprir a vontade de seu vassalo.

Como temos tentado construir ao longo desta dissertação, a imagem projetada em Simão IV não é somente de um cavaleiro perfeito, mas de alguém que

²⁸⁸ "C'est ainsi que Guy de Lévis reçut la Terre du Maréchal, Bouchard de Marly Saissac, Enguerrand de Boves Saverdun, Lambert de Thury Limoux, Robert Mauvoisin : Fanjeaux, Guy de Montfort : Castres et Lombers, Alain de Roucy : Termes et Montréal, Guillaume de Contres : Castelsarrasin, Pierre de Voisins : le Haut Razès avec Arques et Alet, Pierre de Cisse : Verdun-sur- Garonne, Philippe Goloin : Sorèze, Arnaud de Montaigut : Biron, Frémis le Franc : Roumengoux, Guillaume des Essarts: Villesisclé, Rainier de Chaudron Puivert, Guy de Lucy, puis Foucaud de Berzy : Puylaurens, Hugues de Lacy Laurac et Castelnaudary, etc." (BELPERRON, 1943, p.249).

²⁸⁹ RAGUIN-BARTHELMELES, 2017, p.54

possui virtudes de um rei, de modo que a imagem projetada nele não pode ser considerada apenas como de um vassalo fiel. Pelo contrário, a omissão do monarca francês no Estatuto de Pamiers, revelaria um desejo de Simão IV de não vincular Filipe Augusto nas suas conquistas.

Notamos inclusive que Filipe Augusto é levemente criticado por Pierre, mais precisamente, a ausência da ajuda de Filipe Augusto na Cruzada Albigense. Em fevereiro de 1212, Luís VIII, filho do monarca capeto decidiu tomar a cruz e ir até o Languedoc lutar junto com os cruzados, no entanto Pierre diz: “Le roi de France fut très peiné quando il apprit que son fils s’était croisé, **mais il ne nous appartient pas d’expliquer le motif de sa contrariété.**”²⁹⁰. Filipe Augusto se mostrou contrário a participação de seu filho na Cruzada Albigense, por qual motivo? O silêncio de Pierre sobre a posição de Filipe Augusto traz para nós elementos de que poderia haver um certo estranhamento na relação com Filipe Augusto que talvez tenha sido explicitada na ausência a qualquer referência a ele no Estatuto de Pamiers. No nosso entender, tais fatos questionam a imagem de um vassalo fiel que está no Languedoc unicamente a serviço de seu senhor.

Um acontecimento que corrobora uma possível concorrência entre o monarca capeto e Simão IV, é que enquanto Simão IV estava no final de 1212 organizando esta assembleia em Pamiers, do outro lado do canal da Mancha, estavam acontecendo importantes eventos diretamente conectados com ele. Os nobres da região norte da Inglaterra, aliados de Filipe Augusto, se rebelaram contra o monarca plantageneta e elegeram um novo rei, caso o João Sem Terra fosse deposto. Um dos homens que estaria encabeçando essa rebelião seria o arcebispo Stephen Langton, que teve grande influência na escrita da Magna Carta em 1215. Os historiadores Garnett e John Hudson na introdução da terceira edição do livro de John Holt, *Magna Carta*, publicada em 2015, ao citarem a fonte *Dunstable Annals*, afirmam de um rumor que este rei eleito teria sido o Conde Simão IV de Montfort: “The leader of the Albigensian Crusade was Simon de Montfort, and the Dunstable Annals mention a rumour that baronial conspirators had chosen [elected] him as king of England.”²⁹¹. David Carpenter endossa o argumento dos historiadores dizendo:

With John out of the way, the aim then, according to a story that reached the Dunstable annals, was to give the throne to the great French noble Simon de

²⁹⁰ CERNAY, 1951, p.162. Nossos grifos.

²⁹¹ HOLT, 2012, p.8

Montfort, lord of Montfort l'Amaury near Paris. He had just carried the papal banner in the campaign against the Albigensian heretics in the south of France, and had a claim (which John had briefly recognized) to the earldom of Leicester.²⁹²

Destacamos a imagem que se tinha de Simão IV, ao menos para esses nobres no norte da Inglaterra, seria de alguém que poderia assumir o trono inglês, de alguém que teria as qualidades necessárias para assumir o trono no lugar de João-Sem-Terra:

The justification for the Welsh revolt against John in 1212 was the belief that Innocent had absolved the Welsh rulers from their allegiance to John and had urged them to make war on him.²⁵ Simon de Montfort himself perfectly fitted this scenario. Having led the crusade against the Albigensian heretics, he was a favourite son of the church. A great baron, would he not also be sympathetic to baronial aspirations? Indeed, in December 1212 he was to issue for his state of Béziers and Carcassonne provisions that, in protecting the rights of his subjects, anticipated Magna Carta.²⁶ There could be no greater contrast to King John and no more suitable replacement.²⁹³

Ambos os autores colocam em dúvida se de fato essa eleição na Inglaterra teria chegado aos ouvidos de Simão IV; Holt por exemplo, afirma que não há nenhuma evidencia que isso tenha chegado aos ouvidos de Simão IV²⁹⁴. Por outro lado, a historiadora Marjolaine Raguin-Barthelmeles salienta que ainda que não exista nenhuma evidencia, é necessário dizer que o cavaleiro inglês que acompanhava o Conde de Montfort, Walter Langton, era irmão do arcebispo Estevão Langton que, como colocamos, teria cooperado nessa eleição de Simão IV; de acordo com ela, isso pode ser considerado um indicativo de que a informação teria chegado aos ouvidos do Conde de Montfort²⁹⁵. Achamos essa possibilidade plausível, apesar de não encontrarmos nenhuma evidência disso na obra de Pierre.

De qualquer modo, essa possível eleição de Simão IV como rei da Inglaterra, revela a posição que ele atingiu no final de 1212. Nessa ocasião, ele já tinha se tornado senhor de vários territórios no Languedoc. Segundo seu Catálogo de Atos, no final de 1212 ele se identificava como: "...Simon, comte de Leicester, seigneur de Montfort, par la grâce de Dieu vicomte de Béziers et de Carcassonne²⁹⁶". Simão IV também tinha se tornando vassalo de Pedro II, rei de Aragão, prometendo sua filha em casamento com Jaime, filho de Pedro II e rei de

²⁹² CARPENTER, 2014, p.562-563

²⁹³ CARPENTER, 2014, p. 568-569

²⁹⁴ HOLT, 2015, p.8

²⁹⁵ RAGUIN-BARTHELMELES, 2017, p.66

²⁹⁶ RHIEN, 1910, p.171

Aragão; junto com isso, ele teria sido eleito rei da Inglaterra em caso de deposição de João Sem Terra. No nosso entender, esses fatos nos dão uma dimensão da imagem que Simão IV atingira no século XIII na Cristandade Latina, fazendo, portanto, sombra ao monarca Filipe Augusto.

Acreditamos que no final de 1212, Simão IV tinha conseguido implementar sua autoridade no Languedoc, conseguindo, até mesmo, fazê-lo de forma independente ao monarca Filipe Augusto. Isso justificaria a projeção de um caráter de um rei através das virtudes e uma construção de um providencialismo que legitimava os ataques a diferentes localidades, lançando mão da lógica feudal.

Meses depois do Estatuto de Pamiers, Pierre narra a cerimônia em que Amauri, filho de Simão IV se tornou cavaleiro. Entendemos esse episódio como outro onde houve essa aplicação da legitimidade de Simão IV. Além disso, acreditamos que tal investidura seja de grande importância para compreendermos a função que a crônica de Pierre teria. De acordo com George Duby, a realização da cerimônia em que um filho de um cavaleiro se tornava um cavaleiro passou a ser mais rara, visto que era muito “dispendiosa em que é preciso gastar muito dinheiro.”²⁹⁷; portanto, a própria realização de tal cerimônia já era um indicativo que Simão IV havia aumentado seus recursos. O motivo de enxergamos essa importância está na narrativa do episódio:

Aussitôt les évêques d'Orléans et d'Auxerre s'agenouillèrent devant l'autel et ceignirent le jeune homme du baudrier en chantant le **“Veni Creator Spiritus”** avec la plus grande dévotion, O procédé d'adoubement nouveau et inusité! **Qui pouvait retenir ses larmes?** C'est ainsi que le jeune Amaury fut armé chevalier en grande solennité (...) Le comte voulut que **tous fissent hommage à son fils, ce qui fut fait**²⁹⁸.

Enxergamos a música que os abades cantaram, “Veni Creatur Spiritus” como um contorno de providencialismo presente na investidura de seu filho, como se a Divina Providência estivesse por trás desse ato, onde assim como a eleição do Conde de Montfort a líder da Cruzada teria sido obra de Deus, assim seria com essa investidura, na qual Amauri teria sido o filho de Simão IV escolhido para dar continuidade a causa de Cristo. Com a frase: “Qui pouvait retenir ses larmes?” notamos como o cronista dá um sentido de solenidade para tal evento. Entendemos

²⁹⁷ DUBY, 1989, p.90

²⁹⁸ CERNAY, 1951, p.167. Grifos nossos.

que o motivo de tal construção está na última frase da citação, onde o cronista diz que todos fizeram homenagem a seu filho. Em outras palavras, Simão IV estava garantindo que todas as possessões que ele havia conquistando pertenceriam a seu filho, isso lhe asseguraria estabelecer a linhagem Montfort na região.

Por isso, não enxergamos Inocêncio III como o único alvo da crônica de Pierre, o Sumo Pontífice morreu em 1216, dois anos antes da morte de Simão IV de Montfort e da conclusão da crônica. Então os objetivos da obra de Pierre não poderiam estar limitados a legitimar Simão IV perante Inocêncio III; sendo assim enxergamos nesta obra uma construção que apresenta Simão IV como um herói tendo em vista aspirações de um futuro. Como falamos, a cultura política vigente fazia com que fosse construído um passado mítico que tinha aspirações futuras: Simão IV seria o herói fundador da linhagem de Montfort que estava se estabelecendo na região do Languedoc. Através da narrativa da investidura de Amauri vemos que ele seria o herdeiro de todas as conquistas de Simão IV na Cruzada Albigense. Esse seria o segundo alvo da crônica de Pierre, legitimar a linhagem de Montfort como senhores das possessões conquistadas na Cruzada Albigense.

2.3. Protagonismo de Simão IV frente aos outros agentes da Cruzada Albigense

Entretanto, havia dois homens que ainda ameaçavam a hegemonia de Simão IV no Languedoc: o já mencionado Pedro II, rei de Aragão e o Conde Raimundo VI de Toulouse. Ambos ainda exerciam uma parcela de poder capaz de fazer frente as pretensões de Simão IV. Logo, notamos que a construção de Pierre em torno de ambos é de tirar a legitimidade deles, e como consequência, endossando a legitimidade do Conde Simão IV.

2.3.1 Pedro II, o Católico

Como colocamos no capítulo anterior, Pedro II possuía vários vassalos no Languedoc e tinha um projeto expansionista na região, além disso ele gozava de uma boa relação com Inocêncio III. Tais fatos faziam com que ele tivesse uma vantagem considerável em obter a hegemonia da região, tendo mais legitimidade para tal posição.

Segundo Martin Alvira, o primeiro encontro de Simão IV com Pedro II ocorreu no cerco a Carcassonne em 1209, onde o aragonês não saberia quem era o Conde de Montfort: “C’est après l’élection de Simon de Montfort comme vicomte de Béziers et Carcassonne, en août 1209, que Pierre le Catholique a dû véritablement demander à ses proches: qui est ce comte de Montfort?”²⁹⁹. O rei de Aragão era senhor de Carcassonne e estava presente no local para acompanhar o cerco; portanto, o caminho para Simão IV era tornar-se vassalo do senhor legítimo de várias localidades que ele iria cercar. Tendo isso em vista, Simão IV tentou algumas vezes fazer um juramento de fidelidade, mas sem sucesso, segundo Pierre, o monarca aragonês se mostrou contrário: “...ne put décider le roi à accepter notre comte comme vassal...”³⁰⁰. Vemos nessa recusa de Pedro II em aceitar o juramento de fidelidade do Conde de Montfort como um exemplo das dificuldades que faziam com que a legitimidade de Simão IV não fosse algo automática, as relações de poder na região impediam que isso acontecesse.

O juramento de fidelidade só aconteceu em fevereiro de 1211 numa conferência em Narbonne que após alguma insistência dos legados, Pedro aceitou a homenagem de Simão IV: “Cédant à leurs prières, le roi finit par consentir et reçut le comte comme vassal pour Carcassonne, afin que le comte tint cette ville du roi.”³⁰¹.

Em janeiro de 1213, um mês após o Estatuto de Pamiers, houve o Concílio de Lavour, no qual Pedro II pediu que houvesse oito dias de paz onde Simão IV não atacaria os condes no Languedoc que eram seus vassalos³⁰², ao que Pierre considerou como “O horrible trahison”. Na sequência, Pedro II intercedeu aos legados papais que os bens de Raimundo VI lhe fossem devolvidos, o que foi prontamente negado.

É válido relembrar que nesse contexto, o monarca aragonês havia atingido uma fama de ser zeloso pelos interesses da Santa Sé; por causa da vitória na batalha de Las Navas de Tolosa, o que daria uma credibilidade a palavra de seus emissários, como diz Magda Duarte: “Valendo-se dessa boa fase, o rei ibérico tornou mais incisivos seus pedidos para estabelecer um acordo com o Papa Inocêncio III e com os legados.”³⁰³.

²⁹⁹ ALVIRA CABRER, 2020, p. 70

³⁰⁰ CERNAY, 1951, p.55

³⁰¹ CERNAY, 1951, p.86

³⁰² “Le roi, après avoir fait bon visage à notre comte, à son frère et à ses fils, demanda au comte de cesser de faire mal à ses ennemis pendant les huit jours de négociations.” (CERNAY, 1951, p.145)

³⁰³ DUARTE, 2018, p.294

A partir de então, o monarca aragonês passou tomou algumas atitudes que visavam por fim as ações de Simão IV. A primeira delas foi receber a homenagem do Conde de Toulouse, Raimundo IV no dia 27/01/1213. Na sequência, como os legados papais no Languedoc haviam negado seu pedido, ele optou por enviar mensageiros até Roma que iriam apresentar o caso para Inocêncio III; Inocêncio III recebeu os mensageiros de Aragão e acolheu os pedidos dos mensageiros. Com relação a isso, Pierre não faz críticas abertas a postura de Inocêncio III, mas dá um tom de que ele estava sendo enganado pelos mensageiros de Pedro II e relata o que aconteceu quando os prelados favoráveis a Simão IV chegaram em Roma: “Aussi quando nos envoyes arrivèrent à la curie romaine, ils trouvèrent un peu de résistance de la part du seigneur pape qui avait cru trop **facilment** aux allégations mensongères des messagers du roi d’Aragon...”³⁰⁴. No mesmo contexto, Pierre comenta sobre a mediação do Sumo Pontífice nesse caso: “Quant au Souverain Pontife, trop crédule aux allégations mensongères du roi, il accorde **facilement** ce que le roi demandait.”³⁰⁵.

Destacamos que o cisterciense usa duas vezes a expressão “facilment” para descrever a atitude de Inocêncio III com relação aos emissários aragoneses. Entendemos que tal ato exponha um certo descontentamento dos clérigos apoiadores de Simão IV com o Sumo Pontífice, dando um tom de que ele teria sido leviano ao ouvir e receber os emissários de Pedro II.

Na continuação Pierre fala do que Inocêncio III fez em relação a Simão IV: “Il envoya une bulle au comte de Montfort par laquelle il lui ordonnait expressément de rendre sur-le-champ aux comtes de Comingues et de Foix et à Gaston de Béran...”³⁰⁶. A situação na qual Simão IV era extraordinária devido a condição que ele havia atingido: cerca de um mês antes, ele estava no auge das suas conquistas e nesse momento ele estava sendo repreendido por Inocêncio III; segue um trecho da referida bula onde o Conde de Montfort é repreendido pelo Papa:

Tu autem, frater archiepiscopo, ac nobilis vir Simon de Monteforti cruce signatos in terram Tolosani comitis inducentes, non solum loca in quibus habitabant hæretici occupastis, sed ad illas nihilominus terras quæ super hæresi nulla notabantur infamia manus avidas extendistis, et cum ab hominibus terrarum illarum fidelitatis excegeritis juramenta, et terras sustineatis inhabitare prædictas, hæreticos illos existere verisimile non videtur.³⁰⁷

³⁰⁴ CERNAY, 1951, p.156. Grifos nossos.

³⁰⁵ CERNAY, 1951, p.169. Grifos nossos.

³⁰⁶ CERNAY, 1951, p. 169

³⁰⁷ INNOCENT, REG. 15.12, p.739

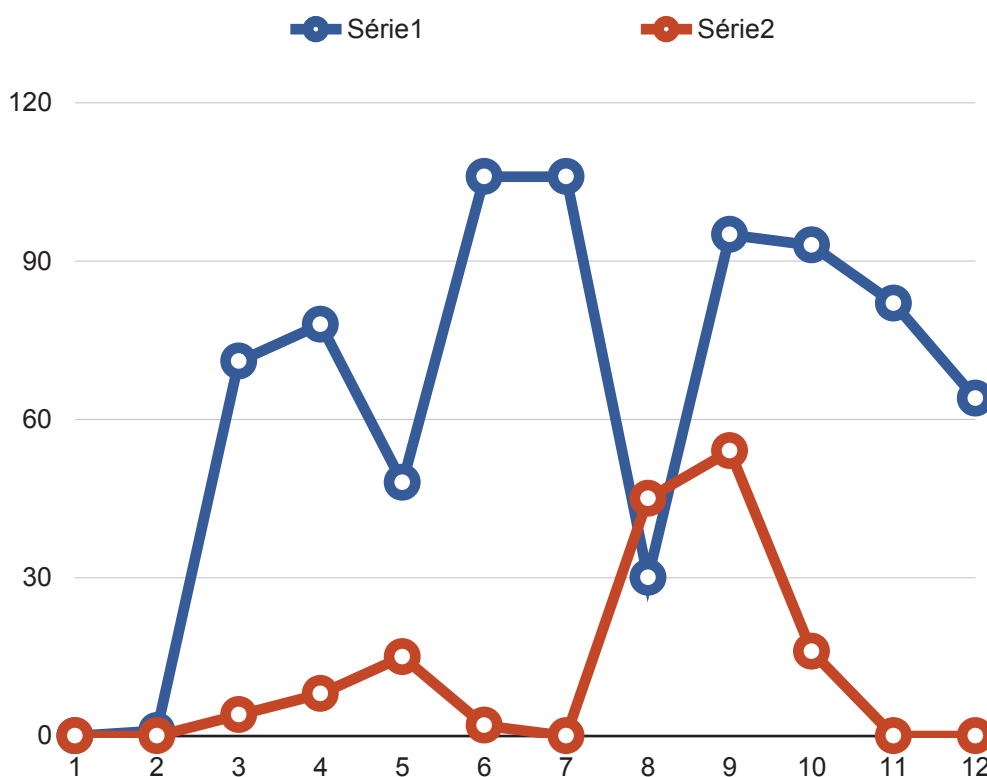
Destacamos que as repreensões feitas ao Conde de Montfort vão diretamente contra as virtudes com as quais ele é apresentado na crônica de Pierre, toda sua integridade foi posta em dúvida. Ao analisarmos o conteúdo das cartas entre Inocêncio III e os líderes da Cruzada, percebemos que principalmente nas repreensões do Sumo Pontífice, o assunto mais abordado foi sobre o que deveria, ou não, ser feito com as terras conquistadas no Languedoc. É nítido um cuidado de Inocêncio III com o destino das terras conquistadas, para que elas não fossem ocupadas de forma ilegal. Percebemos a mesma ênfase nas cartas enviadas de Simão IV ao Papa, onde o assunto gira em torno do Bispo de Roma reconhecê-lo como senhor das terras que ele havia conquistado.

Além dessa repreensão e redirecionamento das conquistas das hostes cruzadas, a Cruzada Albigense foi interrompida por quase cinco meses. Notamos que em menos de três meses, Simão IV teria sido eleito rei da Inglaterra, tido como o campeão de Cristo, e pouco tempo depois, estava sofrendo uma severa repreensão por parte de Inocêncio III sobre suas atitudes, recebendo uma ordem para devolver parte de suas conquistas e a interrupção da Cruzada que liderava.

Entendemos que tal sequência de eventos tenha demonstrado que Pedro II até aqui tinha muito mais prestígio junto a Santa Sé; em outras palavras, a sua legitimidade estava muito mais assegurada que a de Simão IV. Pedro II continuava a ser o senhor com maior influência no Languedoc seguido de seu mais novo vassalo o Conde Raimundo VI de Toulouse. Lembramos que a vitória na batalha de Las Navas de Tolosa tinha rendido a Pedro II o título de Pedro II, o católico. Logo, o monarca aragonês era um empecilho para o projeto de Simão IV de se tornar o senhor mais influente no Languedoc, fazendo-se necessário uma narrativa que desconstruísse a legitimidade de Pedro II, o Católico.

Ao analisarmos as alusões ao rei de Aragão na obra de Pierre percebemos num primeiro momento como ele é demasiadamente mencionado no período da crônica que corresponde justamente ao momento que o número de alusões ao Conde de Montfort diminui, conforme vemos no gráfico a seguir:

GRÁFICO 2³⁰⁸: MENÇÕES A SIMÃO IV E A PEDRO II



Portanto, notamos que o pico de alusões ao rei de Aragão ocorre quando as alusões a Simão IV chegam no mínimo; sendo assim, inferimos que Pierre separa um trecho da crônica onde o foco deixa de ser, momentaneamente, Simão IV e passa a ser o rei de Aragão. Isso seria uma tentativa de demonstrar as suas falhas e ao mesmo tempo desenhar o correto proceder de Simão IV com relação a ele.

Vemos na narrativa de Pierre a construção da imagem de um anti-herói; enquanto Simão IV é o cristão com todas as virtudes, Pierre é retratado como sendo oposto a todas elas. Encontramos o mesmo paralelo em outras crônicas do século XIII. O historiador Crouch fala do inimigo do cavaleiro Guilherme Marshal, Meilyr, como sendo retratado como o oposto a tudo aquilo que Guilherme Marshal era. Também percebemos essa construção na crônica de Maître Rigord em torno de Ricardo Coração-de-Leão, quando o cronista diz a seu respeito: “O douleur! ce misérable, ce nouveau Judas saisit une pierre, et, à la vue de tout le monde, la jette contre l’image

³⁰⁸ Para as menções a Simão IV usamos o mesmo critério que o Gráfico 1, com relação a Pedro II utilizamos por base expressões como “Pierre”, e “roi”.

sainte, et casse à l'enfant Jésus un bras, qui tombe par terre.”³⁰⁹. Segundo a obra de Rigord, Filipe Augusto era o herói e Ricardo o anti-herói. Essa construção que aparece em várias outras obras na Cristandade Latina é incorporada na obra de Pierre e altamente explorada para tentar desconstruir a legitimidade de Pedro II.

Uma das primeiras alusões é no episódio em 1210 onde Pedro II recusa a homenagem de Simão IV, esse trecho é intitulado de: “De la mauvaise volante du Roi d’Aragon”. Alguns meses depois, segundo o cronista cisterciense, Pierre-Roger, senhor de Cabaret, Raimundo, senhor de Termes e Aimery, senhor de Montréal foram até Pedro II oferecendo juramento de fidelidade ao rei de Aragão para que ele “pour chasser du pays le comte de Montfort”³¹⁰ e Pierre enfatiza a condição que o rei de Aragão teria dado para que ele se tornasse senhor deles: “qu’ils s’engagent à lui livrer toutes leurs places-fortes”³¹¹. Dessa forma, Pierre estava indicando que Pedro II tinha um interesse em aumentar sua influência sobre esses importantes senhores no Languedoc, mesmo que isso envolvesse lutar contra as hostes dos cruzados; isso reforça a necessidade de uma tentativa de tirar a legitimidade do monarca aragonês.

No trecho que mencionamos, onde o número de alusões a Pedro II tem o seu auge, é onde encontramos as críticas mais duras ao monarca aragonês, quando Pedro II pediu, no começo de 1213, que Simão IV fizesse uma trégua nos ataques aos senhores do Languedoc e que ele devolvesse algumas das terras conquistadas. O cronista chama tal ato de traição; na ótica feudal, o senhor não deveria fazer nada que o colocasse em desonra o seu vassalo, e nesse caso, Pedro II iria favorecer a perda das conquistas de Simão IV. O trecho é repleto de expressões como “sa malice” ou “le três perfide roi d’Aragon”.

Ainda no começo de 1213, após Pedro II ter aceitado o juramento de fidelidade de Raimundo VI, Pierre acusou o rei de Aragão de “aider **les ennemis du Christ**”³¹², até que finalmente Simão quebra o juramento de fidelidade que tinha feito com Pedro II: “Le comte le défiait à son tour, se déclarant délié désormais de tout devoir envers lui et prêt à se défendre contre lui comme il se défendait contre les autres **ennemis de l’Eglise**.”³¹³. Destacamos que quando Pierre diz que Pedro II estava ajudando os inimigos de Cristo ele está atacando frontalmente a fama que Pedro II havia adquirido

³⁰⁹ RIGORD, 2008, p.86

³¹⁰ CERNAY, 1951, p.62

³¹¹ IDEM

³¹² IDEM. Grifos nossos.

³¹³ CERNAY, 1951, p.161. Grifos nossos.

na Cristandade Latina do século XIII, afirmando exatamente o oposto do título que ele havia conseguido. Por outro lado, Simão IV é apresentado como aquele que permanece fiel combatendo os inimigos da Igreja. Essa contraposição indica que Pedro II agora estava contra a Santa Sé e que Simão IV permanecera fiel, ainda que a Cruzada estivesse para ser interrompida. Na narrativa do rompimento, Pierre busca deixar claro que Simão IV não errou e nem desrespeitou Pedro II: “...notre comte avait offensé injustement le roi ou avait viole son serment de fidélité.”³¹⁴. Logo, a preocupação em mostrar Simão IV como irrepreensível persistia.

Por fim, citamos a batalha de Muret como elemento essencial na narrativa que visa retirar a legitimidade de Pedro II. Como já tentamos apresentar neste capítulo, a narrativa da batalha de Muret é recheada de exemplos de tentativas por parte de Simão IV de não lutar contra o monarca aragonês. Quando a batalha termina, é possível perceber o providencialismo utilizado por Pierre para confirmar que Pedro II estava errado e que Simão IV era o homem que Deus tinha escolhido: “nouveau David près d’un nouveau Saûl”. Portanto, aquele que tinha uma prerrogativa maior e mais legitimidade de exercer poder no Languedoc estava morto, e Jaime, filho do rei de Aragão, estava sob o cuidado do próprio Simão IV.

Faltava ainda um último opositor que poderia fazer frente no que tange o domínio no Languedoc: o Conde de Toulouse, Raimundo VI.

2.3.2 Raimundo VI

Raimundo VI era o senhor do Languedoc que mais tinha influência, ele era uma das últimas resistências ao Conde de Montfort. Por isso, comparado com Pedro II de Aragão, notamos um esforço muito maior de Pierre em criticar cada ação sua. Atribuímos esse esforço a relação de Inocêncio III com Raimundo IV; por mais que Raimundo não tivesse a credibilidade do rei aragonês junto a Santa Sé, o proceder de Inocêncio III em todo o julgamento de Raimundo VI, demonstra que o Sumo Pontífice se mostrava disposto a ter misericórdia do Conde de Toulouse. Caso isso se concretizasse, Raimundo VI receberia perdão e todos os bens de volta, impossibilitando que Simão IV se tornasse o Conde de Toulouse, dessa forma ele também passou a ser retratado por Pierre como um anti-herói.

³¹⁴ IDEM.

Conforme já aludimos no capítulo anterior, Inocêncio III é retratado por parte da historiografia como aquele que teve um pontificado implacável. Nessa mesma linha, Pierre Belperron o apresenta como irredutível em suas decisões: “La plume à la main, il était terrible”³¹⁵. Em sua tese de doutorado, Magda Rita Duarte relativiza esse conceito amplamente difundido na historiografia usando como exemplo a relação com Raimundo VI; ela demonstra que o pontificado de Inocêncio III pode ser visto como aberto a negociação e não monopolista³¹⁶; isto sem negar as pretensões de garantir sua preeminência. Concordamos com Duarte no que tange a abertura para negociação de Inocêncio III. Isso pode ser visto até mesmo na obra de Pierre, quando em duas ocasiões, ele diz que o Papa havia aceitado facilmente os argumentos dos mensageiros aragoneses, chegando a interromper a Cruzada.

Com relação a Raimundo VI notamos uma dubiedade semelhante. O Conde de Toulouse foi excomungado pela primeira vez ainda no final do pontificado de Celestino III (1106-1198). Já no início do seu pontificado, Inocêncio III se mostrou disposto a conceder perdão caso ele se arrependesse de suas faltas. Mas em 1207 Raimundo foi excomungado novamente, desta vez por Pierre de Castelnau, que seria morto cerca de um ano depois resultando numa nova excomunhão do conde de Toulouse por Inocêncio III. As novas excomunhões aconteceram em 1209 e 1210; elas ocorreram porque Raimundo VI teria falsamente se comprometido a deixar de proteger vassallos que eram acusados de heresia e de banir os hereges de suas terras. Para Magda Duarte, a ação de Inocêncio III com relação a Raimundo VI era bastante contraditória:

A desobediência já era motivo o bastante para qualificar o conde como herege, portanto, a postura do papa com a pena de excomunhão não ceifa o mal pela raiz, como ele tanto pregava. Ao contrário, abre precedentes para novas investidas do Conde, que já tinha enfrentado essa sanção em outros tempos, e, depois alcançando perdão apostólico.³¹⁷

Diante dessa dubiedade das ações de Inocêncio III, percebemos que existia a possibilidade do Papa conceder perdão ao conde de Toulouse colocando fim nas intenções de Simão IV de obter a hegemonia na região. Por isso notamos uma certa

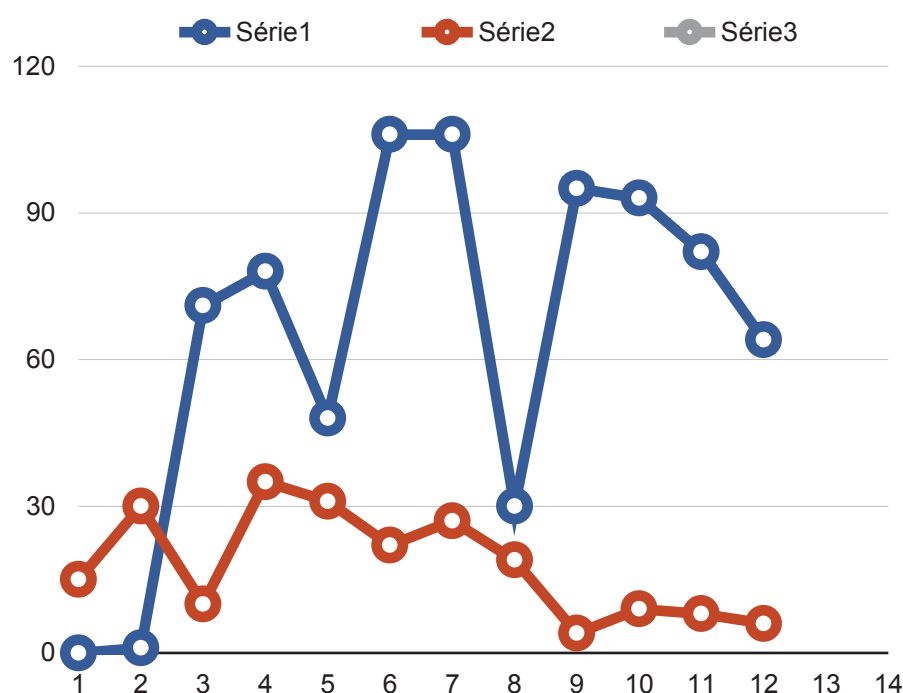
³¹⁵ BELPERRON, 1976, p.136

³¹⁶ DAURTE, 2018, p.269

³¹⁷ DUARTE, 2018, p. 261

preeminência no número de alusões a Raimundo VI na obra de Pierre, como ilustra o gráfico 3:

GRÁFICO 3: MENÇÕES A SIMÃO IV E A RAIMUNDO VI



Como o gráfico apresenta, Raimundo VI aparece muito antes que Simão IV na crônica, sendo que a sua menor aparição ocorre no trecho da intitulada “Intervenção do Rei de Aragão”. Pierre não pontua todas as excomunhões que Raimundo VI sofreu durante a Cruzada Albigense, apenas destaca as suas ações que causaram mal ao “negócio de Cristo”.

Uma das primeiras menções ao Conde de Toulouse ocorre antes do assassinato de Pedro de Castelanu, quando Pierre o retrata como: “un ennemi de la paix³¹⁸” e na sequência relata sua excomunhão.

Como já falamos ao longo deste capítulo, Pierre interrompe a narrativa em diversas ocasiões para descrever as virtudes do Conde Simão IV de Montfort;

³¹⁸ CERNAY, 1951, p.15.

notamos que o mesmo ocorre com Raimundo VI, mas ao invés das virtudes ele descreve os seus erros, seus vícios que são sempre o oposto das virtudes de Simão IV. Por exemplo, Simão IV era aquele que fazia doações a igrejas e é registrado como aquele que iria orar nelas; Raimundo VI é apresentado como aquele que despreza os ritos da Santa Sé e não tem nenhuma devoção:

Certain jour le comte se trouvait dans une église où se disait une messe: il était accompagné d'un mime qui, suivant l'habitude des bouffons de cette espèce, se moquait des gens en faisant des grimaces et des gestes de comédien.³¹⁹

Pierre afirmar que Raimundo VI participou dessa representação teatral de uma missa significa dizer que ele tinha uma grande apreciação pelos hereges e uma sugestão de que na verdade ele não era católico, mas sim um herege. Para os defensores do Conde de Toulouse junto ao Papa, ele era católico; dessa forma, notamos um conflito de narrativas a respeito da fé de Raimundo VI. Para legitimar a narrativa que ele não era católico, notamos Pierre falando em diversas ocasiões da hipocrisia de Raimundo VI: “Cet homme d'une hypocrisie consommée” e lançando dúvidas de todas as vezes que ele se reconciliava com a Santa Sé; quando Raimundo VI prometia obedecer as ordens que lhe tinham sido impostas, Pierre dizia: “Le comte Raymond les rejoignit donc hors de la ville, affecta de vouloir la paix, promit **hypocritement** sa soumission, prenant l'engagement formel d'obéir aux ordres de L'Eglise Romaine...”³²⁰.

Além de tentar desvirtuar a fé de Raimundo VI, Pierre falava da moral do Conde de Toulouse, dizendo que ele havia se casado com quatro mulheres e enfatiza que ele era dado a luxúria:

Ledit comte de Toulouse fut toujours adonné à la luxure et à ce point lubrique, nous l'affirmons expressément, qu'il abusa de sa propre sœur, au mépris de la religion chrétienne. Dès l'enfance, il recherchait avec grand soin les concubines de son père et il couchait avec elles on ne peut plus volontiers: A peine, en effet, une femme n'avait-elle lui plaire s'il n'avait la certitude qu'elle avait auparavant couché avec son père.³²¹.

A luxúria projetada por Pierre em Raimundo VI contrasta com a moral projetada em Simão IV que é exemplificada pela recorrente menção da sua esposa

³¹⁹ CERNAY, 1951, p.17.

³²⁰ CERNAY, 1951, p.39. Grifos nossos.

³²¹ CERNAY, 1951, p.19

por toda a crônica. Diversas vezes, Pierre interrompe a sua narração para falar sobre o paradeiro da esposa de Simão IV e como ela estava perto dele durante as batalhas. Acreditamos que uma das razões disso seja uma tentativa de reforçar sua integridade e fidelidade a sua esposa. Um dos exemplos disso ocorre logo após a narrativa do episódio em Zara:

Nous ne croyons pas devoir passer sous silence qu'a ce comte, possesseur de si hautes qualités, le Seigneur procura une aide semblable à lui, **une femme qui pour tout dire en quelques mots fut toute religion, toute sagesse, toute sollicitude**. Chez elle en effet, la religion rehaussait la sollicitude et la sagesse, la sagesse disciplinait la religion et la sollicitude, la sollicitude stimulait la sagesse et la religion. **De plus, son union avait été bénie du ciel: elle donna au comte des enfants nombreux et beaux.**³²²

Pierre diz que Simão IV, o homem que Deus escolheu para seus desígnios divinos, recebeu uma boa esposa para o ajudar que lhe teria dado muitos filhos. Essa ênfase na esposa de Simão IV, demonstra a sua integridade. De acordo com Mocelin, a luxúria possuía uma conotação extremamente negativa no imaginário do homem medieval:

A luxúria é analisada pela autora Cristina González como causa da perda da civilidade, incorrendo ainda na desunião do grupo. A perda da civilidade se dá em função de que se permite que entre os homens surjam traços de selvageria, perda do autocontrole, que levariam ao enfraquecimento e desunião³²³.

Logo, se faz necessário apresentar o Conde como alguém que é fiel a sua esposa e não como alguém que tem os seus desejos desenfreados. Lippiatt enfatiza que Simão IV foi retratado como “um exemplo de racionalidade masculina e ortodoxia, em oposição à nobreza local, de acordo com ele, efeminado, supersticioso e heterodoxo”³²⁴. Isso contrastava com o modo que Raimundo VI era apresentado. As críticas ao comportamento de Raimundo VI perduram até o final da crônica tendo um ápice em 1215 no IV Concílio de Latrão.

O Concílio Ecumênico de Latrão IV em novembro de 1215 é considerado como um dos mais importantes da história da Cristandade Latina porque reuniu toda a Cristandade³²⁵. Segundo estimativas, estavam presentes 800 abades e priores, 412

³²² CERNAY, 1951, p.49. Grifos nossos.

³²³ MOCELIN, 2013, p.119.

³²⁴ LIPPIAT, 2018, p. 279

³²⁵ BELPERRON, 1976, p.303

arcebispos e bispos, milhares de clérigos, além de condes e emissários de vários condados da Cristandade Latina³²⁶. Lá foram tratados diversos assuntos, dentre eles o que seria feito com relação a Cruzada Albigense.

Em janeiro de 1215, Simão IV havia pedido a Inocêncio III, através do cardeal Pietro di Benevento, o reconhecimento de suas conquistas na Cruzada Albigense. Em abril do mesmo ano, o Papa reconheceu abertamente os méritos de Simão IV de Montfort como cavaleiro de Cristo e defensor da fé, decidindo reconhecer, temporalmente, todas as conquistas de Simão IV até que chegasse o IV Concílio de Latrão³²⁷, onde seria decidido o destino das terras conquistadas pelo Conde de Montfort.

Pierre não traz muitos detalhes a respeito deste Concílio, o que provavelmente significa que ele não foi uma testemunha ocular dos eventos em Roma, mas o que fala nos dá uma idéia do que aconteceu lá e quais eram as preocupações dos partidários de Simão IV de Montfort:

Ils étaient venus implorer le concile pour la restitution de leurs terres qu'ils avaient perdues par la volonté de Dieu et l'intervention des croisés. Le noble comte de Montfort y envoya son frère Guy et d'autres représentants, fidèles et expérimentés. **Mais le conseil d'Achitofel ne prévalut pas**, l'espoir des méchants fut déçu, car le seigneur pape avec l'approbation du sacro-saint concile dans sa partie la plus nombreuse et la plus saine, régla comme il suit l'affaire de la foi. Il décida que Toulouse et les autres terres conquises par les croisés seraient concédées au comte de Montfort qui, plus que tout autre, avait travaillé avec courage et fidélité à ladite affaire.³²⁸

Tal trecho sintetiza quase todas as informações que Pierre fala a respeito do IV Concílio de Latrão, mas a frase *“Mais le conseil d'Achitofel ne prévalut pas”* nos mostra aquilo que o cronista estava projetando a respeito do desfecho de quem ficaria com as terras conquistadas. Aitofel, um personagem bíblico, era um conselheiro de alta estima do rei Davi. Mas quando Absalão, filho do rei, se rebelou contra ele e, segundo o relato bíblico, usurpou o trono do pai, Aitofel tomou o partido de Absalão e tentou convencer a atacar seu pai. Entretanto, Davi havia enviado, secretamente, outro conselheiro, chamado Husai para que os conselhos de Aitofel não prevalecessem. De acordo com o relato bíblico, Absalão preferiu seguir o conselho de Husai: “Então disse Absalão e todos os homens de Israel: Melhor é o conselho de

³²⁶ LIMA, 2015, p.61

³²⁷ ALVIRA-CABRER, 2016, p.35

³²⁸ CERNAY, 1951, p.216. Grifos nossos.

Husai, o arquita, do que o conselho de Aitofel (porém assim o Senhor o ordenara, para aniquilar o bom conselho de Aitofel...”³²⁹.

Entendemos que o conselho de Aitofel³³⁰, nesse caso, estaria para o que os partidários de Raimundo VI falaria para Inocêncio III, numa tentativa de recuperar as terras que Simão IV havia conquistado; mas como o próprio Pierre diz: “Il décide que Toulouse et les autres terres conquises par les croisés seraient concédées au comte de Montfort qui, plus que tout autre, avait travaillé avec courage et fidélité à ladite affaire”. Em outras palavras, o conselho que intentava o mau de Simão IV não prevaleceu, e dessa forma, Simão IV se tornou o Conde de Toulouse.

Esse é o relato que Pierre dá, mas outras fontes, como a obra de Guilherme de Puylaurens, *Chanson de la Croisade Albigeoise*, dá um relato muito maior e com mais detalhes. Reiteramos que esse Concílio teve uma enorme importância nas decisões do rumo da Cruzada, o que nos leva a perguntar por que Pierre não incorporou mais detalhes?

Talvez seja possível arrazoar que isso se dá pela ausência do cisterciense em Roma; mas lembramos que Pierre incorpora na sua crônica outros eventos que ele também não estava presente. Portanto no nosso entender, esse ocultamento dos detalhes do Concílio se deve ao fato do que aconteceu em Roma naquele novembro de 1215. De acordo com Guilherme de Puylaurens³³¹, a decisão de Inocêncio III não foi tomada com facilidade, baseada nessa obra, o historiador Belperron diz que o Sumo Pontífice estava “dilacerado pela dúvida³³²” no que fazer. Outros historiadores reforçaram a insegurança de Inocêncio III; Martín Alvira Cabrer, por exemplo, entende que o Papa já tinha perdido o controle sobre esses acontecimentos³³³. Após ouvir os partidários de Raimundo VI, o Sumo Pontífice quase cedeu e devolveu todos os territórios ao Conde de Toulouse. Até que os legados do Sul da França, partidários de Simão IV, teriam feito uma série de acusações a Raimundo VI; depois de muito debate, Inocêncio III opta por reconhecer todas as conquistas de Simão IV, em outras palavras, o reconhecendo como o novo Conde de Toulouse.

³²⁹ BÍBLIA SAGRADA, 2011, p.384

³³⁰ Nesse ponto, Pierre novamente lança mão do personagem bíblico de Davi comparando-o com Simão IV. Ele já havia feito a mesma coisa com Pedro II de Aragão, e agora o faz, mas num novo contexto: se com Pedro II, Pierre relaciona-o com Saul, o rei que foi rejeitado por Deus, com Raimundo VI a comparação é com Absalão que estava usurpando o trono de Davi.

³³¹ Relembramos que o autor dessa crônica era favorável ao Conde de Toulouse.

³³² BELPERRON, 1976, p.306

³³³ ALVIRA CABRER, 2016, p.35

Entendemos que essa demora na decisão de Inocêncio III tenha sido a causa da omissão de detalhes por parte de Pierre. Ora, apresentar que o Sumo Pontífice estava em dúvida em relação a uma questão crucial não iria colaborar com a ideia da formação de um passado mítico. Pierre já tinha inserido na sua crônica outras indecisões do Papa, mas essa, ao nosso ver, era crucial, pois tinha de se demonstrar que ele não tinha nenhuma dúvida a esse respeito.

Ao se tornar Conde de Toulouse, Simão IV havia alcançado o objetivo de se tornar o senhor mais com mais hegemonia no Languedoc, com Pedro II morto e Raimundo VI excomungado ele havia se tornado o senhor mais influente. De acordo com seu Catálogo de Atos em abril de 1216 lemos: "Donation par Simon, duc de Narbonne, comte de Toulouse et de Leicester, vicomte de Béziers et de Carcassone, seigneur de Montfort...."³³⁴.

Estritamente falando, Simão IV tinha chegado na posição pretendida e enxergamos que a obra de Pierre também iria garantir que isso fosse mantido.

A construção do monge cisterciense ao narrar todos os detalhes da Cruzada Albigense, visam demonstrar que nem Pedro II, tampouco Raimundo VI tinham legitimidade para manterem sua posição de outrora. Um ponto que reforça a figura de Inocêncio III como um dos principais alvos da obra é o modo como Pierre conclui sua crônica: o Concílio IV de Latrão está registrado na página duzentos e dezesseis, final de 1215; Inocêncio III morreu em julho de 1216, e já na página duzentos e dezoito, Pierre inicia o último capítulo de sua crônica, onde narra a morte de Simão IV em junho de 1218. Tal fato nos causa a impressão que o cronista não tinha a intenção de registrar os acontecimentos da Cruzada Albigense se Inocêncio III estava morto.

Contudo, não entendemos que Inocêncio III seja o único alvo da obra de Pierre. Durante a interrupção da Cruzada Albigense, Pierre narra o episódio em que o filho de Simão IV, Amauri Montfort se tornou cavaleiro e acrescenta: "Le comte voulut que tous fissent hommage à son fils, ce qui fut fait."³³⁵. Através dessa ação, quando Simão IV morresse, Amauri Montfort herdaria tudo aquilo que seu pai tinha; dessa forma, seria estabelecida em Toulouse a linhagem dos Montfort.

Por isso enxergamos na obra de Pierre, a função que muitas das crônicas na Cristandade Latina tinham, evocar um passado mítico. Portanto, vemos em toda essa construção de legitimidade a objetivação de delinear a figura de um herói libertador.

³³⁴ RHIEN, 1910, p.188

³³⁵ CERNAY, 1951, p.167

A morte de Simão IV em 1218, que foi tratada como um martírio, impediu que o título de Simão IV como Conde de Toulouse fosse prolongado. Seu filho, Amauri V, assumiu seus títulos e nos próximos anos continuou lutando contra Raimundo VII. Mas não obteve os mesmos triunfos que o pai teria tido, e passou a colecionar derrotas, fazendo com que boa parte de seus domínios voltassem para seus antigos senhores. Até que em 1224 Amauri de Montfort renunciou seus direitos passando os para Luís VII, dando início a “Cruzada Real”³³⁶.

Como pontuamos ao longo da dissertação, um dos objetivos das crônicas era dar origem a um mito fundador de uma linhagem, no caso da de Montfort, descobrimos que ela não permaneceu em Toulouse, mas a memória de Montfort, como monstro ou santo chegou até nós.

³³⁶ MACEDO, 2000, p.35

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo neste trabalho foi compreender quais foram os meios de Pierre exaltar Simão IV e os objetivos dessa exaltação. Mas antes de explicarmos esses dois pontos, foi necessário contextualizarmos algumas questões sobre a fonte. A primeira delas foi enfatizar que o foco da crônica de Pierre não é falar sobre os cátaros ou sobre a heresia em si, mas que como o próprio título da crônica traz, é falar dos triunfos de Simão IV na Cruzada Albigense. Argumentamos que isso também pode ser comprovado pela ocorrência da palavra hereges quando comparada com as menções a Simão IV, onde a menção aos hereges quase desaparece quando o Conde de Montfort entra em cena, isso mostraria que os hereges são utilizados por Pierre para justificar a necessidade de uma Cruzada e sua constante manutenção. Sendo assim, o centro da crônica é legitimar Simão IV.

Esse ponto foi demonstrado desde as primeiras menções a Simão IV, quando ele é apresentado como tendo uma grande bravura militar e uma descrição física detalhada.

Na sequência, ao falarmos sobre a linhagem de Montfort realçamos como ela oscilou entre juramentos de fidelidade ora feitos aos monarcas capetos ora aos plantagenetas, e que quando Simão IV se tornou o Conde de Montfort ele se aproximou de forma definitiva de Filipe Augusto. Também demonstramos que suas possessões diminuíram de forma considerável devido aos conflitos entre João Sem Terra e Filipe Augusto. Através dessa análise, conseguimos destacar que Simão IV foi o primeiro da linhagem de Montfort a ir lutar numa Cruzada, a primeira delas foi a Quarta Cruzada. Sua participação na Quarta Cruzada é o único evento da vida de Simão IV que o cronista inseriu em sua obra. O motivo pelo qual entendemos que ele foi selecionado, se deve ao fato de Simão IV ter obedecido as ordens de Inocêncio III, se recusado a atacar a cidade de Zara. Enxergamos a inserção de tal fato como um modo de apresentar que Simão IV tem um histórico de obediência ao Papa quem a crônica foi dedicada. Isso seria um modo de lembrar Inocêncio III que Simão IV era alguém fiel aos interesses da Santa Sé, o que lhe traria legitimidade diante daquele que tinha autoridade para arbitrar sobre o destino das terras conquistadas no Languedoc.

Procuramos ressaltar que essa participação de Simão IV na Quarta Cruzada não foi motivada apenas por um desejo de aumentar seus recursos, mas que ela

estava calçada em sua cultura política. Simão IV se via como um nobre e como tal, ele ansiava uma inserção com o que a nobreza medieval buscava: uma aproximação com atividades bélicas. Entendemos que essa tenha sido a motivação do Conde de Montfort ao decidir ir participar da Cruzada Albigense. Essa motivação, calçada na cultura política é extremamente importante para compreendermos o objetivo da escrita dessa crônica. Uma vez que essa cultura política fala da construção de um passado mítico que tem ambições para o futuro, e como falamos, isso está diretamente conectado com uma das funções que as crônicas tinham na Idade Média.

Ao trabalhar com o início da Cruzada Albigense, buscamos demonstrar toda a complexidade que existia na escolha de um líder para a Cruzada por conta de uma disputa pela hegemonia na região. Essa complexidade na escolha pode ser atribuída ao fato de que uma das atribuições desse novo líder seria assumir a posição de senhor dos territórios conquistados. Dessa forma, citamos alguns dos principais agentes nessa disputa: Raimundo VI, Pedro II, Filipe Augusto e Inocêncio III.

Diante dessa complexidade, mostramos como Pierre envolve a eleição de Simão IV com fortes contornos de providencialismo, atribuindo sua eleição aos desígnios da Divina Providência. Procuramos deixar claro que diante da disputa pela hegemonia no Languedoc e toda a complexidade das múltiplas relações de poder, apenas conquistar as terras no Sul da França, por si só, não trariam legitimidade para o Conde de Montfort. Era preciso que essa legitimidade fosse tecida através de uma narrativa que a comprovasse.

Dessa forma, a crônica de Pierre se encaixaria nas características de uma crônica que funcionaria como produtora de um mito fundador cujo herói seria Simão IV de Montfort. Acreditamos que é nessa necessidade de legitimidade que a crônica de Pierre se insere; como um meio de tecer a base da legitimidade de Simão IV. Esse seria o objetivo da crônica de Pierre: apresentar Simão IV como o legítimo senhor dos territórios conquistados.

Ancorados nesse pensamento, buscamos no segundo capítulo apresentar quais foram os meios usados para esse fim. Notamos a existência de diversos artifícios utilizados para esse fim, mas optamos por apresentá-los através de três eixos de legitimação que, no nosso entender, apontam para um Simão IV irrepreensível e legítimo senhor das conquistas no Languedoc.

Usamos o primeiro eixo para falar sobre as virtudes das virtudes através das quais, Pierre estava exibindo um cavaleiro perfeito e acima de tudo um cristão

extremamente devoto a Deus. Após definirmos o que era ser um cavaleiro na Cristandade Latina do século XIII e quais as virtudes que eram esperadas dele, falamos sobre três virtudes que Pierre teria projetado em Simão IV: fortaleza, caridade e fé. Nosso objetivo foi ver como Pierre espalhou por toda a crônica diversos exemplos de como Simão IV possuía tais virtudes. Também vimos que essa construção das virtudes teve sua expressão máxima na narrativa da morte do Conde de Montfort; na qual, o cisterciense fala de sua morte como um martírio, ou seja, Pierre faz uma sacralização em torno das ações e da vida de Simão IV. Isso faria com que todas suas ações no decorrer da Cruzada estariam isentas de críticas.

O segundo eixo foi o providencialismo usado na crônica, não somente para narrar algumas vitórias das hostes cruzadas, mas para mostrar os benefícios que a Divina Providência teria feito a Simão IV. Assim, não foram poucas as ocasiões que Simão IV poderia ter sido morto, mas segundo a pena de Pierre, teria sido salvo. Demonstramos que o uso do providencialismo foi um recurso que visava comprovar a legitimidade das ações do Conde de Montfort; visto que se ele estava sendo protegido, significaria que suas ações eram irrepreensíveis.

O terceiro eixo foi falar dos ataques de Simão IV a diversas localidades que não tinham sido acusadas de heresia e que como Pierre construiu uma narrativa onde esses ataques eram legítimos, pois Simão IV havia sido traído. Dessa forma, vimos como Pierre lançou mão da lógica feudal para tentar justificar esses ataques, enquadrando todos aqueles que se opunham a Simão IV na categoria de traidores.

Colocamos que o denominador comum desses eixos legitimadores é uma projeção de qualidades que um monarca medieval deveria ter. Em particular, mostramos uma similaridade das virtudes atribuídas a Filipe Augusto. Logo, esses eixos de legitimidade intentavam fazer sombra ao próprio monarca capeto.

Mostramos a aplicação desses eixos de legitimidade aplicados em dois eventos da Cruzada Albigense: o Estatuto de Pamiers e o rito que o filho de Simão IV se tornou cavaleiro. Através do Estatuto de Pamiers, Simão IV implementou os costumes de Paris e substituiu boa parte da nobreza local por seus companheiros. O principal ponto que destacamos foi a ausência dos nomes de Filipe Augusto e Pedro II, senhores de Simão IV. Enxergamos nessa omissão uma tentativa de desvinclar essas conquistas de ambos os monarcas. Com relação ao episódio que o filho de Simão IV se tornou cavaleiro, enfatizamos como aquele momento foi apresentado como se Deus estivesse abençoando. Buscamos apontar como esse rito foi apresentado por Pierre

como contendo elementos de uma coroação e como isso denota uma sacralidade que normalmente era atribuída a um monarca.

Entendemos que a narrativa desses dois episódios só foi possível por estarem baseadas por conta de toda a exaltação que Pierre já tinha feito a Simão IV. A lógica seria que Simão IV, por ter um caráter irrepreensível, por ser escolhido de Deus, poderia fazer o que queria pois tinha autoridade para fazê-lo.

Também vimos que conquistar as localidades não era suficiente para Simão IV conseguir a posição de senhor mais influente no Languedoc. Visto que seus rivais, Pedro II e Raimundo VI tinham mais legitimidade que ele. Por isso, Pierre dedicou boa parte da crônica em criticar esses dois rivais, projetando neles uma imagem de anti-herói.

Pedro II, tinha uma imagem bastante consolidada para com Inocêncio III, tanto que o monarca aragonês ganhou o título de Pedro II, o católico. Por conta disso, Pierre se esforçou em mostrar que o monarca aragonês estava traindo Simão IV e, secretamente, lutando contra a “causa de Cristo”. Dessa forma, a morte de Pedro II na batalha de Murert poderia ser visto como um castigo divino.

Enquanto Pedro II foi retratado como um traidor, Raimundo VI, foi retratado desde o começo da obra como um hipócrita que fazia falsas promessas aos legdos papais e simulava arrependimentos. Como falamos, a construção de Pierre sugere que ele não era católico, mas um herege que escondia sua real crença. Essa construção seria a base do argumento que ele merecia perder todas suas posses e que elas deveriam ser repassadas ao devoto e muito cristão, Simão IV, Conde de Montfort.

Essa construção de Pierre em torno de Simão IV teria colhido fruto no IV Concílio de Latrão, quando Inocêncio III reconheceu as conquistas do Conde de Montfort no Languedoc.

Como falamos, a morte de Simão IV interrompeu os dias de Simão IV como senhor de Toulouse e, no nosso entender, também interrompeu a continuidade da escrita da crônica de Pierre. Mas a construção da narrativa da morte de Simão IV como um martírio mostram que Inocêncio III não era o único alvo da obra do monge cisterciense. Essa narrativa iria coroar não apenas a integridade da Cruzada Albigense como um todo, mas como vimos, de toda a linhagem de Montfort como os novos senhores de Toulouse. Como Inocêncio III estava morto, a obra de Pierre teria a função de garantir que os Montfort mantivessem suas conquistadas no novo

pontificado de Honório III. Em outras palavras, esta obra serviria como um registro que apresentaria Simão IV como um herói, sendo o primeiro da linhagem de Montfort a ser conde em Toulouse.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

BERNARDO DE CLARAVAL. **De Diligendo Deo**. “Deus há de ser amado”. Petrópolis: Vozes, 2010.

BERNARDO DE CLARAVAL, “Las glorias de la nueva milícia”, In: **Obras Completas de San Bernardo I**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 1983.

BERNARDO DE CLARAVAL. **Some letters of Saint Bernard, Abbot of Clairvoux**: John Houdges. Londres, 1904.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Corrigida e Revisada. Fiel ao Texto Original. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

HELLINANDI, **OPERA OMINA**. Paris, 1855.

INNOCENTII III. Roman Pontificis. **Regestorum Sive Epistolarum**. Liber Duodecimus. Liber Duodecimus. Pontificatus Anno XII, Christi 1209.

PIERRE DES VAUX DE CERNAY. **Histoire Albigeoise**. Traduction par Pascal Guebin et Henri Maisonneuve. Paris :Librairie J. Vrin, 1951.

RAMON Lulio, **Libro del Orden de Caballería**. Colección Austral. Buenos Aires, 1949.

RIGORD, Maître François Guizot. **La vie de Philippe II Auguste**. Translated by Francois Guizot. Roma: Éditions Paleo. L' encyclopédie médiévale, 2003

SALISBURY, John. **Policraticus**. Cambridge University Press, New York, 2007.

BIBLIOGRAFIA

ALVIRA CABRER, Martin. **Guerra e ideología en la España medieval: Cultura y actitudes históricas ante el giro de principios del siglos XIII -Batallas de Las Navas de Tolosa (1212) y Muret (1213)**. 1483p. Tese (Doutorado em História) -Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2000.

ALVIRA CABRER, Martin. **La Cruzada contra los Albigenses: historia, historiografia y memoria**. Durango: Clio e Crimen, n 6, 2009.

ALVIRA CABRER, Martin. **Prisoners of War in the Albigensian Crusade, 1209-1229**. Cáceres: E-Strategica, 1, 2017.

ALVIRA CABRER, Martin. Simon et Pierre II d'Aragon. In **Simon de Montfort (c.1170-1218). Le croisade, son lignage et son temps**. Sous la direction de Martin Aurell, Gregory Lippiatt, e Laurant Macé: Brepols Publishers. Turnhout, 2010.

ALVIRA CABRER, Martin. Non prevaluit consilium Achitophel. Debates y decisiones del Cuatro Concilio de Letrán sobre la Cruzada Albigense. Revista Chilena de Estudios Medievales. Numero 9, enero-junio. Santiago, 2016.

AURELL, J. **Memoria dinástica y mitos fundadores: la construcción social del pasado em la Edad Media**. In: DACOSTA, Arsenio. et al. La conciencia de los antepasados, Madrid: Marciall Pons, 2014. p.303-334.

AURELL, Martin. **Noblesse au XIII siècle: paraître, pouvoir et savoir**. In: **Discurso, memoria y representación**. La nobleza peninsular em la Baja Edad Media. XLII Semana de Estudos Medievales, Navarra, 2015. P.7-32.

BEJCZY, I.P. **The Cardinal Virtudes in the Middle Ages**. A Study in Moral Thought from the Fourth to the Fourteenth Century. Brill. Boston. 2011

BALDWIN, J.W. **The Government of Philip Augustus. Foundations of French Royal Power in the Middle Ages**, University of California Press, Berkeley-Los Angeles-Londres, 1986

BELPERRON, M. **La croisade contre les Albigeois et l'union du Languedoc à la France**, 1200-1249, Paris, 1943.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 349-363.

CAMPI, Jesús Mestre. **Atlas de los cátaros**. Barcelona: Ediciones Península, 1997.

CARPENTER, David. **Magna Carta**. Penguin Publishers. London, 2014.

COSTA, R. A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (1275), de Ramon Llull. In: FIDORA, A e Higuera, J.G. (eds.) **Ramon Llull caballero de la fe**. Cuadernos de Anuário Filosófico - Série de Pensamiento Español. Palplona: Universidade de Navarra, 2001, p.13-40

CONTAMINE, P. **La noblesse au royaume de France de Philippe le Bel à Louis XII**. Presses Universitaires de France. Paris, 1997

COSGROVE, Walker Reid. **Pierre's crossing: violence and assassination in the South of France at the turn of 13th century**. In: KOTECKI, Radoslaw; MACIESJEWSKI, Jacek. (Eds.). **Ecclesia et violentia: violence against the church and violence within the church in the Middle Ages**. Cambridge Scholars Publishing, 2014.

CROUCH, David. **The Birth of Nobility. Constructing Aristocracy in England and France 900-1300**. Routledge. New York, 2014.

DOSSAT, Y. **"Simon de Montfort"**, Cahiers de Fanjeaux, 6, pp.281-302, 1969

DUARTE, M. R. R. A. ***Roma locuta, causa finita? A Construção da plenitude de poder e as estratégias políticas e aristocráticas no Languedoc (séc. XII e XIII)***. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2018.

DUBY, G. **As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Editora Estampa, 1994.

DUBY, G. **Une enquête à poursuivre: La noblesse dans la France Médiévale**. Presses universitaires de France. Paris, 1996.

DUBY, G. **Guillermo el Mariscal**. Alianza Editorial. Madrid, 1984.

FALBEL, NACHMAN. **Heresias Medievais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

FERNANDES, F.R. **A construção do conceito de monarquia medieval**. 2010. Apresentação de Trabalho.

FERNANDES, F.R. "A hesitação do herói". In: **Portugal 1385, quando um reino fez seu rei**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

FERNANDES, F.R. "Cruzadas na Idade Média" In: **História das Guerras**. Demétrio Mangoli, organizador. São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, F.R. **"Discursos e estratégias de poder na Idade Média Peninsular"**. In: Encontro Internacional de Estudos Medievais. Fortaleza, 2009.

FERNANDES, Tathyana Zimmermann. A obra *Sobre a Consideração* de Bernardo de Claraval (Capítulo 04). In: **O Ideal de Papa Proposto por Bernardo de Claraval no**

Tratado Sobre a Consideração. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2007.

FOURQUIN, Guy. **Senhorio e Feudalidade na Idade Média.** Edições 70. Lisboa, 1970.

GALÁN SÁNCHEZ, Pedro Juan. **El género historiográfico de La Chronica. Las crônicas hispanas de época visigoda.** Cáceres: Universidad de Extremadura, 1994.

GANSHOF, F. L. **O que é o feudalismo?** Publicações Europa-América. Sintra, 1968.

GILLINGHAM, John. **The Angevin Empire.** Arnold Publisher. New York, 2001

GRAHAM-LEIGH, Elaine. **Justifying Deaths: The Chronicler Pierre des Vaux-de-Cernay and the massacre of Béziers.** Pontifical Institute of Medieval Studies (63), 2001.

HOLT, J.C. **Magna Carta.** Cambridge University Press. Cambridge, 2015.

JIMÉNEZ, Pilar Sánchez. **El catarismo: nuevas perspectivas sobre sus Orígenes y su implantación em la Cristiandad occidental.** Durango: Clio e Crimen, nº1, 2004

KOVARIK, R.J. **Simon de Montfort (1165-1218), his life and work: A critical study and evaluation basead on the sources,** St. Louis University, University Microfilms, In. Ann Arbor, Michigan, 1963

LEKAI, Louis F. **Los Cistercienses: ideales y realidad.** Barcelona: Herder, 1987.

LEMAIRE, S. **“Une figure controversie: Simon de Montfort”**, Historama Special, 24, s.d, pp.54-61.

LIMA, Philipe Rosa de. **Negotium Fidei et Pacis no Languedoc. A Igreja e as relações de poder na Cruzada Albigense (1209-1229).** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2015.

LIPPIAT, G.E.M. **Implementing the negotium pacis et fidei: The Statutes of Pamiers, Heresy, and Social Order, 1212.** Oral Presentation. International Medieval Congress, University of Leeds. Leeds, 2013.

LIPPIAT, G.E.M. **Duty and desertion: Simon of Montfort and the Fourth Crusade.** Leidschrift, number 3, 2012.

LIPPIAT, G.E.M. **Simon de Montfort, lês cisterciens et les écoles: le contexte intellectuel dún seigneur croisé (1189-1218)**. Cahiers de Civilisation Médiévaçe, 61, 2018.

LYON, H.R. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1997

MACEDO, José Rivair. **Heresias, cruzada e inquisição na França Medieval**.

Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

MEDEIROS, Eduardo Luiz. **DE FILIPE II a FILIPE AUGUSTO, UMA ANÁLISE DA ESTRUTURAÇÃO DO PODER RÉGIO NOS TERRITÓRIOS DA MONARQUIA FRANCESA ENTRE OS ANOS 1180 E 1223**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015

MEDEIROS, Eduardo Luiz. **Simon de Montfort e a figura do Vassalo Perfeito na obra Historia Albigeoise, de Pierre des Vaux de Cernay**. (Monografia de Graduação). Universidade Federal do Paraná, 2006.

MESCHINI, Marco. **Bibliografia delle crociate albighesi**. Verona: Estratto da Reti Medievali Rivista, VII, 2006

MIATELLO, André Luiz Pereira. **O rei e o reino sob o olhar do pregador: Vicente de Beauvais e a realeza no século XIII**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.32, n 63, p.225-246, 2012.

MOCELIM, Adriana. **“SEGUNDO CONTA A ESTORIA...” A CRÔNICA GERAL DE ESPANHA DE 1344 COMO UM RETRATO MODELAR DA SOCIEDADE HISPÂNICA TARDO MEDIEVAL**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

MOORE, Jonh .C. **Pope Innocent III (1160/61-1216)**. Leiden. Boston, 2003.

NOEL, D.A.H. **Philip Augustus and the Ideological Development of Sacral Kingship in Medieval France**. 176 f. Thesis (Degree of Master). Queen’s University Kingston, Ontario, 2017

RAGUIN-BARTHELMEBS, Marjolaine. **Simon de Montfort et le gouvernement: Statut des femmes dans les Status de Pamiers (art 46) avant la Magna Carta**. MFF, VOL. 53 NO.2:38-90. Cidade de Iowa, 2017.

RIBEIRO, Daniel Valle. **Igreja e Estado na Idade Média. Relações de Poder.** Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

RHIEN, A. “La seigneurie de Montfort em Yvelines”, **Mémoires de la Société archéologique de Rambouillet**, vol. XXV, Paris-Versalles, 1910

RUNCIMAN, S. **História das Cruzadas. O Reino de Acre e as Últimas Cruzadas.** Imago. Rio de Janeiro, 2003.

STERNELD, R. **Historia de Francia.** Barcelona: Editorial Labor, S.A, 1935

ULLMAN, Walter. **Principles of Government and Politics in the Middle Ages.** Methuen E Co Ltd. London, 1974.

VAUCHEZ, André. **La Espiritualidad del Occidente Medieval.** Siglos VIII-XIII. Madrid: Ed. Cátedra, 1995

WELCH, Megan Cassidy. **Images of Bloof in the *Historia Albigensis* of Pierre des Vaux-de-Cernay.**Journal of Religious History, 2011

ZERNER, M.C and PIÉCHON-PALLOC, H. **La croisade albigeoise, une revanche. Des rapports entre la quatrième croisade et la croisade albigeoise.** *Revue Historique* T. 267, Fasc. 1 (541) (JANVIER-MARS 1982), pp. 3-18

Anexo I

Árvore Genealógica da linhagem de Montfort

